

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LUIZ EDUARDO FERREIRA PALMA

**PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E CULTURA HISTÓRICA DE JOVENS: UMA ANÁLISE A
PARTIR DOS DADOS DO PROJETO RESIDENTE (2019)**

**PONTA GROSSA
2024**

LUIZ EDUARDO FERREIRA PALMA

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E CULTURA HISTÓRICA DE JOVENS: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO RESIDENTE (2019)

Dissertação apresentado(a) para obtenção do título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Programa de Pós-graduação em História
Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Janaina de Paula do Espírito Santo

**PONTA GROSSA
2024**

P171 Palma, Luiz Eduardo Ferreira
Participação política e cultura histórica de jovens: uma análise a partir dos dados do projeto residente (2019) / Luiz Eduardo Ferreira Palma. Ponta Grossa, 2024.

91 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Janaina de Paula do Espirito Santo.

Coorientador: Prof. Dr. Luis Fernando Cerri.

1. Participação política. 2. Cultura histórica. 3. Ensino - História. 4. Aprendizagem histórica. 5. Didática da história. I. Espirito Santo, Janaina de Paula do. II. Cerri, Luis Fernando. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. IV.T.

CDD: 907

LUIZ EDUARDO FERREIRA PALMA

**PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E CULTURA HISTÓRICA DE JOVENS: UMA ANÁLISE
A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO RESIDENTE (2019)**

Dissertação apresentado(a) para obtenção
do título de Mestre na Universidade
Estadual de Ponta Grossa, no Programa
de Pós-graduação em História
Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Janaina de
Paula do Espírito Santo

Ponta Grossa, 25 de março de 2024.

Janaina de Paula do Espírito Santo –
Orientadora

Doutora em História
UEPG

Luis Fernando Cerri – coorientador
Doutor em Educação
UEPG

Rubia Caroline Janz
Doutora em História
Rede privada de ensino

Wilian Carlos Cipriani Barom
Doutor em Educação
UFPR

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é fruto do esforço de muitas pessoas, que ajudaram direta ou indiretamente na construção do mesmo. Por isso agradeço...

À minha esposa que pode me auxiliar em todo esse tempo de mestrado, seja nas aulas, na própria pesquisa ou momentos de dúvidas em relação ao curso. Também à minha família que me apoia desde o tempo da graduação.

Aos professores Janaina de Paula do Espírito Santo e ao professor Luis Fernando Cerri que contribuíram com ideias, conselhos e paciência para que tudo fosse desenvolvido e entregue a tempo.

Ao programa de pós graduação onde pude viver bons momentos de estudo.

Ao grupo GEDHI que fez parte de toda a trajetória dessa pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar a cultura história e política dos jovens respondentes ao questionário do Projeto Residente: Observatório das relações entre jovens, história e política na América Latina. Trata-se de um levantamento quantitativo baseado sobretudo na escala de Likert, com dados coletados em 2019 junto a milhares de alunos de 15 e 16 anos no Brasil e em outros países latino-americanos. A partir da análise da participação política dos estudantes da amostra brasileira, buscou-se traçar comparações entre os níveis de participação e atuação com o posicionamento político e as repostas dadas sobre História, ensino de história e política de maneira geral. Para realizar tais comparações foram necessárias a organização dos dados do Projeto Residente em gráficos e tabelas, além do uso de testes estatísticos como Kruskal-Wallis além de índices de correlação entre variáveis. A pesquisa em certa maneira confirmou a hipótese inicial, de que a participação política era capaz de gerar interferência nos padrões de repostas obtidos, mas revelou uma discussão ainda mais promissora, o impacto do neoliberalismo na cultura política, na experiência do real e conseqüentemente na experiência histórica desses jovens.

Palavras-chave: participação política; cultura histórica; ensino de história; aprendizagem histórica; didática da história.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo investigar la cultura histórica y política de los jóvenes que respondieron al cuestionario del Proyecto Residente: Observatorio de las relaciones entre jóvenes, historia y política en América Latina. Se trata de un estudio cuantitativo basado principalmente en la escala de Likert, con datos recolectados en 2019 de miles de alumnos de 15 y 16 años en Brasil y otros países latinoamericanos. A partir del análisis de la participación política de los estudiantes de la muestra brasileña, se buscó establecer comparaciones entre los niveles de participación y actuación con la posición política y las respuestas dadas sobre Historia, enseñanza de la historia y política en general. Para realizar tales comparaciones, fue necesario organizar los datos del Proyecto Residente en gráficos y tablas, además de utilizar pruebas estadísticas como el Kruskal-Wallis y coeficientes de correlación entre variables. La investigación confirmó en cierta medida la hipótesis inicial, de que la participación política era capaz de generar interferencia en los patrones de respuestas obtenidos, pero reveló una discusión aún más promisorio, el impacto del neoliberalismo en la cultura política, en la experiencia real y, consecuentemente, en la experiencia histórica de estos jóvenes.

Palabras clave: participación política; cultura histórica, enseñanza de la historia, aprendizaje histórico, didáctica de la historia.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Alguma participação sem movimento estudantil.....	39
Gráfico 2 - Alguma participação com movimento estudantil.....	40
Gráfico 3 - Comparação sobre a importância do esforço pessoal para a mudança da história.....	58
Gráfico 4 - Frequência e distribuição Interesse pela política.....	59
Gráfico 5 - Importância dos Movimentos e conflitos sociais para as mudanças nos últimos 40 anos.	60
Gráfico 6 - Importância da religião de acordo com os grupos	66
Gráfico 7 - Posicionamento político social nos grupos.	67
Gráfico 8 - Linha de tempo/ percepção de cada grupo	68
Gráfico 9 – Percentual de marcação "as coisas geralmente mudam para melhor. ...	72
Gráfico 10 – Percentual de marcação "as coisas geralmente vão de um extremo a outro".....	74
Gráfico 11- Percentual de marcação "as coisas geralmente tendem a se repetir"	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Frequência de respostas entre os grupos.....	55
Figura 2 - COMPARAÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ESFORÇO PESSOAL PARA A MUDANÇA DA HISTÓRIA.	58
Figura 3 - possibilidades de marcação da questão sobre as linhas do tempo	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Frequências das alternativas da questão 11.	36
Tabela 2. Relação entre alternativas com "movimento estudantil".....	37
Tabela 3 - Comparações de médias entre o interesse pela história e a importância da Democracia.	53
Tabela 4 - Correlação entre as variáveis Índice História interessante e "importância da democracia"	54
Tabela 5 - Relação entre História explica a sociedade x indivíduo enquanto sujeito histórico.....	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A FONTE, O CAMINHO E A DIREÇÃO: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO RESIDENTE	15
2.1 PROJETO RESIDENTE: UM QUESTIONÁRIO, INÚMERAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA.....	15
2.1 ABORDAGENS POSSÍVEIS SOBRE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA.....	23
2.3 MOVIMENTO ESTUDANTIL RECENTE E GRUPOS DE JOVEM DE IGREJA, POSSIBILIDADES DE PARTICIPAÇÃO.....	33
2.4 DISCUSSÃO METODOLÓGICA.....	36
3. CONSCIÊNCIA HISTÓRIA E POLÍTICA: INTERRELAÇÕES POSSÍVEIS	41
3.1 CULTURA HISTÓRICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....	42
3.2 CULTURA POLÍTICA, CONSCIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA.....	45
3.3 ANÁLISE DOS DADOS: PRIMEIRAS REFLEXÕES DOS DADOS.....	52
4. A AÇÃO POLÍTICA FRENTE AO NEOLIBERALISMO	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81
ANEXO A – QUESTIONÁRIO DO PROJETO RESIDENTE	85

1. INTRODUÇÃO

O percurso da ciência histórica foi uma constante luta pela própria autodeterminação enquanto ciência, seja para justificar sua importância em relação à sociedade altamente utilitária, seja para responder à angústia das historiadoras e historiadores tentando encontrar um lugar nesse mundo. Não são poucas as teses em teoria da história que se preocupam em pensar o que fazemos nós, historiadores, quando fazemos história. E essa pergunta se faz tão importante porque lembrar e encontrar raízes de justificativas dentro dessa sociedade é uma luta pela própria sobrevivência do ofício.

Para sobreviver, a história se entrincheirou nos lugares em que foi preciso, para justificar e explicar as principais demandas de seu tempo, questionar e estabelecer seus padrões, metodologias, conceitos, teses, esperando a recompensa de conhecimento útil e válido para assim sobreviver mais um dia. Porém a história, não é uma entidade que paira sobre nós. Ela é o que fazem dela, ou melhor, quem a faz, e deve se dizer que não foi a História quem se entrincheirou, quem morreu e matou, mas as pessoas de carne e osso por detrás de seus arquivos, pilhas de documentos, mesas de estudo, e atualizando as ferramentas, em frente aos seus computadores, nas salas de casa, de aula, de seus escritórios ou onde encontraram espaço para sentar, pensar e escrever.

Ainda o escrever história é uma luta pela sobrevivência, seja do historiador, seja daqueles que através do seu ofício são revelados. E é baseado nessa angústia que essa dissertação se insere, um exercício reflexivo e teórico de entender também um novo local para a história frente as múltiplas experiências do ser humano. Trata-se de uma dissertação de mestrado, e não tem pretensão de desvelar toda a realidade e nos próximos parágrafos, buscar-se-á apresentar os recortes teóricos e metodológicos em que irá se inserir, as reflexões possíveis a partir desses recortes e, com certo otimismo e esperança, apontar para novas possibilidades do fazer história.

Essa reflexão exposta aqui, é importante para ilustrar o movimento teórico que se pretenderá fazer: entender a partir das respostas de alunos do Ensino Médio, suas principais ideias históricas e políticas e compará-las a luz da sua própria experiência política. Trabalha-se aqui com uma perspectiva quantitativa e estatística, com as respostas de 3923 jovens de todo o Brasil, alocados em diversas escolas de 8 estados diferentes, alternando entre capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba e

idades do interior¹. Os colégios também variaram em: público central, de periferia, particular religiosa e particular laica, e também alunos do ensino de jovens e adultos. Essas respostas foram retiradas de um questionário aplicado que também continha, além de perguntas mais diretas sobre a história enquanto disciplina, as perspectivas políticas, opiniões e posicionamentos históricos, além de avaliações sobre suas aulas de história. Ao todo eram 34 perguntas de múltipla escolha e uma questão descritiva. Foi aplicado para alunos do Ensino Médio, durante o ano de 2019 e sistematizados naquele mesmo ano e seguintes. Durante a aplicação foi deixado claro, constando também no texto de apresentação desse questionário que as respostas não tinham caráter avaliativo, nem obrigatório, e nenhuma questão tinha respostas certas ou erradas. Esse é o projeto intitulado “Projeto Residente: Observatório das relações entre jovens, história e política na América Latina” (projeto Residente), que tem por responsável e coordenador o professor Luís Fernando Cerri (UEPG).

Dentro de todo esse universo de possibilidades, essa pesquisa utilizará apenas as respostas das questões que tratavam sobre o interesse e a importância dada a história enquanto disciplina, sobre os fatores de transformação social e cultural até o presente, e as expectativas de futuro desses estudantes, cruzando esses dados com o posicionamento e a participação política desses jovens².

Esse trabalho está inserido em uma perspectiva teórica do campo da Didática da História, entendendo que ela se preocupa com o desenvolvimento da consciência histórica na sociedade (Saddi, 2012). A consciência histórica, por sua vez, seria a soma dos pensamentos e modos de interpretarmos o passado no presente, gerando uma perspectiva de futuro, de ação e orientação (Cerri, 2001). Nesse sentido, seria parte da consciência humana que enfrentaria a dinâmica temporal e suas correlações. Parte, portanto, de uma concepção ampliada, que entende que não só nos espaços de sala de aula se confronta com a história, mas em todos os âmbitos da vida social, e que isso é extremamente importante para a própria dimensão de ensino de História em sala de aula.

¹ O questionário do projeto Residente, que será usado como fonte, foi aplicado nas cidades de São Paulo, SP, Eunápolis, BA, Diamantina, MG, Prudentópolis, PR, Londrina, PR, Cachoeira, BA, Jacarezinho, PR, Inajá, PR, Rio de Janeiro, RJ, Arapongas, PR, Feira de Santana, BA, Vitória da Conquista, BA, Papanduva, SC, Porto Alegre, RS, Governador Mangabeira, BA, Morrinhos, GO, Ponta Grossa, PR, Piraí do Sul, PR, Uberlândia, MG, Muritiba, BA, Nova Iguaçu, RJ, Curitiba, PR, Guarapuava, PR, Foz do Iguaçu, PR

² Esses posicionamentos são mapeáveis a partir de questões específicas dentro desse questionário e serão melhor explicitadas no capítulo 1 de maneira mais teórica e no capítulo 2 a partir da análise de dados.

As respostas dadas a esse questionário são a fonte primordial dessa pesquisa, que serão organizadas a partir de gráficos, médias, tendências, padrões ou diferenciações, se buscará entender se o posicionamento e a participação política desses estudantes poderiam estar relacionados com a cultura histórica, consciência histórica e cultura política desses mesmos sujeitos, com um olhar voltado para as interrelações entre esses conceitos e as consequências dessa relação. A partir das questões sobre participação política presente nesse questionário, será possível separá-los de acordo com a sua participação e não participação, criando dessa maneira as possibilidades de comparação.

O primeiro capítulo tratará da construção metodológica com a filtragem dos dados das respostas exclusivamente sobre participação política, criando subgrupos entre esses alunos para favorecer as análises posteriores. Essa metodologia é embasada tanto na dinâmica de divisão nos dados, quanto na própria bibliografia que apontará as principais características dos novos movimentos sociais, como podemos entender o conceito de participação política, outras possibilidades de pesquisas com a nossa mesma fonte, além de um resgate e reflexão sobre as possibilidades de interpretação social desse ator que é a juventude, ou como melhor podemos qualificar, juventudes. Esse capítulo é importante para entender que as premissas teóricas que serão refletidas nos capítulos seguintes têm bases empíricas sólidas e apresentam um contexto histórico e social que procuramos levantar e colocar em questão aqui. Ele também segue em primeiro por entendermos que é preciso entender o contexto inicialmente de nossos atores principais dessa dissertação, que são justamente os jovens respondentes do questionário do projeto Residente.

O segundo capítulo tem como objetivo refletir teoricamente e com os dados de nossa fonte, a relação entre a atuação e participação cultural e política, a cultura e a consciência histórica, e de que maneira essa relação poderia ser analisada sob a ótica dos dados dos jovens estudantes brasileiros que participaram do projeto. Para extrapolar essa relação, foram utilizadas diversas metodologias estatísticas, buscando evidenciar os possíveis entrelaçamentos entre as respostas dadas, a participação política e o posicionamento político desses estudantes. O intuito não é encontrar a resposta definitiva para uma questão teórica tão densa, mas criar construtos analíticos, hipóteses possíveis, cenários visualizados, tudo isso para ir ao encontro da própria questão de partida, revisando limites, propondo possibilidades de avanços e levantando mais questionamentos.

No terceiro capítulo se amarram duas questões já refletidas anteriormente, a relação entre história e política e o peso das estruturas sociais e econômicas na cultura, consciência histórica e memória, a partir da análise dos dados e do resgate de estudos sobre as pressões e dinâmicas da atual sociedade capitalista sob a forma do neoliberalismo. O espaço onde se permitem desenvolver as relações de aprendizado e usos da história, perpassam diretamente pela experiência temporal causada pela dinâmica do trabalho, da vida social e cultural, e, portanto, molda as possibilidades de sobrevivência do ensino de história. Essa dissertação, também pretende trazer contribuição ao ensino de história, refletindo sobre como espaços exteriores a sala de aula estão relacionados com o aprendizado e sentido dado a esse aprendizado, validando ainda mais o trabalho do professor, como figura importante nesse processo.

A história nasce das indagações e das experiências do presente do pesquisador que pode então, através da aplicação da metodologia adequada, investigar, recuperar e dar sentido a um passado trazido à tona no presente. Dessa maneira, não há como escapar das indagações do presente do autor. Essa pesquisa surge após o trabalho de conclusão de curso de graduação em que foi investigada a relação entre a consciência histórica e política em estudantes que participaram das ocupações de seus colégios públicos em 2016, momento de bastante efervescência política que agitou a cidade de Ponta Grossa e muitas outras no Paraná³. Como estudante do Ensino Médio, participei ativamente desse episódio em meu colégio e tive como um marco de mudança de consciência da sociedade e também no futuro curso que iria escolher.

Dentro da graduação em História, na UEPG, segui buscando compreender aquela experiência a partir das lentes dessa ciência que ia aprimorando ano a ano. Nesse sentido optei por enquadrar o trabalho dentro do escopo teórico da Didática da História, que pretende investigar a consciência histórica na sociedade, atrelando isso as ocupações. Com o trabalho de conclusão de curso concluído, entendi como importante seguir dentro da mesma reflexão, mas aumentando seus limites e problematizações.

³ As ocupações tinham entre outros objetivos se opor as medidas implantadas pelo então governo de Michel Temer como a reforma do Ensino Médio e a Pec de contenção de gastos, e pode ser melhor compreendida a partir de autores como Groppo (2016).

O projeto inicial dessa dissertação seria aplicar o mesmo questionário do projeto Residente, que será melhor detalhado em breve, para estudantes da cidade de Ponta Grossa, que participaram e não participaram das ocupações e refletir sobre se as respostas frente às mesmas questões sofreriam impacto por aquela experiência. Porém, devido a situações de âmbito pessoal, não foi possível se manter dentro desse modelo de pesquisa, uma vez que agora, tempos depois das ocupações, os alunos estão possivelmente espalhados por diversos locais da cidade, sem necessariamente localizá-los de uma única vez, o que demandaria tempo, que fora comprometido e tornou a pesquisa, da maneira como estava desenhada, impossível de ser feita.

Mas a articulação teórica, que buscava seguir com a interrelação entre prática e participação política e consciência histórica, poderia ser adaptada para outros conjuntos de fontes, restando adaptar a metodologia necessária. Nesse sentido, com o auxílio do professor Luis Fernando Cerri, a questão central da pesquisa foi adaptada para investigar o conjunto de dados do Projeto Residente.

2. A FONTE, O CAMINHO E A DIREÇÃO: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO RESIDENTE.

O objetivo desse capítulo é apresentar a fonte primordial desse trabalho, e as maneiras pelas quais se pretende caminhar com ela nos dois próximos capítulos dessa dissertação. É importante refletir sobre como dados, podem nos revelar faces inéditas de âmbitos teóricos dessa nossa ciência, mas para isso é importante saber exatamente o que se pretende buscar, quais as perguntas fazer, o que se pode esperar e os limites que isso pode ter.

Com essa intenção esse capítulo tem a ideia de apresentar o projeto que possibilitou a geração desses dados de análise, apresentando um breve histórico e também usos e apropriações feitas por outras pesquisadoras e pesquisadores. É importante para além da maneira como era realizada a abordagem com os dados da pesquisa em si, mas a utilização de conceitos que são de certa maneira também trabalhados nessa dissertação.

Em um segundo momento, uma discussão acerca da participação política, primeira conceituação dentro da questão central de pesquisa dessa dissertação, e que será confrontada posteriormente com a fonte de pesquisa. E para finalizar, a explicação metodológica de como os dados dessa pesquisa serão trabalhados de modo a responder as indagações dessa dissertação.

2.1 PROJETO RESIDENTE: UM QUESTIONÁRIO, INÚMERAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

O “Projeto Residente: Observatório das relações entre jovens, história e política na América Latina”⁴ é um projeto que envolve além da UEPG outras instituições de ensino dentro e fora do Brasil e tem o grupo de estudos em Didática da História como o seu representante aqui na cidade de Ponta Grossa. Conforme refletido por Wilian Barom (2019), o uso de fontes quantitativas para investigação da consciência histórica na sociedade, já foi amplamente empregado por pesquisadores referência nessa área, como os trabalhos sob a coordenação de Bodo Von Borries, com a pesquisa “Youth

⁴ A partir desse momento passará a se referir a esse projeto apenas como “Projeto Residente”.

and History”. De maneira resumida, os questionários eram compostos por questões com respostas baseadas na escala Lickert, (com as seguintes opções: “discordo completamente, discordo, nem concordo, nem discordo, concordo e concordo completamente), às quais foram colocadas em uma pequena escala numérica, (do “-2 ao 2”). Através dessa convenção foi possível realizar análises de frequências, médias e outros indicativos de resposta.

O projeto foi então pensado e adaptado, a partir desse trabalho europeu acima mencionado, produzindo duas primeiras versões, retirando algumas questões que não faziam sentido para análises nacionais: Os jovens diante da História (2007- 2010), os jovens e a História no Mercosul (2011-2016). Para a atual versão, foram excluídas questões das primeiras versões do projeto Jovens e a História no Mercosul, e adicionando algumas questões do teste da bússola política ⁵, para possibilitar a investigação sobre cultura política e consciência política desses jovens investigados. As questões se concentram em entender como os jovens lidam com problemas, dilemas e situações da sociedade, além de perguntas sobre como entendem a disciplina da história, e como enxergam a mesma, em sala de aula. Da multiplicidade de questões, cada pesquisa que foi realizada utilizando esses dados, escolhia aquelas que mais faziam jus a suas questões investigativas, onde se traçavam perfis desses alunos respondentes, objetivando investigar a consciência histórica na sociedade, e seus impactos também na sala de aula.

Os dados podem ser utilizados para reforçar uma discussão teórica sobre o ensino de história diretamente, como no trabalho de Cruz e Cerri (2021) em que, a partir das respostas sobre os interesses dos alunos por temas da história, se elaborou uma importante discussão demonstrando que esse interesse e carência de orientação identificada com temas mais recentes da história do país vão na contramão das propostas pedagógicas recentes impostas via implementação da Base nacional Comum Curricular. Ele aponta uma discussão relevante para essa dissertação, demonstrando que os jovens investigados enxergam na história alguma inteligibilidade e sentido prático, e que as pressões da cultura histórica relacionam diretamente com a compreensão e entendimento do presente.

⁵ Por ser também um importante tema que será utilizado nessa dissertação, a explicação sobre do que se tratam essas questões e de como elas foram adaptadas ficará mais bem descrita no capítulo seguinte. Mas para uma breve introdução, a bússola política é um trabalho que busca mapear os posicionamentos políticos e ideológicos a partir das respostas dadas sobre ideias políticas, temas polêmicos sociais e posicionamentos econômicos.

Uma outra abordagem já realizada com os dados, foi a proposta trazida por Klüppel (2020), que realiza uma investigação a partir das respostas desses jovens sobre seus posicionamentos políticos, enquadrando-os dentro da bússola política, investigando especificamente as novas direitas e o impacto dessas ideias sob aqueles jovens. Ele revela uma outra abordagem, a posição dos estudantes frente a uma questão da sociedade, e refletindo sobre temas sociais e políticos, não necessariamente voltados a uma prática em sala de aula, adotando uma posição ampliada da didática da história. Outra contribuição é sobre a perspectiva adotada metodologicamente, que foi a separação para análise sobre a participação política desse grupo ideologicamente a direita analisada, sobre a maneira como a divisão de gênero impactou na diferença de respostas, ponto que pode acrescentar um novo olhar sobre a perspectiva dessa dissertação.

Como outras possibilidades de pesquisa, podemos citar os trabalhos de dissertação de Mariana Gaspar (2022), que utiliza os dados do projeto Residente aliados a outros questionários aplicados a seu grupo de alunos investigados para refletir sobre o uso do Livro didático em sala de aula, de modo a perceber a importância disso na construção da cultura histórica brasileira, e reforçando como os estudantes são agentes ativos nesse processo de aprendizagem. Já na análise de Ribas (2021), o uso dos dados também foi feito de modo comparativo, entre as amostras restritas à cidade que investigava, Piraí do Sul, com relação à média nacional. Foi testada então uma série de comparações para investigar os temas mais importantes debatidos em sala e a mobilização das dimensões da cultura histórica em seus alunos. Para além das respostas ao questionário, realizou também a observação etnográfica como professor pesquisador. Em comum nessas duas pesquisas podemos observar o complemento das fontes dos dados do projeto Residente com outras produzidas de maneira específica sobre o objeto estudado e a articulação com outros teóricos historiadores ou sociólogos.

O GEDHI⁶, em seus últimos eventos como no Encontro Nacional de Didática da História, utiliza profusamente os dados do projeto Residente, apresentando inúmeras ideias de pesquisas e novas problemáticas e limites dos dados tem aparecido. Costa (2021) analisou a versão do questionário respondido pelos

⁶ Grupo de estudos em Didática da História, grupo de pesquisa em ensino de história e didática da história, é atualmente vinculado ao Programa de Pós Graduação em História da UEPG (www2.uepg.br/gedhi).

professores, apontando algumas possibilidades de pesquisa como o cruzamento entre o tempo em que concluiu a sua formação inicial e a maneira como organizam a suas próprias aulas de história. Janz (2023), a partir da correlação entre as respostas dadas a algumas questões específicas desse questionário, elaborou uma discussão sobre como as representações positivas e negativas da ditadura estavam relacionadas a utilidade dada ao conhecimento histórico, utilizando o teste estatístico de correlação, mostrando como os dados apresentam na questão que versa sobre o compreensão desses alunos sobre o período ditatorial, uma distribuição coerente dentre as respostas, em pelo menos dois grupos distintos entre si, posteriormente compara isso às questões relativas à função e sentido dados a disciplina história.

Dentro da temática sobre ensino de história e política, Klüppel (2021), analisa os dados sob a ótica do nacionalismo, tentando apresentar as características específicas desse, nos dados recolhidos e a possível correlação com a posição política desses jovens, e a região onde moravam, usando para isso dados de três cidades do interior do estado. Esse trabalho pretende realizar uma ideia parecida, que é a de utilizar uma variável de grupos ou de fator (indivíduos estão em um grupo ou em outro) para verificar a possibilidade de mudança das respostas, a principal diferença é que nesse trabalho citado, se utilizam apenas técnicas descritivas, o avanço da dissertação é tentar validar o uso de testes mais complexos de comparação.

Existem trabalhos como o de Martins (2020), que buscam refletir sobre a dimensão estética da cultura histórica através da relação entre o gosto e a confiança sobre os locais mais privilegiados de se aprender a história, ressaltando o papel ativo do professor nesse processo. Ainda em um novo trabalho, Klüppel e Cruz (2022) oferecem um interessante cruzamento entre as perspectivas temporais desses estudantes, noção sobre o passado, presente, futuro, e a relação disso com a utilidade do ensino de história, extraíndo uma grande reflexão sobre como os estudantes que tendem a uma visão do progresso na história, se posicionam frente ao passado de maneira a adotar explicações mais tradicionais para a Idade média, revolução industrial, e período da colonização da América, enquanto que os jovens que tendiam a concordam com a ideia de constante mudança ou de repetição de ciclos adotavam perspectivas mais críticas a esses temas. Também segundo essa mesma divisão, os jovens do segundo e terceiro grupo em média tenderam para uma valorização maior da história enquanto disciplina e a posicionamentos favoráveis a políticas de

compensação, como as cotas para negros e indígenas. Um ponto importantíssimo que é alcançado aqui em relação à teoria da didática da história é a íntima relação entre a percepção de passado, com as práticas no presente e perspectiva de futuro.

Esse breve levantamento de obras que utilizaram dessa mesma fonte de dados, no qual estamos refletindo aqui para além de um mero posicionamento de nossa pesquisa, em relação as demais que já foram realizadas, o que se busca é encontrar ancoragens metodológicas que possam auxiliar em nossa própria pesquisa. Nesse sentido, a obra: “Cultura Histórica, Cultura Política E Ensino Em Nuestra América”, organizada pelo professor Cerri, tem como objetivo reunir trabalhos que utilizaram os dados do projeto residente não só aqui no país, como também os dados da Argentina, Uruguai, Chile, México variando o questionamento entre cultura e consciência histórica e cultura política. Nele é possível encontrar trabalhos como o de Escalante e Servin (2022), que buscam descrever a relação dos jovens de uma cidade do México entre as aulas de história, suas concepções do passado e do presente, além de uma reflexão sobre personagens importantes na história do seu país. Nas amostras analisadas por Seabra e Pereira (2022), é possível perceber o peso da história local nas articulações das respostas dos alunos, nessa metodologia, os autores comparam as médias locais com as médias nacionais para apresentar a reflexão de como a noção e o aprendizado histórico são influenciados pelo local.

Aguero, Paredes e Dias (2021), vão se dedicar a analisar as representações dos heróis nacionais, e o impacto do militarismo sobre a memória, na cultura histórica e política no Peru. Quirici e Cavana (2021), farão um trabalho semelhante a partir da reflexão sobre os heróis nacionais uruguaios e a fundação nacional se utilizando politicamente da disciplina histórica e dos impactos disso ainda na atualidade. Cerri e Cervi (2021), realizarão as análises com uma maior variação de técnicas e testes estatísticos, (coeficiente qui quadrado para verificar semelhanças entre fatores, análise de resíduos e verificação das variâncias, entre outros modelos), para tentar relacionar o posicionamento político desses jovens com o ensino de história. Como já apresentado isso foi um dos diferenciais do questionário, onde se poderia observar questões relacionadas ao posicionamento político e ideológico desses estudantes, esse trabalho se faz ainda muito importante para essa dissertação, por reforçar a relação entre Cultura histórica e política.

O trabalho de Prado, Marques e Nunes (2022), resgata uma análise específica da cidade de Vitória da Conquista, investigando também sobre cultura política,

juventudes, e participação política. A metodologia empregada pelos autores, de analisar as interligações das possibilidades de participação política, é, de alguma maneira, emprestada nessa dissertação. Um dado que se repete tanto em nossa investigação quanto a desse trabalho é a heterogeneidade de participação política atual, nesse sentido, concordamos que:

Compreende-se serem as juventudes uma representação e uma fase heterogênea na vida, como o uso do termo plural denota, por isso, estão sujeitos a uma vivência em multiplicidades. Entretanto, no tocante à militância ou à participação social, os indicadores apontam para a dificuldade de identificação com os termos e a dissociação do que se discute em redes sociais ou nas igrejas quanto ao que se entende como instância política (Prado; Marques; Nunes, 2022, p.146)

Ainda refletindo com trabalho de Barom (2019), a metodologia traçada aponta um caminho a ser pensado onde os dados do projeto apresentem maiores informações e possibilitem um diagnóstico ou uma melhor construção de hipóteses, e o fortalecimento ou desmoronamento delas. Desse modo, propõe para além do uso das médias das respostas, uma análise mais profunda das frequências, os desvios da média e a correlação entre diferentes perguntas na busca por um perfil de respostas. Portanto, nesse trabalho adotaremos essa orientação proposta, tentando sempre aprofundar as respostas obtidas pelo software SPSS, tendo em vista sempre que o direcionamento dessa ferramenta e as perguntas a serem extraídas dos dados fazem parte do trabalho do historiador também. As fontes no processo do historiador são sempre como o interrogado culpado, prefere o silêncio para esconder sua verdade, cabe ao interrogador elaborar as melhores perguntas para revelá-lo.

As médias obtidas são as somas de todas as respostas convertidas em formato numérico, ou seja, “-2”, “-1”, 0, 1 e 2 (do menor grau de concordância ou interesse ao maior, sendo o 0 a neutralidade) dividido pelo número de respondentes. Ela é capaz de indicar não a resposta definitiva daquele grupo sobre a questão analisada, mas a direção para qual as respostas se encaminham. Porém, um problema que essa média poderia apresentar, e com um olhar menos cuidadoso, até mesmo incorrer em respostas não tão verdadeiras sobre o grupo estudado é melhor elaborado por Barom (2019, p.255):

Convém trazer para a argumentação esta problematização das médias, pois, quando se trata do pensamento histórico e do posicionamento político dos jovens, concluir que, a exemplo, os jovens “concordam em partes” (média “0”)

com a afirmação de que a “democracia é um governo fraco e não serve em tempos de crise”, efetivamente, não é a mesma coisa do que uma alta quantidade de jovens que concordem e, também, ao mesmo tempo, uma alta quantidade de jovens que discordem completamente desta afirmação. Pois, a neutralidade homogênea geraria um tipo de ação no mundo e os posicionamentos radicais outras ações

Nesse caso, para evitar esse tipo de problema, é preciso analisar também a frequência dessas respostas e como elas se comportam com relação à média, para entender se de fato esse grupo traz uma resposta homogênea ou não, umas das maneiras e a adotada para esse trabalho é a realização do histograma⁷.

Outra metodologia já utilizada em trabalhos com o projeto Residente, que será de alguma maneira emprestada aqui, também traz referência a um outro trabalho de Barom (2021), que analisa 3 estereótipos sociais de nacionalistas, individualistas-conservadores, e defensores da família, confrontando as expectativas de respostas que se imaginaria desses grupos com a realidade obtida através do questionário do projeto residente. Nesse trabalho, esses estereótipos são tratados como “perfis” e se elaboram então uma série de cruzamento de informações, traçando semelhanças entre as respostas desses grupos.

A ideia central dessa pesquisa é que os estudantes que indicaram que tem algum tipo de participação política, trariam respostas diferentes do que grupo de alunos que afirmou não ter essa participação, para tanto, os dados serão subdivididos em grupos menores, referentes às combinações possíveis, e serão analisados os comportamentos desses grupos frente às mesmas questões para desse modo estipular algum tipo de comparação ou diferenciação.

Para finalizar a discussão metodológica, e podermos partir para de fato, na análise de dados encontrar esse elemento humano, necessário em um trabalho de história, é importante deixar aqui algumas proposições metodológicas que articulam os conceitos e métodos tratados nos tópicos anteriores e mesmo nesse aqui. O primeiro deles é que a questão motivadora da pesquisa parte da ideia de compreender os elementos políticos na história, e o contrário e estabelecer uma correlação com a vida prática, concordando com Cerri (2021, p.63):

Analogamente, embora exercer ou sofrer a ação do poder esteja em todos os âmbitos da vida social, a cultura política se refere a orientações para atos ou objetos referentes ao agir/ sofrer ação em relação ao poder, especialmente em termos de coletividades, ainda que se possa falar em micropolítica. É

⁷ Gráfico que apresenta de modo claro, a linha média das respostas e a distribuição das mesmas para cada pergunta.

exatamente o fato de que há um forte componente histórico na cultura política e um forte componente político na cultura histórica que estamos postulando neste texto.

Ainda dentro desse texto, o autor propõe interligações entre os tipos de cultura política com os modos de constituição de sentido, por exemplo, a maneira de lidar com a política de forma paroquial, poderia estar ligada com o modo tradicional de cultura histórica, já que podemos perceber no decorrer do desenvolvimento das sociedades a necessidade de desenvolver uma consciência histórica que fosse capaz de se ligar com a alteridade para a constituição do estado nacional, que ao menos nos postulados dessa teoria que abordamos, dentro do modo paroquial e tradicional não seria possível. Outra ligação também aparente é encontrada entre o modo genético, ou seja, aquele que adota as perspectivas científicas de relação com o passado e o modo participativo de cultura política, que procura a transformação da sociedade, se entendendo como parte do todo, sofredor e atuante das mudanças e permanências, essa consciência ampliada, exigiria uma consciência histórica mais complexa que os modos “tradicional” e “exemplar”⁸.

Outra ressalva é sobre o uso da matemática e da estatística para a produção de um trabalho historiográfico, já que pode se imaginar que no meio de tantos gráficos e teorias não restem elementos humanos para caracterizar essa como uma pesquisa de História. Porém, vale lembrar que também em pedaços de papel, quadros ou filmes, quem dá a perspectiva histórica e a contribuição dessa nossa ciência são os historiadores que a fazem. Aqui a estatística e a matemática são usadas como ferramentas para elucidar fenômenos e padrões que talvez não ficassem aparentes em pesquisas qualitativas, contrário também pode ser verdadeiro, portanto, é preciso pensar em uma perspectiva de integração entre os dois modelos (Cerri, 2016).

Apesar de trabalharmos com números, não se pretende aqui provar de maneira irrefutável os enunciados e as reflexões criadas, e mesmo que a análise ocorra a partir de criações de variáveis, a reflexão tem que englobar a constituição da mesma e não apenas os seus resultados. A ciência histórica, sofreu em seu início tentando se enquadrar em um padrão científico diretamente importado das ciências naturais, mas o desenvolvimento do nosso campo científico já nos permite lidar com certa

⁸ Os conceitos de modo tradicional, genético e exemplar, serão melhor abordados no próximo capítulo e referem-se, a partir das contribuições teóricas de Jorn Rüsen, a modos de constituição histórica de sentido. (Rüsen, 2015, p.254). Já os conceitos de modo ou forma paroquial e participativa, referem-se as contribuições de Almond e Verba, e são tipos de consciência política. (Almond; Verba, 1989).

maturidade com ferramentas e postulados de uma outra maneira (Cerri, 2016). Os números nesse trabalho vão auxiliar na construção metodológica, que se adapta para o desvelar do objeto e a possibilitação crítica de uma reflexão científica e histórica.

Esse seria o pano de fundo de uma pesquisa que pretende investigar como os estudantes, que respondendo ao questionário do projeto Residente, enxergam a sua participação política e a correlação com a sua impressão sobre outros temas relacionados, como a sua percepção sobre a história, sua relação com o passado, sua afinidade com determinados posicionamentos políticos, entre outros. A hipótese central é a de que a participação política irá, de alguma maneira, influenciar nas respostas dos estudantes sobre essas questões já levantadas. A ideia será conseguir dividir os estudantes participantes, a partir da sua resposta a questão 11 desse questionário que traz em seu texto a seguinte pergunta:

‘Sobre sua participação social ou política marque as alternativas que se referem ao seu caso. Nesta pergunta você pode marcar mais de uma opção’, e possuía como alternativas: a) Movimento estudantil; b) Militância político-partidária; c) Movimentos de reivindicação social (moradia, transporte etc.); d) Discuto e compartilho temas políticos nas redes sociais; e) Grupos de jovens na igreja; f) Grupos ambientalistas; g) Movimentos étnico-raciais; h) Movimentos de identidade de gênero; i) Movimentos políticos não vinculados a partidos; j) Não participo de nenhum movimento social ou político. (Projeto Residente, 2019).

Nesse sentido, as respostas obtidas pelo questionário do projeto Residente, que foi aplicado a jovens do Brasil e outros países da América Latina, durante o ano de 2019, serão trabalhadas a partir da análise de dados e das correlações entre as respostas obtidas.

2.1 ABORDAGENS POSSÍVEIS SOBRE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

É importante lembrar que os estudos sobre participação política da juventude, ganharam novas demandas a partir dos movimentos da própria sociedade. Com jornadas de junho em 2013⁹, o movimento de ocupações de colégios públicos que surgem a partir daí, e se concentram principalmente nos anos de 2015 e 2016,

⁹ Popularmente chamadas de “jornadas de junho”, referem-se aos movimentos iniciados em junho de 2013, a partir de movimentação popular que inicialmente questionavam temas como mobilidade urbana e políticas públicas e acabam em uma profusão de atuações sociais, com participações de movimentos da extrema direita e questionamentos acerca do governo da então presidente Dilma Rousseff.

conforme propõe Groppo (2016) em sua divisão sobre esse processo político. Nesse sentido, pode-se notar uma pluralidade maior dentro das participações políticas e uma constante busca pela horizontalidade. Também se reforça a atuação em novos movimentos sociais, ou mesmo, espaços de atuação coletiva, o que não significa dizer que os espaços mais clássicos desaparecem, mas que, também são chamados a reorganizar-se a partir das novas demandas. (Sposito; Tarábola; Ginzler, 2021).

O estudo de Sposito; M. P.; Tarábola, F. de S.; Ginzler, F (2021) busca entender como jovens paulistas universitários, do ensino médio e jovens que atuaram politicamente nas ocupações de seus colégios no ano de 2015, definiam e davam significado a sua própria participação política. Nele há alguns pressupostos e conclusões levantadas pelos autores que são significativos para essa dissertação.

A primeira ideia trazida, é a de que as sociabilidades e própria individuação, ou a fabricação das subjetividades contemporâneas, está intimamente ligada com as estruturas neoliberais que se consolidam e ganham formas e conteúdo principalmente a partir da década de 90 no Brasil. Num primeiro momento essa ligação se dá porque junto com essa nova dinâmica social e econômica, surgem novos moldes de participação política:

(...) diante desse quadro adverso, eclodem, desde o início do século XXI, novas formas de protesto social que também demandam outras possibilidades de análise sobre as subjetividades e formas de relação dos indivíduos com os agrupamentos da esfera pública. (Sposito; Tarábola; Ginzler, 2021, p.3).

De maneira resumida a autora organiza três posicionamentos sobre as novas formas de atuação, conceituando uma ideia de nova conformação do militante a partir de Pudal (2011), a tensa relação entre vida privada e vida pública, e os compromissos do mundo contemporâneo tornando muitas vezes impossível a participação a partir de Ion, (2011) e Passy & Giugni, (2000), e outra percepção muito interessante que emerge desses textos seria o fenômeno do desengajamento e defecção trabalhados por Fillieule (2015).

Esse primeiro recorte metodológico, exemplificado e escolhido a partir dos dados também podem ser refletidos a partir das recentes discussões acerca da participação política. Um trabalho importante nas últimas décadas, que estuda a participação política e os movimentos sociais, é o da professora Maria Glória Gohn (2019). Analisando essa temática, questiona como os movimentos sociais reagem frente às

desigualdades implantadas pelo atual sistema de exploração que vivemos. Apontando como o neoliberalismo tira as principais estruturas sociais e públicas de amparo a população e assevera as condições de desigualdade, e questionando de que maneira a sociedade consegue se organizar e reagir a isso. Também podemos entender participação a partir de três níveis de compreensão, teórico, político e da prática social, o primeiro se refere às pesquisas sobre o tema, e tem como característica uma grande ambiguidade e divergência sobre as maneiras a serem analisadas e as consequências dessa análise. A segunda refere-se sobre o uso do termo em processos de democratização, e uma última possibilidade seria o uso como um “termo mistificador”: “em busca da mera integração social de indivíduos, isolados em processos que objetivam reiterar os mecanismos de regulação e normatização da sociedade, resultando em políticas sociais de controle social” (Gonh, 2016, p.16-17.). E a terceira possibilidade é de fato a análise a partir das práticas, atuações, perspectivas e organização desses espaços de atuação. Para uma melhor compreensão da nossa fonte, que apresenta a característica de diversos movimentos sociais, traremos agora a contribuição sobre as possibilidades de compreensão teórica do assunto e na sequência, já buscando uma maior relação com os jovens investigados, um pouco das pesquisas que já trabalharam sobre a perspectiva da prática social.

Essa temática pode ser revisitada a partir de diversas contribuições, de modo geral podemos entender que essa reflexão já existe desde a Grécia Antiga, e com o desenvolvimento das ciências sociais no século XIX, também é incorporada para a discussão. No início do século XX, autores como Cole (1920) e Laski (1951) teorizam sobre a participação política enquanto elemento necessário para o aprendizado da democracia, imaginando maneiras de organização coletiva para o desenvolvimento da sociedade, desde participações mais locais, até uma organização nacional. (Gonh, 2019). A participação enquanto associação, é um direito resguardado a partir das grandes compreensões filosóficas de direitos humanos, sendo a burguesia precursora do uso desse direito, e as camadas populares por sua vez, irão tensionar essa prática, para alcançar isso já na contemporaneidade.

Dentro da Sociologia esse conceito pode ser entendido também como aliado ao conceito de exclusão. Dessa maneira existem os que participam e os que não participam e, portanto, não estão integrados na sociedade. Há também no período da ditadura, um tensionamento desse conceito alargando a preocupação para a participação política da sociedade civil. Dentro da ciência política esse conceito pode

estar ligado também a participação cidadã ativa, em uma ligação com o sistema político como a participação em eleições e outras formas de delegação política. (Gonh, 2019).

Podemos entender também a participação social como um cálculo entre custos *versus* benefícios, nessa abordagem se reflete sobre a participação ou não de acordo com aquilo que se pode ganhar em troca. Complexificando esse pensamento e gerando assim uma segunda abordagem, a posição econômica e social e o circuito mais próximo desse indivíduo é levado em consideração, para analisar a participação política a partir da busca de benefícios e recursos, sociais, financeiros, ou de poder, entendendo como o espaço inicial de sociabilização poderia interferir na participação política. (Gonh, 2019).

De maneira mais recente, uma nova contribuição das ciências sociais para compreensão dos movimentos sociais, seria a perspectiva de compreensão do fenômeno da participação política a partir da identidade dos participantes, o que surge para tentar explicar a existência e atuação dos chamados “Novos Movimentos Sociais”, que seriam os movimentos de gênero, étnico raciais, entre outros que vem se fortalecendo ainda mais nas décadas recentes.

Essa abordagem é importante para nossa dissertação por entender que o relacionamento entre as diversas participações com os movimentos mais tradicionais compõe o cenário do nosso grupo “alguma participação com movimento estudantil” demonstrado na figura 07. Nesse sentido, parte de um conceito trabalhado por Allain Touraine, filósofo francês que investiga os processos sociais e políticos na modernidade latino-americana, a partir de suas definições o participar político amplia a própria democracia, e por isso tem ampla relação com a própria cultura e história:

Assim, a dimensão que se relaciona com a particular modernidade latino-americana funciona como telão de fundo para esses debates centralizadores nas análises do dito autor. Isso significa que um diálogo parece estabelecer-se entre democracia e sujeito social, já que a ampliação de um é também a ampliação do outro. A ideia de democracia, para Touraine, não se materializa unicamente no conjunto de garantias institucionais e formais, mas sim representa a luta dos sujeitos, na sua cultura e sua liberdade, contra a lógica dominadora dos sistemas sociais. Nessa concepção, resulta importante que os sujeitos protejam sua memória e que possam combinar o pensamento racional, a liberdade pessoal e a identidade cultural. Dessa maneira, a democracia deve tratar de seguir dois caminhos: por um lado, criar espaços para a participação cada vez mais perceptíveis e, por outro lado, garantir o respeito às diferenças individuais e ao pluralismo. (Warren; Gadea, 2005, p.41).

O que se propõe, é analisar como sujeito social na América Latina o movimento social, por entender que devido às questões sociais e históricas específicas de nosso continente, essa categoria seria capaz de unificar as múltiplas dimensões e pressões culturais e sociais, melhor que outros conceitos ou categorias como as classes sociais. Ele também estabelece uma relação entre os referenciais de subjetivação, como aspectos culturais e identitários e a centralidade desses elementos na construção dos movimentos sociais na contemporaneidade (Warren; Gadea, 2005). Nesse sentido se estabelece aqui uma interessante ligação com esse trabalho, já que dentro de nossa questão central postulamos que há uma relação entre memória, história e identidades, a partir da consciência histórica¹⁰. Para os novos movimentos sociais, conforme postulado, a identidade dos sujeitos é relacionada com projeto maior que o próprio movimento carrega e por isso deveria favorecer o relacionamento da compreensão desses sujeitos enquanto partes de um todo, em certo sentido, fazê-los compreender-se de uma maneira maior como parte do processo histórico.

Seguindo com as possibilidades de compreensão sobre os movimentos sociais, temos a compreensão crítica de que está ligada à ideia de justiça social, a partir da ação comunicativa de Habermas, que amplia a definição de democracia para além das possibilidades institucionais, mas também a aspectos culturais e outros lugares de convivência. Uma outra possibilidade seria a partir da teoria marxista, estudando os processos geradores dos movimentos sociais, atrelados a conceitos fundamentais como classes sociais, e luta de classes. Nessa concepção se trata não do estudo das revoluções em si, mas do processo histórico e contraditório do desenvolvimento e das lutas dos atores sociais originadores dos movimentos sociais. Essa abordagem vem ganhando atualizações e destaque ao relacionar essa percepção com novos movimentos sociais, segundo Gonh (2019), ela se destaca em importância por ser a única abordagem a levar em conta os processos econômicos como geradores da desigualdade, critério essencial para compreensão histórica dos países latinos.

Atualmente uma determinada questão chama atenção, a relação entre movimentos sociais e as redes sociais. Teoricamente um expoente que trabalha essa interpelação, principalmente nos movimentos sociais da América Latina é Fernand Castels. Partindo de uma leitura de poder ainda inspirada na abordagem marxista, entendendo que a relação entre mídias sociais, e a divulgação das informações estão

¹⁰ Essa ideia será melhor desenvolvida nos próximos capítulos.

relacionadas com os detentores dos meios de produção dessa sociedade, coloca um outro elemento para compreensão dos movimentos sociais, que seria a comunicação entre os indivíduos, atentando para como as grandes organizações sociais na realidade são compostas por indivíduos. Na visão de Gohn (2019), ele consegue levar em consideração o micro da história sem ignorar os efeitos e a importância do macro.

Para Castels a era das redes sociais e das tecnologias da informação, formaram uma nova categoria de movimentos sociais (Castels, 2013). Ainda reitera: “Em última análise, o legado de um movimento social consiste na mudança cultural que ele tenha produzido com sua ação” (Castels, 2013, p.29). E sobre esse legado e relação dos novos movimentos sociais, podemos perceber o impacto nas redes, por exemplo, nas ocupações dos colégios públicos em 2015 e 2016 que trouxeram um grande uso dessa ferramenta não só para atuar, mas inclusive, para gerar uma identidade própria dentro daquele movimento (Groppo, 2016, Boutin; Flach, 2017, Palma, 2021).

Ainda trazendo a contribuição de Gohn (2019), para concluir nossa análise, não se pode deixar de registrar a imensa ligação dos movimentos sociais com a desigualdade, e como esses apresentam uma articulação mais ou menos organizada para minimizar o problema.

Pôde-se observar, nas diferentes abordagens aqui apresentadas, que o tema da participação tem sido fundamental para explicar processos de inclusão social, contra as injustiças, pelo reconhecimento de direitos (antigos e novos) advindos tanto de lutas, movimentos, campanhas, protestos etc. de setores da sociedade civil, como de processos engendrados no interior do Estado, operacionalizados por instituições que promulgam determinadas políticas públicas. (Gohn, 2019, p. 76).

A partir dessa discussão podemos entender como poderíamos abordar as diversas experiências de atuação política de maneira geral, e explica um pouco algumas razões da heterogeneidade existente nos dados. Todavia, ainda é importante ressaltar mais dois elementos que se destacam nesses dados e que acabam justificando a metodologia de divisão adotada. A primeira delas é a presença proeminente do movimento estudantil, que nas últimas décadas vem se mostrando novamente muito atuante nas principais pautas sociais em xeque, principalmente no ensino médio. Num segundo momento é preciso refletir sobre a apatia política e o percentual de marcações dessa dissertação de “sem participação”, não para tentar explicá-lo ou justificá-lo, mas sim refletir com ele e a partir dele, sobre a cultura política desses jovens investigados. Por último ainda se faz necessária uma reflexão sobre o ativismo

religioso evidente e característico de um de nossos grupos em específico, mas marcante também no grupo com o movimento estudantil, mostrando grande impacto dentro de nossa investigação.

Para refletirmos sobre a não-participação política, grupo que demarca praticamente 1/3 dos jovens investigados, precisamos refletir sobre as possíveis causas desse fenômeno. Segundo Gomes (2005), esse sentimento se daria pela ausência de elementos da cultura política desses cidadãos, que não conectam ou não se enxergam capazes de conectar as suas ações a uma mudança significativa da sociedade, em outras palavras, não conseguem perceber o poder de transformação. Uma outra possibilidade de explicação é que a crise e o esvaziamento das políticas públicas, que cobre sazonalmente as demandas, e sempre que cobre surgem outros desdobramentos, teria afetado as instituições que perdem então nesse contexto sua legitimidade de ação (Allegretti, 2011)

Alguns autores vão apontar a falta de informação e conhecimento do sistema político, das demandas da comunidade e de como solucionar essas demandas como um dos causadores dessa falta de interesse, que apontam que o fortalecimento da democracia depende diretamente desse engajamento civil, e que apesar que as lideranças tenham legitimidade, a participação civil é fundamental. (Weare, Musso e Crigler, 2005), (Levine, 2008). Ainda a partir da compreensão de Gomes (2005), podemos entender essa participação através de níveis de engajamento: a participação moderada onde o debate político vai se expandindo para a sociedade civil, que começa a tensionar os limites da política. Essa participação se complexifica para um segundo nível de engajamento e de participação popular, onde os limites entre sociedade civil e política vão se esvaindo até chegar na máxima participação, onde os destinos da sociedade sejam dirigidos apenas pela sociedade civil.

Um outro elemento divisor dos grupos, é a presença marcante do movimento estudantil enquanto marcação e escolha desses estudantes, o que nos leva a refletir brevemente sobre esse movimento e sua especificidade. Segundo Viana (2016) essa é uma característica que diferencia esse movimento dos demais, tem uma característica específica que o unifica, o conjunto de estudantes, que em geral terá suas pautas mediadas e relacionadas a educação, mas que não se limitará a isso, uma vez que o elemento unificador, o conjunto estudantil, é altamente diversificado, trazendo para dentro desse movimento dimensões culturais e de classes diversas. Outra característica que o mobiliza é a insatisfação, seja com o sistema de ensino,

com as pressões e tensionamentos com a dinâmica escolar local, seja com questões maiores, mais generalizadas como problemas sociais e culturais.

Ainda sob o olhar dessa concepção teórica, ressalta-se alguns elementos que fazem mais sentido para esse trabalho. O primeiro deles é pensar os movimentos sociais a partir de uma categoria conceitual, ou seja, um grupo social que atua, se relaciona e movimenta, com alguma característica unificadora, seria um movimento social (Viana, 2016). Ainda outro elemento importante é o critério classificatório desses movimentos, uma vez que se entende que são compostos por sujeitos e que esses sujeitos se diferenciam, Viana (2016) cria um elemento classificatório para esses grupos: o nascimento do indivíduo (orgânicos), a situação que está naquele momento (situacional), e o que perpassa por questões culturais (cultural).¹¹

O movimento estudantil está ancorado na divisão situacional, uma vez que os estudantes que o compõe estão ali por uma passagem em uma condição, a de aluno ou estudante. Ser ou estar estudante, é uma categoria histórica, intimamente ligada com instituição escolar, característica das sociedades modernas e capitalistas. Portanto, essa categoria nasce historicamente ligada a ideia de aprendiz, preparação ao mercado de trabalho e as situações e responsabilidades da vida adulta, o espaço privilegiado da ressocialização, ou também podemos entender como o espaço do desenvolvimento de habilidades para vida em sociedade. (Viana; Lima, 2021).

Nesse contexto, a juventude tem no espaço escolar o lócus privilegiado de ressocialização, que não é o único, embora seja o principal. Assim, a condição estudantil é fundamental nesse processo e possui sua especificidade diante das demais formas e lugares de ressocialização. (Viana; Lima, 2021).

Esses estudantes estão ligados institucionalmente com a Escola, outra categoria e instituição históricas, que abriga dentro de si toda a contradição externa presente na sociedade. Por isso também se torna espaço de acirramento de interesses, entre demandas governamentais, e vontade dos estudantes. Nesse sentido o autor irá pontuar uma situação importante, a condição de estudante, não é o elemento de insatisfação a qual esse movimento social responde, e sim, tem como característica própria, responder a demandas de seu próprio presente.

¹¹ Os movimentos orgânicos, e culturais são muito bem trabalhados em sua pesquisa, porém acabam por fugir do objetivo aqui, portanto optou-se por salientar a contribuição sobre os movimentos situacionais

2.2 JUVENTUDES ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

A juventude é um conceito presente na sociedade já amplamente debatido por psicólogos, educadores, historiadores, cada um com sua contribuição específica. Segundo Burak (2001), a classificação de juventudes, não poderia ser na sociedade contemporânea realizada apenas pela idade, já que seriam elemento incapaz de apresentar toda a complexidade do conceito e da vivência, devendo se considerar elementos como gênero, geração e diferenciação social, tornando o melhor elemento conceitual o de juventudes. Dessa maneira esse conceito relaciona juventudes, com uma maneira específica de lidar e enfrentar a sua condição social, participação cultural e política, suas demandas e questões de classe e gênero, entre outras situações.

A partir de uma perspectiva histórica, esse autor, apresenta algumas definições do conceito de juventude, para assim explicar melhor o porquê da sua atual conceituação conseguir abranger mais extratos juvenis, mas também apresentar os ganhos dessas definições anteriores. A primeira delas, relacionava juventude, à uma época da vida onde se ganharia uma espécie de indulgência para condutas e estilos de vida com menor responsabilidade, seja afetiva, sexual ou econômica. Apesar do autor não fazer essa relação, tomamos por liberdade para melhor explanação do conceito, realizar uma analogia desse primeiro conceito com a ideia de juventude expressa no filme, ainda muito famoso mas sucesso na sua década de lançamento “curtindo a vida adoidado” (1986), e para essa definição uma boa frase de relação seria a do protagonista do filme mencionado: “A vida passa rápido demais; e se você não parar de vez em quando para vive-la, acaba perdendo seu tempo” (Filme curtindo a vida adoidado, 1986).

Mas claro, essa juventude não representa boa parte dos jovens, que ficam afastados das mínimas condições objetivas de levar a cabo essa filosofia de vida, por isso o autor desenvolve um segundo conceito, que parte justamente do problema do primeiro. Se separamos a juventude como uma parte da vida anterior a emancipação financeira ou criação das suas próprias famílias, sequestraríamos a juventude de inúmeros atores sociais que enfrentam problemas como a gravidez prematura e na adolescência ou jovens que são forçados a iniciar no mercado de trabalho para auxiliar no custo econômico de sua própria família. Nesse sentido, essa abordagem do conceito aqui chega a uma conclusão, a juventude estando presente em diversos setores sociais, seria o momento em que em cada um deles de maneira específica

lidará com as pressões objetivas da própria sociedade e também biológicas. Aí há um relacionamento entre a idade e o recorte etário para juventude, e aspectos culturais, como maneiras de se comportar, se vestir e se organizar em sociedade. Nesse sentido a juventude está na relação entre as definições e atribuições culturais dadas a essa determinada faixa etária e de seus pares que convivem e carregam esse mesmo elemento social. (Burak, 2001).

Outro elemento caracterizador dessa juventude, seria o chamado tempo livre, momento em que não precisariam estar trabalhando. Porém, o tempo livre para quem ainda não realiza nenhuma atividade relacionada a profissão e emprego acaba sendo muito maior, e com o passar da idade, passará aumentar também a pressão devido esse excedente. (Burak, 2001). No caso dos dados do IBGE de 2019, no primeiro trimestre do ano, a idade entre 14 a 17 anos representava 7,4% das pessoas em idade de trabalhar. Dentro desse grupo apenas 11,1 % estavam naquele momento com alguma ocupação, e os dados também apontam como esse número vem decaindo nos últimos anos desde 2009, em um comparativo esse índice cai cerca de 07 pp (pontos percentuais). O que significa que nossos jovens poderiam ter em certa medida, a depender obviamente do extrato social que ocupam, certo tempo livre para se dedicar a outras demandas culturais. Isso se revela em nossos dados, já que o índice de participação social é maior que o de não participação.

Um outro elemento muito importante para analisar essa categoria histórica seria o conceito de geração, que seria uma maneira de interpretar as pressões históricas, sociais e culturais, que dividem os indivíduos em grupos distintos, com visões de compreensão e relação com o mundo, por isso em geral, pais e filhos pertencem a gerações diferentes. O mundo de alta tecnologia e velocidade que vivemos certamente interfere nessas visões de maneira um pouco maior, tornando possível por exemplo, filhos em gerações diferentes entre si próprios.

Esse debate é buscado aqui, por poder se fazer uma relação com a cultura histórica e política, e também as perspectivas de consciência histórica que serão debatidos mais tarde nesse mesmo texto, mas investigam sobre a ação do passado em nossas vidas atuais, e como a memória está relacionada a nossas ações práticas e culturais nesse mundo vivido (Burak, 2001).

O fator de classe e gênero também afeta diretamente esse grupo social, as pressões pelo primeiro emprego, busca por melhorias de vida, rotina constante com a violência, e no caso do recorte de gênero as pressões históricas sobre a tensa relação

entre liberdade e controle dos corpos femininos, gestações não planejadas e ainda na adolescência, todos são fatores que não podem ser deixados de levar em conta em análises sobre a juventude de modo geral. Dados todos esses elementos complexos, a juventude não poderia ser apenas a primeira definição, um signo ou imagem de algo relacionada jovialidade, saúde e um estilo de vida, já que dessa maneira nossa análise simplesmente deixaria de lado aspectos da vida real do jovem brasileiro.

2.3 MOVIMENTO ESTUDANTIL RECENTE E GRUPOS DE JOVEM DE IGREJA, POSSIBILIDADES DE PARTICIPAÇÃO

Recentemente, trazidos novamente à tona, para dar voz sobre sua indignação, estudantes do Ensino Médio organizados em suas escolas demonstraram a força de mobilização desse movimento, nas chamadas “ocupações”. Esse movimento, pode ser classificado em duas ondas. A primeira delas teria uma característica mais regionalizada, foi marcada por ocupações em Goiás, São Paulo e Rio Grande do Sul, nela os estudantes organizados, ocuparam os espaços de seus colégios como forma de protestos a alguma medida do governo local. No caso de Goiás, a luta era contra as OS (organizações sociais), uma tentativa de terceirização e privatização do ensino, caso muito parecido com o do Rio Grande do Sul, apesar das ausências dessas organizações, as situações precárias de seus espaços de ensino foi bastante pautado por aqueles estudantes. (Groppo; Costa, 2018).

O caso de São Paulo, é talvez o mais emblemático, ou com uma cobertura midiática um pouco maior, onde em contrariedade às medidas de reorganização dos colégios públicos, tomaram as ruas da cidade em um primeiro momento e posteriormente, ocuparam diversas instituições de ensino pela capital e cidades do interior, tendo como foco pressionar o Poder Executivo para revogar aquela medida. Luta que surte certo efeito uma vez que a medida é arquivada naquele momento e o secretário da educação renuncia seu cargo. (Groppo; Costa, 2018). Esse movimento acontece nos meses finais de 2015 e iniciais de 2016.

Já a segunda onda, tem uma característica mais nacionalizada e uma demanda unificada. Estavam contra a MP 746 de reforma do Ensino Médio, e a Pec da contenção de gastos, que limitava os investimentos em saúde e educação. O Paraná é epicentro desse movimento, tem a maioria de seus colégios ocupados naquele

momento, mas também outros estados aderem a luta, como São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e a maioria dos estados brasileiros, incluindo o Distrito federal. Posteriormente ainda foi possível ver representantes do movimento estudantil envolvidos em todo turbilhão que fora a política brasileira nos anos de 2018 e 2019.

O episódio das ocupações ocorreu no final do ano de 2016, então possivelmente uma parte muito pequena dos estudantes que podem ter participado desse episódio podem ter tido contato e respondido o nosso questionário de pesquisa, porém o impacto desse evento mesmo no fortalecimento dos grêmios, e da estrutura política dentro dos colégios ficou evidenciado por alguns trabalhos de pesquisa posteriores, por isso, esses aspectos são resgatados para compreensão do contexto por qual passaram e as maneiras como podemos compreender o objetivo investigado por essa pesquisa. (Flach; Boutin, 2017).

Mas não é apenas o movimento estudantil que aparece como destaque, a grande presença da marcação “grupos de jovens de igreja”, então entende-se como significativa uma pequena revisão sobre a possível relação disso com os jovens investigados. Como apontam Nascimento; Almeida, (2019), a sala de aula pode proporcionar a união de uma diversidade de posicionamentos e perspectivas religiosas e culturais. E como aponta o estudo de Mariz; Mesquita e Araújo (2018), a prática religiosa, para além da crença e da qualificação religiosa como importante em suas vidas, mas a prática efetiva participando ativamente da rotina de suas igrejas, parece fazer parte da rotina dos jovens brasileiros, que apresentam uma tendência de participação mais ativa, influenciados principalmente por práticas neopentecostais ou carismáticas, movimento esse buscado pela estrutura religiosa.

Essa prática religiosa já vem sendo buscada desde a década de 1960, como apontam os estudos de Sofiati (2012), Rufino (2002), Martins (2000) e Maia, Salles (2018). A modernidade teria trazido essa nova situação para a religião, que incapacitada do domínio total e controle cultural dos indivíduos, passa a ter que lidar com a escolha racionalizada da religião.

(...) a autonomia do indivíduo é uma característica do processo de modernização das sociedades, e que se estende para a chamada “modernidade religiosa”. Além da diminuição do controle institucional sobre os indivíduos, a modernidade religiosa é também caracterizada pela liberdade individual, inclusive de consciência, que faz com que os indivíduos sejam livres para exercer as suas escolhas em termos de religião, em aceitar ou não

um conjunto de dogmas, crenças e práticas estabelecido por uma instituição religiosa. (Maia, Salles, 2018, p. 158).

O trabalho dessas autoras tenta mostrar como as práticas da Ação Católica, movimento criado pela própria institucionalidade da Igreja, que chega ao Brasil na década de 1930, é responsável por criar ou tentar desenvolver uma nova dinâmica religiosa, com a participação efetiva dos leigos nos trabalhos religiosos. Esse estudo ainda aponta que essas ações ganham efetiva força na década de 1960, mas que os resultados desse início de transformação são vistos até hoje. A ação católica por sua vez, terá um reforço a partir das novas dinâmicas do concílio Vaticano II, que aprofunda esse debate institucional dentro da igreja e promulga novas maneiras dessa instituição se relacionar com o mundo exterior. Ainda como um possível efeito disso temos o surgimento da renovação carismática católica, que entre suas vertentes e práticas vem tomando campo significativo dentro do cenário religioso católico brasileiro (Silva, 2018).

Ainda no seguimento cristão, temos o surgimento e fortalecimento atual do Pentecostalismo, movimento religioso que buscava revisar algumas práticas religiosas de protestantes mais tradicionais, e são caracterizados pela formação de pequenas comunidades, com membros que se conhecem, e se reúnem semanalmente. (Mariano, 2010). Em entrevista concedida a Ihuonline (instituto humanitas unisinos), o sociólogo Ricardo Mariano aponta algumas características desse movimento como altamente abrangente nas camadas mais populares, justamente por oferecer soluções e alívio às situações de violências e exploração por qual esse setor da sociedade sofre constantemente, um alívio no âmbito da espiritualidade, e menos no âmbito da caridade ou ajuda econômica ou social de fato.

Outro ponto levantado é que como uma outra característica dessa vertente religiosa é seu monopolismo da verdade, ela acaba contribuindo para a perpetuação da intolerância religiosa no país, principalmente com as religiões de matriz africanas ou kardecistas, e suas práticas recentes tendem a realizar um alto percentual de envolvimento com a política (Mariano, 2010).

O objetivo dessa reflexão não é tentar explicar a forma como se agruparam as respostas desses estudantes, nem tentar explicar o motivo das suas participações, mas refletir sobre como as condições sociais acabam fazendo reflexo em nossos dados.

2.4 DISCUSSÃO METODOLÓGICA

Estruturando uma metodologia para a pesquisa, entendemos como necessário verificar de que maneira se combinavam as possibilidades de participação política desses estudantes e assim criar condições de analisar os dados desse estudo sob o olhar da atuação política. A ideia era encontrar a partir das próprias respostas dos alunos, quais movimentos possuíam maior intersecção e quais apareciam mais isolados da marcação, já que o objetivo de trabalhos com dados é olhar o que eles mostram e confrontar com a bibliografia sobre o tema, e não tentar forçá-los a dizer algo.

Tendo em vista o que aponta inicialmente bibliografia, podemos buscar o que irão apontar os dados. Dessa maneira, a partir da contagem de frequência das respostas às alternativas da questão “11¹² - se fez possível a organização dos dados a partir da frequência de respostas para cada combinação possível (letras “a” até “j”), referindo cada uma delas para um tipo de participação, o que resultou na seguinte tabela (Tabela 1).

Tabela 1 -Frequências das alternativas da questão 11

Alternativas	total de marcações	isolado	combinado	percentual de combinação
<i>nenhuma participação política</i>	1620	1348	272	17%
<i>movimento estudantil</i>	1279	227	1052	82%
<i>igreja</i>	977	331	646	66%
<i>redes sociais</i>	716	119	597	83%
<i>reivindicação social</i>	693	59	634	91%
<i>gênero</i>	513	32	481	94%
<i>ambientalista</i>	375	26	349	93%
<i>movimentos não partidários</i>	328	28	300	91%
<i>étnico racial</i>	271	15	256	94%
<i>político partidária</i>	221	30	191	86%

Fonte: dados projeto Residente. Organizado pelo autor. (2024)

A partir dela podemos perceber algumas informações que foram levadas em consideração para criação da nossa metodologia de análise, nessa dissertação. Esse gráfico está organizado a partir das maiores frequências até as menores, e percebe-se como a alternativa “nenhuma participação política” é a que mais tem a frequência na coluna “isolado”. Essa nomenclatura foi utilizada para identificar as marcações

¹² “Sobre sua participação social ou política marque as alternativas que se referem ao seu caso. Nesta pergunta você pode marcar mais de uma opção”

dentro da questão, onde a alternativa ali analisada apareceu isolada, ou seja, o aluno marcou apenas aquela alternativa. Entende-se, portanto, que esse grupo aparenta certa coesão de marcação e por isso, dado a construção da nossa problemática da pesquisa, já explicada na introdução, ele será um dos grupos de separação dos dados.

As demais frequências têm uma característica em comum, apresentam o índice combinado significativamente maior, entendendo que esses alunos possuíam a característica de participar de mais de um movimento ou local de atuação.

Porém outro detalhe chamava atenção, a partir de alguns cruzamentos de dados, tentando observar quais grupos possuíam mais marcações em comum, foi possível notar a grande reincidência da participação no movimento estudantil. Com o auxílio do software *Excel*, a partir da compilação desses dados de frequência em filtros com a questão aqui analisada, geramos a seguinte tabela (Tabela 2):

Tabela 2 - Relação entre alternativas com "movimento estudantil".

Alternativas	frequência da combinação	percentual da combinação	combinado total
reivindicação social*movimento estudantil	493	78%	634
relação movimento estudantil * igreja	420	65%	646
movimento estudantil*redes sociais	331	55%	597
gênero*movimento estudantil	324	67%	481
ambientalistas * movimento estudantil	247	71%	349
movimentos não partidários*movimento estudantil	166	55%	300
étnico racial*movimento estudantil	161	63%	256
político partidária*movimento estudantil	110	58%	191

Fonte: dados Projeto Residente. Organizados pelo autor. (2024)

Para compreensão dessa tabela, a título de exemplificar, olhando a primeira linha e coluna vemos a frequência total¹³ de marcações combinadas, ou seja, significa que 693 alunos marcaram pelo menos essas duas opções “reivindicação social” e “movimento estudantil”, esse valor representa 78 % do total de respostas combinadas da alternativa “reivindicação social” (Tabela 1). Dessa análise pudemos perceber que a marcação que mais teve relacionamento com as demais combinações, em todos os

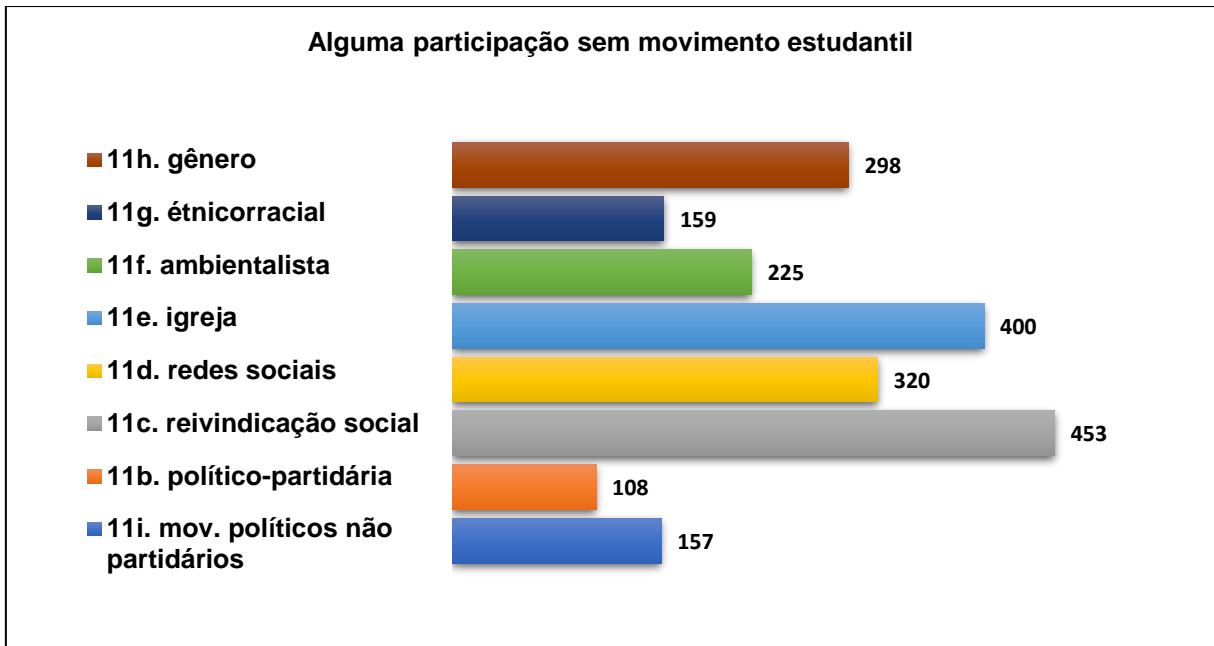
¹³ Demais comparações serão deixadas em apêndice.

casos aqui analisados foi a marcação “movimento estudantil”, dessa maneira entendemos oportuna a classificação de nosso banco de dados em três grandes grupos:

1. “nenhuma participação”: nele estarão os alunos que marcaram exclusivamente a opção “nenhuma participação”
2. Alguma participação com Movimento estudantil: nesse grupo estarão os alunos que marcaram em alguma participação e na opção movimento estudantil
3. Alguma participação sem o movimento estudantil: nesse grupo estarão os alunos que marcaram alguma participação e não marcaram o movimento estudantil

Realizada a divisão em grupos, já pudemos perceber alguns elementos. O grupo que tem como seu elemento integrador, a ausência de identificação e participação com o movimento estudantil, é possível que seja então um grupo mais heterogêneo. Nele estão integrados os jovens que participam de grupos de jovens de igreja, movimentos de gênero, ambientalistas, etc. Para investigar e tentar explorar um pouco mais esse grupo, vamos comparar as frequências das participações que marcaram, ou seja, tentar entender se dentro desse grupo existe alguma participação maior em específico (Gráfico 1).

Gráfico 1- Alguma participação sem movimento estudantil.



Fonte: Adaptado de “Projeto Residente”.¹⁴

Ao observar a frequência da participação, podemos perceber como esse grupo heterogêneo, tem uma grande porcentagem, que se somadas chegam a 70 % das participações marcaram participar de “igreja” e “redes sociais”, que se refere respectivamente, às marcações “e – grupos de jovens de igreja” e “d – redes sociais”.

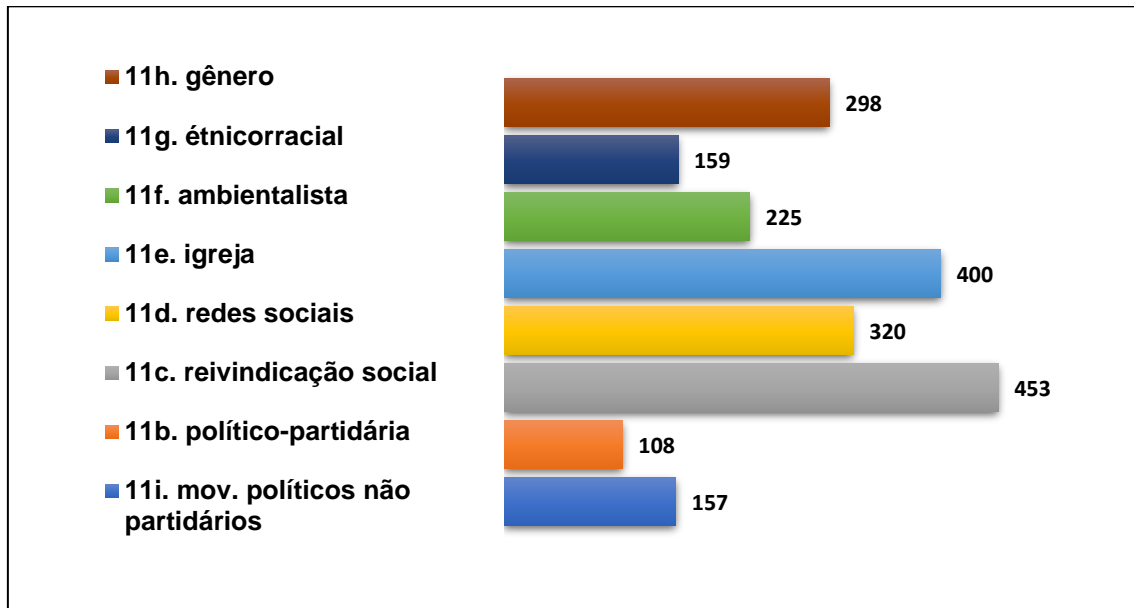
É importante lembrar que era possível, que dentro desse mesmo grupo houvesse marcações repetidas, é por isso que a soma de todas essas frequências não corresponde ao universo de 1143 alunos que representa a totalidade do grupo. Ainda assim a informação trazida tem relevância uma vez que essa marcação

¹⁴ O número a direita das barras representa a frequência de marcação, também importante salientar que era possível realizar a marcação concomitante das opções.

referente ao movimento estudantil foi mais procurada, e praticamente demonstra uma característica de divisão desse grupo.

Se compararmos com as frequências de participação do grupo que o movimento estudantil como elemento integrador, percebemos um cenário um pouco diferente (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Alguma participação com movimento estudantil.



Fonte: Adaptado de Projeto Residente.

As duas maiores frequências de marcação foram “reivindicação social” e “grupos de jovens de igreja”, porém as demais também têm grandes frequências de marcação, o que pode indicar uma alta relação entre a participação no movimento estudantil e nos demais tipos de atuação.

Isso corrobora a criação dessa metodologia de divisão em grupos, e amplia as possibilidades da pesquisa, além de já trazer elementos de suas culturas históricas e políticas para ampliar o debate a seguir. Assim divididos os dados em uma nova variável de fator (alunos serão de um grupo ou outro), poderemos realizar testes estatísticos de comparação de médias para outras questões do projeto Residente, e assim tentar perceber se os grupos serão um fator determinante na média das respostas obtidas, a partir desse próximo tópico analisaremos questão por questão escolhidas, e traremos os resultados e as reflexões possíveis.

3. CONSCIÊNCIA HISTÓRIA E POLÍTICA: INTERRELAÇÕES POSSÍVEIS

O elemento político na dinâmica de uma sociedade é fator de extrema importância para compreensão das dinâmicas internas e externas da mesma. Ainda assim, na intensificação da dinâmica ultra liberal do atual estágio capitalista, a “política” volta ao centro do debate, expresso em grandes movimentações de grupos políticos tanto à esquerda quanto à direita. “As jornadas de junho de 2013”, as manifestações na paulista, as ocupações dos colégios públicos em 2015 e 2016, o levante da extrema direita com a ascensão do bolsonarismo em 2018, passando antes pela “Lava-jato” e impeachment da presidente Dilma, os ataques ao palácio da Alvorada em 2022, seriam apenas alguns dos momentos na história recente do país em que a “política” fez parte do assunto da hora do café, do almoço e do jantar dos brasileiros.

Cada indivíduo, age e interpreta o mundo ao seu redor, a partir da relação dialética estabelecida entre sua consciência e o mundo. Portanto as relações de poder e dinâmicas de organização da sociedade agem como elementos de pressão à ação destes indivíduos, que reagem transformando, aceitando e interpretando essas pressões. Essa pesquisa, parte de um olhar teórico, que entende que a interpretação dessas pressões relacionadas ao tempo, sua passagem e transformações, é campo da consciência histórica, parte inerente à consciência de cada um, assim: “A consciência histórica trata do passado como experiência, nos revela o tecido da mudança temporal dentro do qual estão presas as nossas vidas, e as perspectivas futuras para as quais se dirige a mudança” (Rüsen, 1992). Assim como, cada sociedade também se depara, de maneira coletiva, com essa passagem do tempo, para esse dá-se o nome de cultura histórica, que também está interrelacionada com a consciência histórica de cada indivíduo.

Os jovens investigados pelo projeto Residente são estudantes do Ensino Médio de diversas cidades e estados, que responderam a questões que tratavam entre outros temas, da política, não apenas em função de suas compreensões como também sobre sua participação ativa em algum movimento político o social. A grande questão desse trabalho é entender de que maneira, os jovens que se identificaram como atuantes e não atuantes nesse questionário, podem responder a questões sobre consciência histórica de maneira diferente. Nos próximos tópicos, apresentaremos uma revisão conceitual sobre consciência histórica, suas articulações com a cultura

histórica dos sujeitos, as definições possíveis para uma cultura e participação política, bem como as escolhas e possibilidades metodológicas, introduzindo a discussão que será aprofundada posteriormente com a correlação com as fontes.

3.1 CULTURA HISTÓRICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Esse conceito, desenhado por vários autores, mas elaborado dentro da perspectiva adotada por essa pesquisa, surge dentro de um momento histórico de questionamento sobre o poder e o uso prático do conhecimento histórico na sociedade. Enquanto alemães se preocuparam em refletir sobre o trauma do nazifascismo e buscaram alternativas conceituais para uma nova concepção de história. Já que esse trabalho pretende também em certa maneira contribuir com os estudos de Cerri (2021), sobre as interfaces entre política e história, vale ressaltar como parte do conceito desse trabalho surgiu de demandas políticas muito próprias do momento dos historiadores que o produziram.

De maneira sintética, o conceito de cultura histórica, pretende abarcar a maneira como a sociedade como um todo, trata do passado, ampliando também para os usos da indústria cultural, a mídia, a própria política, e claro os historiadores, estabelecendo assim uma relação com a cultura historiográfica. Em certo sentido esse conceito elabora uma relação com a consciência humana, entendendo que a cultura histórica, é a concretização de uma única potência mental, do ser humano que pensa e narra a história. (Rüsen, 2016)

A cultura, é entendida aqui como algo universal ao ser humano, e uma forma de expressão da sua subjetividade, uma ação de apropriação ou confronto a partir de uma finalidade estabelecida, e é tratada como uma categoria de análise, que pode ter interrelações com outras como economia, política, moral, espiritualidade, entre outras categorias possíveis. Esse elemento colocado em perspectiva temporal pode ser compreendido aqui como história, a cultura no tempo.

A cultura histórica seria, assim, essa esfera ou parte da percepção, da interpretação, da orientação e do estabelecimento de uma finalidade, que tomam o tempo como fator determinante da vida humana". (...) "cultura histórica se refere, portanto, a uma maneira particular de abordar interpretativamente o tempo, precisamente aquela que resulta em algo como "história" enquanto conteúdo da experiência, produto da interpretação, medida de orientação e determinação da finalidade (Rüsen, 2016, p.58)

Para aprofundar esse conceito, é preciso entender outro pelo qual se opera a cultura histórica, que é o de consciência histórica, a outra face da moeda, que está ligada a maneira de interpretação do passado pelos sujeitos. A experiência temporal necessitaria de uma parte específica da consciência, que enfrentaria as pressões do tempo, tornando inteligível uma ação prática. Nesse sentido, concordamos com Cerri que traz de maneira sintética o pensamento de Rüsen sobre essa definição:

“O homem tem que agir intencionalmente, e só pode agir no mundo se interpretá-lo e a si mesmo de acordo com as intenções de sua ação e de sua paixão; agir (incluindo deixar-se estar e ser objeto da ação de outrem) só ocorre com a existência de objetivos e intenções, para os quais é necessária a interpretação: há um “superávit de intencionalidade” com o qual o homem se coloca para além do que ele e o seu grupo são no presente imediato. Agir, enfim, é um processo em que continuamente o passado é interpretado à luz do presente e na perspectiva do futuro, seja ele distante ou imediato”. (Cerri, 2001, p.100)

Assim com Rüsen, Agnes Heller contribui para esse conceito apresentando a ideia uma consciência inerente a humanidade, mas que dentro de um percurso, tem na modernidade atingido as compreensões atuais de consciência histórica, que envolve o reconhecimento de si próprio, sua própria cultura em relação a outra no espaço tempo, e a noção de construção de um futuro a partir do presente (Cerri, 2001). Essa consciência então vai poder gerar modos diferentes de recuperar esse passado e gerar sentido no presente, modos esses pensados de maneira separada, não necessariamente em uma hierarquia, mas em uma complexificação. Estudos mais recentes desde a proposição original do autor alemão já estipulam críticas, como em Miranda (2022), ou mesmo em Cerri (2014), que propõem a existência de outros tipos ideais de modelos narrativos da consciência histórica, e possibilidade de existência de mais de um modo narrativo ao mesmo tempo, assim como também já apontou os trabalhos de Borries (2018).

Mas, de modo geral, ao menos nesse primeiro momento, irá se manter a estrutura organizada por Rüsen (2015), apresentando como possibilidade dessa geração de sentido os modos: tradicional, exemplar, crítico e genético. São tipos ideais que apresentam maneiras sistematizadas, numa tentativa de categorizar para ampliar a compreensão, das maneiras como podemos nos relacionar com o passado através de narrativas com sentidos e finalidades, entre a principal diferenciação dos modos está a relação dada a passagem e a mudança temporal. Dentro do modo tradicional, entende-se uma percepção de um passado eterno, quase não há

diferenciação dele do presente, as coisas sempre foram e se mantêm assim. No modo exemplar, o passado é recuperado como exemplo, com lições e ensinamentos, há certa diferenciação dos tempos, mas as lições do passado são incorporadas no presente sem a devida historicização. O modo crítico se caracteriza por um modo de passagem, em que se questiona a interpretação anterior, propondo novas abordagens para a construção de uma nova interpretação mais complexificada (Rüsen, 2015).

Por fim, o modo genético, seria a característica da modernidade e apenas possível com o pensamento e desenvolvimento científico da história. Nele se entende que “os tempos mudam”, a interpretação do presente está atrelada às demandas próprias, chamadas carências de orientação, que levariam a produção, através de metodologia e arcabouço teórico devido, o trato científico da história. Aqui, Rüsen faz a relação entre a consciência histórica de cada sujeito e a produção científica da história, apontando também como essa última poderia contribuir significativamente para a orientação prática dos sujeitos (Assis, 2010).

Um dos processos que são abordados também dentro dessa reflexão teórica, é como esse ato narrativo de contar a história, desempenhado pela consciência histórica tem uma via de construção identitária, ao alocar em locais de pertencimento e participação as narrativas próprias. Esse processo mental aqui analisado enquadra os sujeitos dentro de um pertencimento político, social e cultural. De maneira geral e até um tanto resumida, esse seria o ponto de partida de reflexão sobre esse aspecto da teoria rüseniana que complexifica seus conceitos com a ideia de cultura histórica.

Em certa maneira as dimensões não acontecem isoladas, ou uma a cada vez, mas são complexidades desse conceito que se apresentam na dinâmica da sociedade atual e na sua maneira de enfrentar o passado, também na relação dialética estabelecida entre cultura e sujeitos. A primeira delas, a dimensão estética expressa a força criativa da história, tem a ver com a experiência com o histórico a partir do contato com essa narrativa, que pode estar expressa nas mais diferentes plataformas de expressão, seja visual, sonora, textual. Trata sobre o aspecto estético dentro do histórico, e não o que há de histórico no estético: “A cultura histórica como categoria não deve ressaltar o histórico no estético, mas o estético no histórico e torná-lo visível como algo essencial para o trabalho rememorativo, que leva a cabo a consciência histórica” (Rüsen, 2016).

A dimensão política fala sobre o consentimento e convencimento a partir da história, com a tradição e organização política, ou na sua apreensão para contestação

e transformação. E por fim, a dimensão cognitiva, refere-se as organizações e estruturas argumentativas científicas de validação do conhecimento histórico. Nesse sentido, as três dimensões pontuam sobre a experiência, a vontade (finalidade) e lógica ou intelecto. Em outros textos posteriores, Rüsen apresenta ainda duas novas dimensões dessa cultura a moral e a religiosa (Rüsen, 2015).

3.2 CULTURA POLÍTICA, CONSCIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA.

O segundo grande conceito em que esse trabalho se ancora, ao menos nesse início de problematização, onde se busca um panorama geral conceitual para recorte metodológico dos sujeitos e objetos dessa pesquisa, seria o de cultura política. Esse conceito apresenta uma conceituação problemática, por apresentar inúmeras abordagens, que resultam em compreensões teóricas e metodologias distintas. O que se fará aqui a seguir é apresentar um breve panorama de possibilidades desse conceito e por fim, a qual mais se adapta à escolha desse trabalho.

Segundo Roche (2000, p.94), existe uma:

multiplicidad de entradas al estudio de la cuestión de la cultura política y la dificultad —y quizás también la inconveniencia— del encuentro de una única aproximación al examen de este polisémico fenómeno, o siendo más estrictos, de este conjunto amplísimo de fenómenos, que se abordan desde los distintos usos de ese concepto. No intentamos, por ello, proponer una definición alternativa a las existentes; sino hacer conciencia de la radical diversidad de perspectivas, que confluyen a la hora de nombrar los temas y problemas de la cultura política

Segundo esse autor o interesse pelo estudo, aqui na América Latina vem em demanda da nova organização social de uma sociedade que sai de intensas ditaduras militares, e tem como problema agora a participação popular dentro dos novos regimes democráticos. Os estudos também procuravam fazer memória e compreensão, das motivações que levaram camadas médias da sociedade a apoiar intensamente aquele período. (Roche, 2000).

Outro fator que irá demandar a busca por uma nova compreensão política, que é postulado nesse estudo já citado acima, mas também baseado em compreensões trazidas por Lechner (1996), foi a perda da centralidade política dentro dos âmbitos sociais. Para eles, isso ocorre em função ou correlativamente ao fato do surgimento de novas identidades e quebra de uma identidade mais generalista, como a da nação,

ou do proletário, ou campesinato. Surgem agora identidades, no plural, ligadas a demandas muito específicas:

tiene lugar un progresivo descubrimiento de nuevas identidades socio-culturales (de género, sexuales, juveniles, étnicas, medioambientales, etáreas), que no están dispuestas ahora a subsumirse en ningún macrosujeto de la emancipación, y reclaman el reconocimiento de su autonomía y especificidad grupal. (Roche, 2000, p.95).

O autor ainda finaliza, que isso acarretará um problema, a relação com o passado recuperado agora em múltiplas memórias. Essas novas identidades, fazem jus ao surgimento dos novos movimentos sociais, que serão brevemente abordados em um outro momento nesse texto, mas que podem trazer luz a nosso problema de pesquisa. Buscando enquadrar as possibilidades de definição do conceito em si, o autor retoma a ideia de cultura política como relação de orientação e disposição por parte dos indivíduos frente ao político, é uma maneira mais psicológica de interpretação. Outras abordagens referiam-se, a partir de estudos de historiadores e cientistas sociais, às chamadas mentalidades, ou imaginários, dessa maneira: “actitudes democráticas o autoritarias estarían relacionadas con la manera en que las personas establecen, individual o colectivamente, una posición abierta o una actitud cerrada e intransigente ante el conocimiento humano, ante el problema de la “verdad” (Roche, 2000).

Há ainda abordagens em que as múltiplas identidades e sua relação com as demandas políticas, ou a partir de perspectivas geracionais, como determinadas gerações lidaram com as demandas políticas de sua época. Por fim dentro desse panorama o autor coloca também abordagens que levam em conta, a partir de uma análise semiótica, as figuras e símbolos do poder na sociedade. Ainda para finalizar faz um alerta: não se pode deixar de levar em consideração as profundas relações entre a cultura política, (seja qual for a definição que utilizar) e as redes sociais, internet e meios de comunicação de massa.

Como demonstrado não se teria, portanto, uma melhor definição, nem mesmo uma única definição para esse conceito, o que não impediria da mescla de definições para melhor adaptação com o problema de pesquisa, recorte temporal ou fonte. Com certo cuidado, Roche então propõe o enquadramento em dois grupos opostos ou pelo menos com interesses distintos, um mais interessado no estudo “politológico”, estritamente político e outro em uma abordagem mais aberta baseada nas relações culturais, étnicas, com relação a identidades e linguagens etc. E se entende também,

que essa conceituação, seja qual a adotada, é necessária, a dinâmica social tem elementos políticos que merecem um recorte específico para ser estudado.

Antes de passar para a definição que será mais apropriada por essa dissertação, vale deixar uma reflexão importante para o estudo da política e da cultura política na sociedade. Pensar cultura política, como uma dimensão unificada e ideal de se alcançar, é no mínimo limitadora e elitista, que poderia deixar de transparecer algumas dinâmicas escondidas, ou seja, ideias como “fulano não tem cultura política”, revelam uma compreensão que poderia significar dizer que ele não tem ou teria valores democráticos, porém não é a melhor maneira de abordagem do problema, por não permitir um verdadeiro debate sobre o que é de fato democrático, e também por entender que todos de alguma maneira estão envolvidos pela cultura política, apenas se relacionam com ela de maneiras distintas.

Que el fenómeno se diluya apenas tratemos de precisarlo, nos señala una segunda objeción: no existe la cultura política. A lo más podríamos hablar de las culturas políticas. En ausencia de criterios abstractos para definir la cultura política habría que usarla solamente como una categoría relacional que permite confrontar las orientaciones colectivas de dos o más actores respecto a cuestiones políticas. (Lechner, 1987).

Para apresentar a definição abordada por essa dissertação, seguiremos na linha de análise do professor Luis Fernando Cerri, que propôs possibilidades teóricas e apontamentos metodológicos para pensar interfaces entre cultura histórica e cultura política. Refletindo com o trabalho de Almond e Verba, clássicos da ciência política sobre esse tema, o debate acerca dessa definição em específico vai ao encontro da perspectiva da ação e intenção dos sujeitos e suas interações com o sistema político. De modo a poder avaliar a interação desses sujeitos, frente a questionários de ações e intenções. Essa definição busca entender como Cultura Política, aspectos sobre quem tem o poder e autoridade e “quem, o que, como e porque” vai tomar as decisões e rumos de âmbito coletivo. (Cerri, 2021).

Ainda dentro dessa definição, a política que apesar de estar presente em todos os fatores da vida em sociedade, pede uma categorização específica, em se tratando das orientações subjetivas individuais e as relações com as estruturas sociais, dito, o sistema o político (Cerri, 2021). No sistema político, pela definição tratada, se enquadrariam, os aspectos da burocracia estatal, as atuações públicas sobre política, e também (mas para continuidade dessa afirmação se exigem estudos de comparação e pertinência) os movimentos contestatórios e sociais.

Também aqui são pensadas dimensões dessa cultura, entendidas por sua vez em três categorias: cognitiva, afetiva e avaliativa. Na orientação cognitiva, se refere sobre o conhecimento sobre política em si, seus funcionamentos, possibilidades e limitações, reconhecendo as demandas e vontades para o coletivo, e a maneira como o sistema político poderia responder a essa demanda. A orientação afetiva por sua vez se refere a experiência com a política, o gostar, a relação quase que estética de aproximação com o político da cultura. E por fim, na dimensão avaliativa, se enquadrariam os julgamentos e opiniões sobre o sistema político, as demandas em si, a execução ou não para o coletivo. (Cerri, 2021).

Os autores, em outro texto de definição desse conceito trazem também, através de tipos ideais de participação política, possibilidades de interação com essa cultura política. O tipo paroquial, seriam os sujeitos alheios ao sistema político e suas interações, característicos de vilas, aldeias ou tribos, anteriores a configuração atual e moderna, porém podem ainda existir nas atuais sociedades capitalistas. (Almond; Powell, 1972). O tipo súdito, que entende e se posiciona politicamente a partir das benfeitorias ou benefícios que a política poderia lhe dar, seja de confirmação de ideais, benefícios econômicos, ou outros, mas se mantém alheio as estruturas de atuação desse sistema. O último sujeito, seria o tipo participativo, que se entende como parte do sistema, tanto na geração de demandas, na avaliação e na execução das mesmas. Essa categorização traz consigo um problema, já que se imagina níveis de complexificação de atuação, e o último nível, teriam como exemplos os modelos estadunidenses e escandinavos, uma democracia aparente, se levarmos em consideração os processos de segregação racial e violência estrita a uma parte exclusiva da população. De qualquer maneira, se considerarmos, anexar dentro desse tipo participativo, sujeitos novos, como os movimentos sociais e contestatórios, podemos operar a partir desse conceito, tendo como definição um conceito de democracia ampliado.

Vale ressaltar, a partir da reflexão de La Roche (2000), como essa definição tem suas potencialidades por permitir uma interação entre os aspectos culturais dentro do político, não subjugando uma categoria sobre a outra:

Dicha vertiente muestra un avance esencial en el intento por construir una definición operativa, capaz de ser sustentada en datos empíricos extraídos de las realidades culturales estudiadas y destaca aspectos importantes del cambio cultural y político, en los procesos de transición de las sociedades tradicionales a las modernas (Roche, 2000, p.105).

Para além de cultura política outra definição necessária de ser abordada é a perspectiva de participação política, que tenta estabelecer uma relação entre o social e o subjetivo, entre consciência e cultura:

Participamos (ou não) politicamente orientados pela forma como significamos e interpretamos a realidade. A realidade em sua suposta objetividade não é o bastante para explicar o engajamento político, pois diferentes sujeitos podem se relacionar de formas diversas com as mesmas condições concretas. Faz-se necessário para entender a participação, não se limitar aos elementos objetivos, mas também buscar a compreensão da subjetividade dos sujeitos. (Rosa, 2015, p.397).

Nesse sentido, o autor propõe a partir das reflexões de Vigotski, psicólogo soviético, que se preocupa em entender uma nova relação entre estrutura, ou seja, as condições sociais e econômicas em que a realidade material decorre, e a superestrutura, que se refere às condições da ideologia, aspectos culturais, da linguagem entre outros. Nessa relação ele também irá relacionar os sentimentos e estruturas psíquicas e neurológicas, com o ambiente, propondo a partir de uma lógica dialética que o sentido social ganha uma qualificação de síntese. (Rosa, 2019). Dessa maneira, podemos entender a noção de participação política, estaria ligada a ideia de práxis:

A subjetividade será entendida como produção elaborada pelo sujeito a partir de suas vivências concretas em um contexto sócio-histórico-cultural específico, compondo-se de forma dramática. A práxis política é uma atividade objetiva orientada subjetivamente (Rosa, 2015, p.395)

Uma outra contribuição para se pensar participação política é a relação com o cotidiano, a vida prática ou senso comum. Essa realidade mais prática, exige que tomemos atitudes menos reflexivas, sem tanta complexidade, devido à alta demanda de atividades em nosso ritmo de vida moderna capitalista. Esse movimento seria então o elemento essencial para alienação política, já que a ideologia e a organização estrutural da sociedade favoreciam para uma continuidade acrítica. Mas vale ressaltar que justamente devido às contradições enfrentadas nessa vida prática, podem despontar elementos de criticidade que favoreceriam atitudes em prol da transformação social e atuação política. (Rosa, 2015). Toda essa reflexão traz outras perspectivas e abordagens para a relação sobre participação política, cultura política, e em certo sentido uma aproximação com elementos históricos na sociedade, já que

a construção da hegemonia perpassa também pela construção de um passado comum, uma história dominante que traz as respostas rápidas que acabamos aderindo dentro das atividades sem reflexão, dentro da vida mais prática e vivida. Nesse sentido, um dos questionamentos que podemos inferir é o peso da história sobre a cultura política e a possibilidade de definirmos uma cultura histórica como hegemônica e uma cultura histórica transformadora:

As dimensões da consciência política – e os sentimentos ligados a elas – podem se caracterizar e se relacionar de forma diversa, no entanto as possibilidades e limites dessas caracterizações e relações se darão a partir do conflito entre as diferentes concepções de mundo vigentes na sociedade, a partir da luta pela hegemonia ideológica em curso (Rosa, 2015, p. 401).

Para concluir essa reflexão teórica, se trará a contribuição de outras pesquisas do campo da história e sociologia, que avaliaram, de maneira menos teórica e mais no âmbito da pesquisa a participação política desse que é o principal sujeito dessa dissertação, a juventude.

A premissa do trabalho assume que os jovens investigados, participaram e tiveram, portanto, uma mediação de experiência dentro das possibilidades oferecidas pelas respostas do questionário do projeto Residente, que tentava enquadrar mais ou menos as formas de atuação política no Brasil atual. Nesse momento se faz necessário então limitar o objeto pesquisado e apresentar em certa medida um recorte histórico sobre as participações políticas possíveis, bem como refletir sobre a não participação política.

Emprestando a reflexão trazida por Groppo (2016), poderíamos enquadrar as formas de participação política em três grandes grupos, a maneira tradicional que estaria ligada as institucionalidades e partidos, seria a forma mais clássica de política e estaria voltada para as disputas de cargos de representação dentro das estruturas dessa hierarquia, a crítica que estaria preocupada em reformar ou revolucionar o sistema de participação, apostando em uma participação mais ativa principalmente levada pela lógica de militância, e uma terceira dentro das concepções contemporâneas de participação se enquadrariam os chamados Novos Movimentos Sociais. Eles teriam como preocupação as temáticas de poder presentes em relações cotidianas, privilegiando em trabalhar temas que eram pouco debatidos e agora aparecem nos debates, como as questões de gênero, temas raciais, ambientais entre outras possibilidades.

De modo mais abrangente outro autor, que também trabalha com a relação entre a juventude e política, são os estudos de Oliveira et al (2016), que apontam como os jovens estão mais ligados a movimentos contestatórios do que aqueles clássicos, como partidos políticos e sindicatos. Segundo esse mesmo trabalho, a dinâmica da vida dos jovens, com menos compromissos e exigências dentro da dinâmica da sociedade atual, poderia levar a uma participação mais ativa em momentos e lugares mais desafiadores, buscando a confrontação.

Entretanto, os efeitos dos ambientes socializadores não afetam a participação juvenil de maneira homogênea. De acordo com Fuks (2011) esses efeitos podem ocorrer de maneira direta, indireta ou tardia dependendo da instituição. Os efeitos da família sobre a participação dos jovens são diretos quando os pais são engajados, embora, este engajamento combinado com condição socioeconômica e escolaridade dos pais afetem a participação dos filhos indiretamente através da motivação para aquisição de informação política. A instituição escolar também apresenta um efeito indireto por meio do estímulo do interesse por política através da fomentação ao conhecimento político. As instituições religiosas, por sua vez, apresentam também um efeito indireto ao criar um “estoque” de disposição a participação através da ação cívica. Por fim, a combinação destes ambientes politizados com a condição socioeconômica do indivíduo, levam a aquisição de recursos e habilidades que são decisivos no processo de participação política na vida adulta, caracterizando um efeito tardio. (Oliveira, 2016, p.197)

Outro ponto levantado por essa pesquisa, é o da participação política no mundo online e sua correlação com a participação fora das redes. E como o percebido na pesquisa, a juventude com sua participação mais ligada a movimentos de ação direta, retroalimentariam uma grande participação online:

“Além disso, a participação em protestos aumenta as chances do ativismo online, favorecendo a hipótese da convergência e mostrando que na juventude brasileira as modalidades mais diretas – protesto e online – se favorecem mutuamente, a participação em protesto é a variável com maior força explicativa, o que fortalece, mesmo que minimamente, a hipótese de que os jovens preferem as modalidades de protesto e online.”
Outra conclusão interessante é a participação online reforça mutuamente a participação offline, apenas nas atividades contestatórias, outros tipos de participação, como comunitária e cívica tem um distanciamento do mundo online. (Oliveira, 2016, p.213).

3.3 ANÁLISE DOS DADOS: PRIMEIRAS REFLEXÕES DOS DADOS

O conceito de consciência histórica reflete que sendo uma operação comum à consciência humana, é a parte que lida com a experiência da passagem do tempo, do reconhecimento da historicidade e relativização. Ela está relacionada com uma operacionalização da memória, quando frente a tomada de decisões, memórias vem à tona, para orientar aquela ação no presente e criar uma perspectiva de futuro. Essas memórias são aprendidas e criadas em todos os âmbitos da sociedade, que por sua vez, também mantêm as suas estruturas de temporalidade, que como já refletimos anteriormente, se referem às dimensões da cultura histórica.

Outro elemento importante, é a ideia de que essa consciência está atrelada a uma identidade, já que à medida que buscamos explicar o mundo e entender esse próprio mundo, acabamos por explicar a nós mesmos. Dentro do conceito de participação política o elemento da identidade também aparece ligado ao de cultura política, já que um dos elementos dessa cultura seria o estético, aproximando assim o interesse pela política e o conhecimento dos sistemas políticos como fatores a serem mensurados em uma investigação com essa temática. Uma hipótese já levantada por (Cerri, 2021), é a possível aproximação dos elementos estéticos da cultura histórica, e o conhecimento sobre o sistema político

Dessa forma tentaremos aproximar e comparar se a divisão nos grupos que estruturamos metodologicamente, causaria alguma mudança nas médias das respostas. Ou seja, se participação política de alguma maneira, poderia aumentar o interesse pela disciplina histórica e se isso estaria relacionado ao conhecimento do sistema político.

Para esse primeiro momento iremos realizar o teste de Kruskal Wallis¹⁵ (Tabela 3). O objetivo é perceber se a média de interesse por história aumenta, dividindo entre nossos grupos organizados, mas com o elemento do interesse por política. A nossa hipótese é que os grupos de divisão são capazes de gerar uma diferença estatisticamente significativa sobre as respostas. E isso se confirma a partir de nossos testes¹⁶, sendo ainda possível apontar que essa diferença está entre os grupos

¹⁵ Teste estatístico que realizará a comparação entre variáveis, a partir de uma variável de fator (grupos de divisão), indicando se a médias para cada variável se modificando em cada grupo.

¹⁶ O teste de Kruskal-Wallis mostrou que há efeito dos grupos sobre a alternativa “democracia” [$X^2(2)=17,813$, $p=< 0,001$] e sobre o interesse pela história [$X^2(2)=36,13$, $p>0,001$].

nenhuma participação e alguma participação com o movimento estudantil e sem o movimento estudantil.

Tabela 3 - Comparações de médias entre o interesse pela história e a importância da Democracia.

	GRUPOS	MÉDIA
INTERESSE PELA HISTÓRIA	nenhuma participação	0,86
	alguma participação com movimento estudantil	0,96
	alguma participação sem movimento estudantil	0,92
IMPORTÂNCIA DA DEMOCRACIA	nenhuma participação	0,23
	alguma participação com movimento estudantil	0,31
	alguma participação sem movimento estudantil	0,36

Fonte: Adaptado de Projeto Residente.

Para interpretar esses dados precisamos levar em consideração que a análise, ou o teste estatístico que fizemos nesse primeiro momento, realizou a comparação separadamente para cada questão. O índice de interesse pela história¹⁷, foi extraído a partir das respostas da questão 03 do questionário interpretando qual a melhor resposta para alguém que teria interesse pelo estudo da disciplina histórica, nesse caso aqui, foram escolhidas 03 questões que seguem o mesmo padrão de explicação da escala Lickert, após a soma os valores foram divididos por três, representando a mesma ideia já abordada com -2 para o maior desinteresse e 2 para o maior interesse.

Porém, a teoria pode nos ajudar a complexificar essa análise, já que no teste anterior, inferimos se o grupo era capaz de gerar uma modificação em uma alternativa ou em outra, mas a partir das reflexões propostas por Cerri (2021), seria possível perceber um entrelaçamento entre a consciência/ cultura histórica com a cultura política, portanto, a próxima análise realizada buscou entender se o elemento de interesse pela História poderia interferir nas médias a partir desse elemento de classificação dos grupos.¹⁸ O resultado apresentado demonstra que quando esse

¹⁷ Esse índice é uma compilação da soma das respostas dos alunos sobre a questão 03 do questionário: "O QUE SIGNIFICA A HISTÓRIA PARA VOCÊ". A partir da criação de uma nova variável somando as respostas dos alunos para cada alternativa, com algumas delas era necessário a inversão do sinal. Soma: @3.6 + @3.8 + (@3.4 * - 1).

¹⁸ O teste realizado foi o de Quade's Anova o correspondente não paramétrico da ANCOVA (análise de covariância).

elemento “confundidor”, que seria por escolha nossa, o índice de interesse pela História, os únicos grupos que tem sua média de respostas afetados, seriam os grupos com alguma participação política. O índice de interesse foi escolhido como elemento de covariável justamente por entendermos ou buscarmos a relação entre o quanto se tem a história por interessante, e a relação disso com o quanto acho a democracia importante. Com as devidas proporções, podemos refletir que em certa maneira, o quanto me interesse por história está relacionado com o quanto acho a democracia importante nesse grupo de sujeitos, ou melhor, afeta mais significativamente esses sujeitos que tem algum tipo de participação política.

Tabela 4 - Correlação entre as variáveis Índice História interessante e "importância da democracia"

Classificação grupos	Índice de História interessante x 21.8 Democracia¹⁹
nenhuma participação	0,217
alguma participação com movimento estudantil	0,324
alguma participação sem movimento estudantil	0,25

Fonte: Adaptado de Projeto Residente (2024)

Apesar da diferença de respostas, realizando o teste de correlação entre as variáveis para cada grupo (Tabela 4), podemos perceber uma correlação moderada apenas no grupo com alguma participação política com movimento estudantil, nos demais essa correlação estatisticamente deve ser considerada fraca.²⁰ O que explica que apesar das diferenças de média de respostas entre os grupos, uma variável não explica a outra inteiramente, e ao menos aqui, não podemos inferir sobre se o quanto o aluno tem interesse pela história, interfere no quanto ele concede importância a democracia. O que nos leva a refletir para uma necessidade de aprofundamento de investigação desses dados, buscando entender que tipo de democracia é

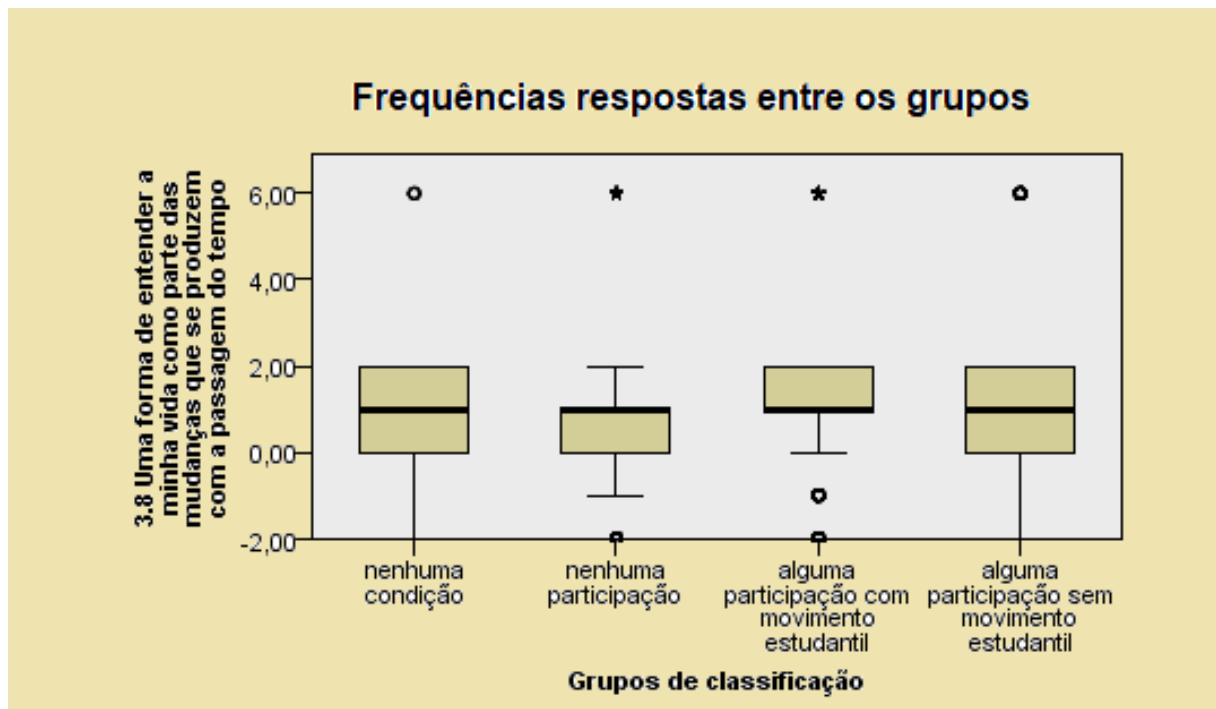
¹⁹ Coeficiente de correlação de Spearman. Índice de correlação indicado para casos que não atendem a condição de normalidade de distribuição.

²⁰ r de 0 a 0,09: correlação nula; r de 0,1 a 0,19: correlação insignificante; r de 0,2 a 0,29: correlação fraca; r de 0,3 a 0,39: correlação moderada; r de 0,4 a 0,69 forte; r de 0,7 a 0,9: muito forte; r = 1: correlação perfeita. Akoglu, H. User's guide to correlation coefficients. Turkish journal of emergency medicine, 18(3), 91-93.(2018).

compreendido por esses estudantes, que tipo de conhecimentos tem sobre a própria disciplina História e o lugar que concedem a ela na explicação de si próprios, e da sociedade como um todo, e os relações entre as noções e experiência políticas apreendidas com as dimensões de sua cultura histórica mobilizada.

A partir da ideia de que a matriz disciplinar da história, partiria das carências de orientação temporais, para através do método histórico, responder cientificamente aos problemas levantados, Rüsen estabelece uma ponte de conexão possível entre a História enquanto ciência e a vida prática dos sujeitos. Já que apresenta a mesma dinâmica, através da operação cognitiva da geração de sentido históricos, onde essas mesmas carências de orientação tornam possível a interpretação histórica através de uma operação da memória, trazendo ao presente às perspectivas de futuro. Nesse sentido há um entrelaçamento entre as memórias, identidade e história. Partindo dessa reflexão possibilitada por esse elemento da teoria de Didática da História, buscamos compreender como os jovens investigados por essa pesquisa percebem essa relação entre movimento histórico para explicação da sociedade e de si próprios (Figura 1).

Figura 1- Frequência de respostas entre os grupos



. Fonte: Dados do projeto residente - organizados pelo autor (2024).

Como temos nessa análise dados que não apresentam distribuição normal, é possível que a comparação de médias não seja a melhor maneira de visualizar as

pequenas diferenças, mas que se tornam significativas quando visualizados da maneira correta. Um substituto para essa análise é visualizar a partir das medianas e seus intervalos interquartis²¹, que podem ser trazidos de maneira visual nesse gráfico aqui demonstrado²². Para explicar de maneira resumida, o gráfico apresenta a frequência de respostas para cada grupo, dentro da questão 3.8, que buscava entender o quanto o jovem investigado estabelecia uma relação entre a sua própria vida e as mudanças históricas de seu tempo, a partir do ensino de história²³. Visualmente o risco de cor preta no meio do gráfico representa a mediana, que nesse caso aqui é o valor 1. A caixa que acompanha essa mediana, é o intervalo interquartil, ou seja 25% abaixo e acima dessa mediana, e as linhas apresentam onde esse grupo atinge a sua menor e maior marcação. O grupo nenhuma participação, apresenta a seguinte configuração de dados, uma grande concentração de respostas entre 0 e 1, tendo como maior marcação 02 e a menor 1, mas com menor concentração nessas extremidades.

O grupo alguma participação com movimento estudantil por sua vez, demonstra maior concentração entre 01 e 02, e tendo como a menor marcação significativa o 0, ou seja, estatisticamente, ninguém desse grupo discordou da ideia de História como explicação da sua própria vida, o que não é apresentado no grupo sem nenhuma participação. No grupo sem movimento estudantil, seguindo o padrão de sua conformação, apresenta uma heterogeneidade maior de suas respostas, mas concentra a maior parte na área de concordância com a afirmação da alternativa.

O que nos leva a perguntar sobre a importância do movimento estudantil como um agregador de identificação e de formação de sujeitos históricos, que se entendem como parte do processo de mudança e agência histórica, e como isso configura uma aparente diferenciação das respostas a esse questionamento.

Mas analisar isoladamente essa questão traz parte da reflexão, já que esse pensamento pode ser complexificado. Ao entender-se como parte do processo histórico, poderia entender também que a história é importante para identificar e compreender esse processo histórico. Por isso passamos para identificar uma

²¹ Mediana é o valor que se encontra exatamente no meio do conjunto de dados observados e divide-os em 50%. Os intervalos interquartis seriam as divisões em proporções de 25% a menos e a mais do meio estabelecido.

²² O teste de Kruskal-Wallis mostrou que há efeito dos grupos sobre a alternativa "3.8" [$X^2(3)=25,307$ $p < 0,001$]

²³ O título da alternativa era: "Uma forma de entender a minha vida como parte das mudanças que se produzem com a passagem do tempo".

possível correlação entre a variável da questão anterior e a da questão 3.6: “Mostra o que está por trás da maneira de viver no presente e explica os problemas atuais”, já que analisando apenas essa variável e submetendo ao mesmo teste estatístico anterior não foi possível estabelecer influência do grupo sobre as respostas. A tendência de respostas por sua vez, foi a de apontar concordância com a afirmativa da questão, ou seja, ambos os grupos entendem a História como importante para explicar a sociedade, mas a partir do teste de correlação de variáveis é possível perceber que os grupos com alguma participação política, tendem a aproximar mais essa relação da história como explicativa da sociedade e do sujeito enquanto parte dessa mudança (Tabela 5).

Tabela 5 - Relação entre História explica a sociedade x indivíduo enquanto sujeito histórico

classificação grupos	História explica a sociedade x indivíduo enquanto sujeito histórico²⁴
nenhuma participação	0,281
alguma participação com movimento estudantil	0,339
alguma participação sem movimento estudantil	0,38

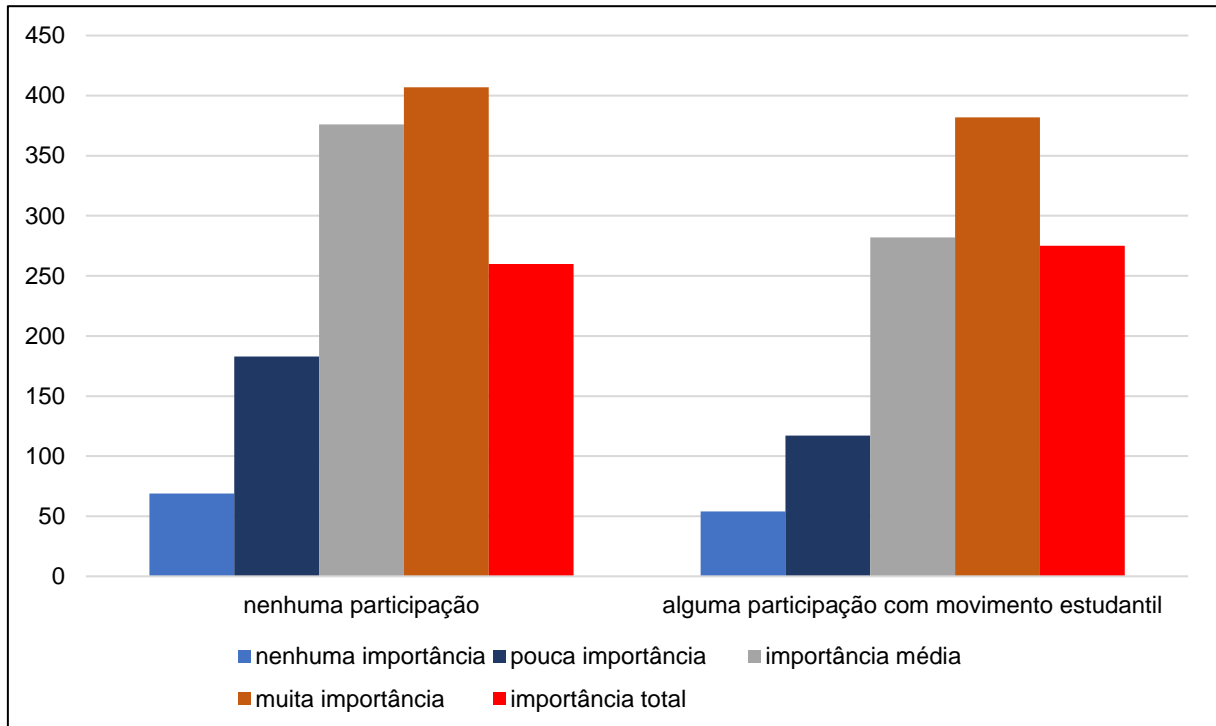
Fonte: dados projeto Residente - organizado pelo autor (2024).

Ela é, como podemos ver e comparar, uma diferença pequena, mas existente a partir dos grupos. O que faz refletir sobre o quanto essa correlação faria sentido, já que nessa dinâmica de produção de identidade histórica, a memória me tornaria um sujeito na história. Ciente da ação do tempo sobre mim, e empoderado da possibilidade de ação sobre ele, o que também poderia estar relacionado com uma maior identificação com a política, atuação na sociedade de maneira a transformar a realidade vivida. Mas é impossível adentrar essa discussão sem relembrar o tempo em que vivemos, de aprofundamento da lógica neoliberal, e o quanto essa ideologia pode impactar na cultura política e histórica desses sujeitos. Sobre essa perspectiva,

²⁴ Índice utilizado foi a correlação de Spearman. r de 0 a 0,09: correlação nula; r de 0,1 a 0,19: correlação insignificante; r de 0,2 a 0,29: correlação fraca; r de 0,3 a 0,39: correlação moderada; r de 0,4 a 0,69 forte; r de 0,7 a 0,9: muito forte; r = 1: correlação perfeita. Akoglu, H. User's guide to correlation coefficients. Turkish journal of emergency medicine, 18(3), 91-93.(2018).

voltaremos mais tarde para refletir melhor teoricamente, mas agora o melhor é apresentar os impactos dessa lógica a partir dos dados e das respostas desses jovens investigados (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Comparação sobre a importância do esforço pessoal para a mudança da história



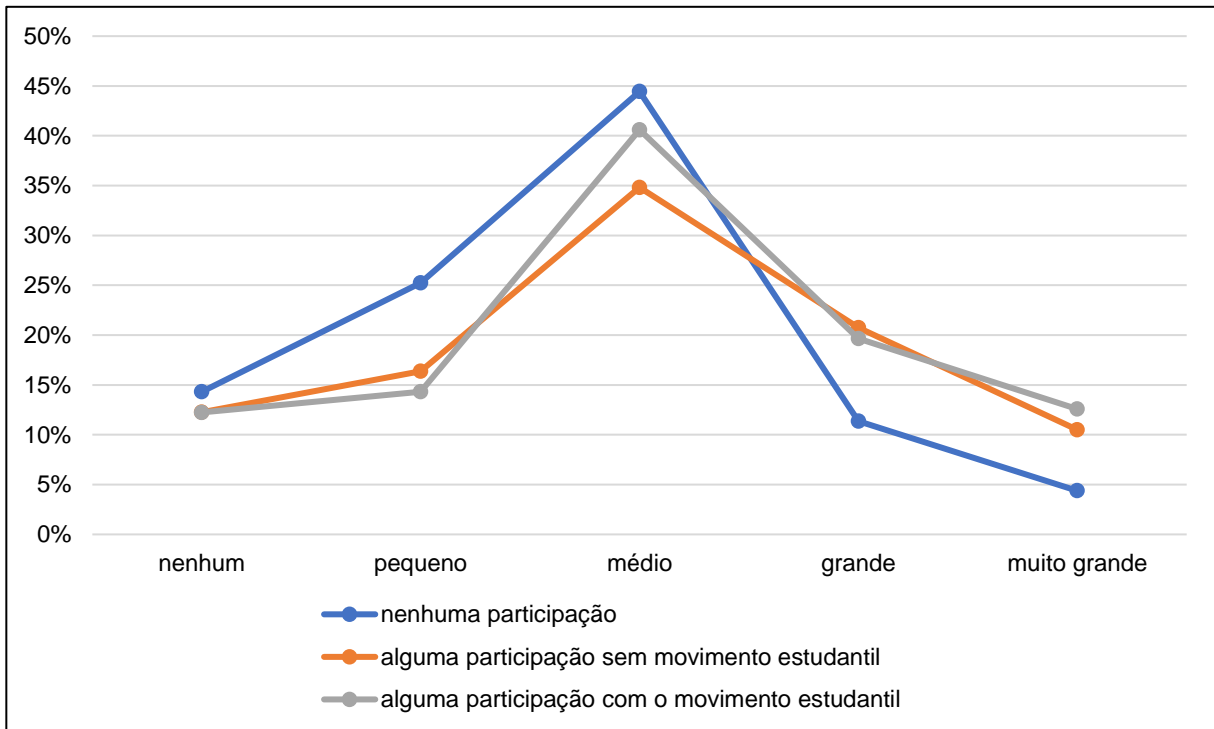
Fonte: Adaptado do Projeto Residente. (2024)

O teste de comparação do efeito do grupo sobre essa variável analisada apontou que só havia diferença de respostas causadas na comparação entre os grupos demonstrados no gráfico: “nenhuma participação” e “alguma participação com movimento estudantil”. O que significa dizer que estar em um grupo ou em outro, modifica o padrão e a tendência de respostas a essa alternativa, o que pode se perceber é que o grupo com movimento estudantil delega mais importância a esse elemento na história que o grupo com nenhuma participação, que possui uma grande porcentagem de marcações na “importância média”.

Esforço pessoal como elemento de construção pode ser percebido como um traço do neoliberalismo na cultura política de uma sociedade que enxerga a ação individual como sobressalente às coletivas, aos processos históricos e estruturamentos sociais.

Em seguida, seguindo o mesmo padrão de análise, buscou-se comparar então, visando os pressupostos teóricos de nossa pesquisa (Gráfico 4), se poderia haver uma diferenciação das respostas a partir do questionamento da importância da política para esses estudantes.

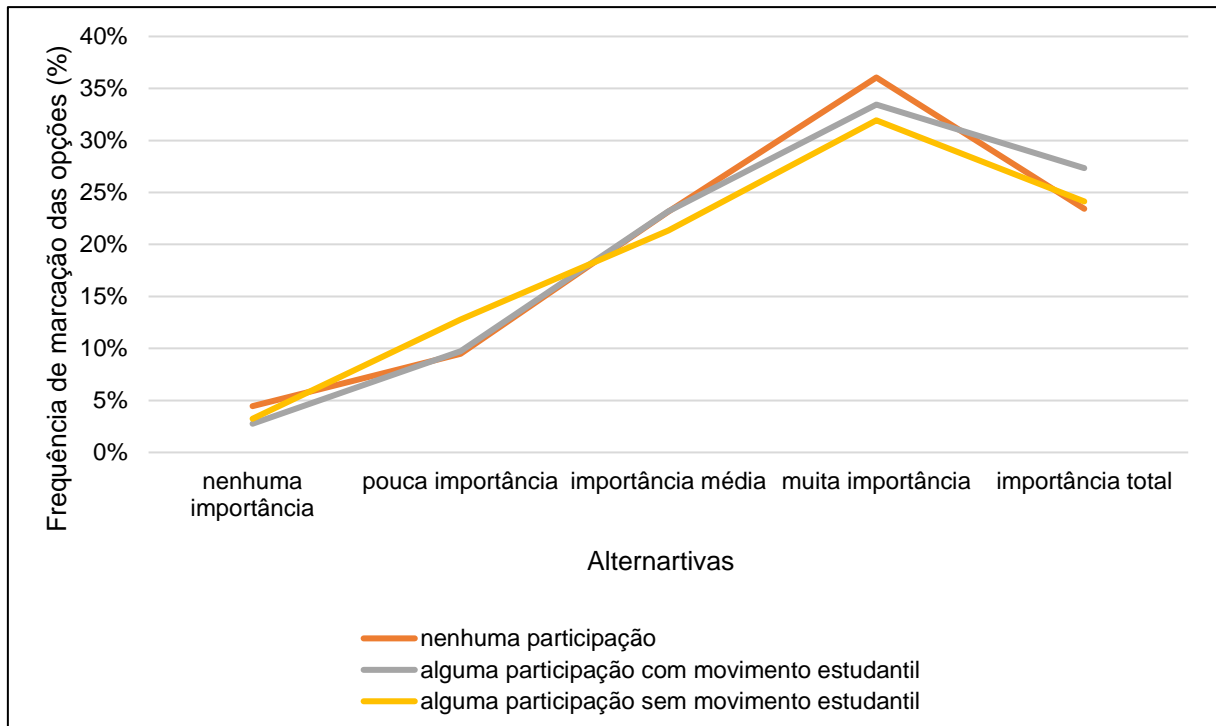
Gráfico 4 - Frequência e distribuição Interesse pela política.



Fonte: Adaptado Projeto Residente (2024)

Há um movimento interessante nesse gráfico, que foi escolhido por melhor representar a dinâmica presente nesses dados que acabou influenciando o resultado do teste de comparação entre os grupos. A linha azul “nenhuma participação” é superior em porcentagem nas três primeiras marcações, mas inverte de posição e decai para uma diferença significativa nas duas últimas. Revelando que a tendência em considerar grande ou muito grande a importância da política, está restrita aos grupos com alguma participação política. O teste estatístico revela que o grupo que difere, ou que tem as respostas diferentes das demais é justamente o grupo sem nenhuma participação nesse caso aqui. Mas chama a atenção para um comportamento presente mesmo nos grupos com participação política, a grande frequência de marcações “interesse médio”, a maior frequência em comum. Talvez mais um elemento de tensionamento da cultura política (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Importância dos Movimentos e conflitos sociais para as mudanças nos últimos 40 anos.



Fonte: Adaptado do Projeto Residente (2024).

Essa tabela nos aponta uma tendência do pensamento desses estudantes, considerar importante a participação dos movimentos e conflitos sociais nos últimos 40 anos. O que nos faz refletir, pensar e entender o que vem à memória desses estudantes, ao serem confrontados com essa questão. A partir da teoria que estamos trabalhando nessa dissertação, a análise do passado surge de demandas pensadas no presente, que usam de recursos da memória para recuperar o passado conhecido para articular uma explicação possível para aquela demanda. O que significa dizer, que ao serem confrontados com esse questionamento, o primeiro pensamento é direcionado ao presente, como ele está hoje e o que mais foi significativo para construí-lo. Nesse sentido, podemos pensar historicamente o presente, em uma tentativa não de estabelecer uma relação causal, ou seja, encontrar os elementos na sociedade que fizeram com que essa fosse a tendência de resposta, mas refletir a partir disso, mostrando haver esse movimento tanto nas respostas, quanto na historiografia.

No próximo subtópico seguiremos as análises, tentando relacionar o uso atribuído à história, e a interpretação própria desses estudantes de fenômenos do

passado e do presente. Após isso, apresentar-se-á uma possível correlação desses posicionamentos com o interesse pela política, e a importância dada a democracia.

Pensar se existe uma correlação entre as variáveis que refletem sobre o interesse pela disciplina nos ajuda a começar identificar de que maneira esses jovens investigados poderiam estar operando sua consciência histórica. E a partir estabelecer as melhores correlações com a política.

Realizando o cruzamento entre as questões 03²⁵ e 16 de nosso questionário, pode-se observar uma baixa correlação entre as variáveis. Para critério de seleção separamos apenas as alternativas que apresentaram um índice maior que 0,2 (correlação fraca) e dentro desses, apenas os maiores para seguir com a análise. A partir dessa filtragem podemos estabelecer que apenas duas percepções de história em específico apresentaram as correlações selecionadas: “Uma possibilidade para aprender com os erros e acertos dos outros” e “Mostra o que está por trás da maneira de viver no presente e explica os problemas atuais.” Essas duas percepções de história, ajudam a explicar a escolha das respostas sobre os fatos mais importantes na construção dos últimos 40 anos.

Em contrapartida a questão 16²⁶, apresenta uma correlação forte entre as alternativas, o que significa dizer que há certa homogeneidade no grupo escolhido em entender como importante todos os elementos, restando apenas a diferença na classificação da importância. Então para seguir, filtraremos apenas as 03 maiores correlações. Sendo que a primeira delas se dá entre a questão 16.1 Invenções técnicas e mecanização e 16.2 Movimentos e conflitos sociais. Nesse cruzamento podemos perceber que os grupos de divisão não causam modificação nas repostas, isso pode ser uma marca da cultura política que atrela a construção dessa sociedade ao desenvolvimento das tecnologias, que possivelmente marcaram a infância e adolescência desses jovens investigados. Que durante sua ainda breve vida, já passaram por um desenvolvimento do final do mundo analógico para o mundo das inteligências artificiais, redes sociais e todo o presente imerso em tecnologia.

²⁵ O texto da questão 03 tinha como enunciado: O Que Significa A História Para Você?

²⁶ O texto da questão 16 tinha como enunciado: Que influência você acha que tiveram os seguintes fatores na mudança da vida das pessoas desde 1980 até hoje?

De maneira semelhante podemos refletir como a memória é levada a trazer fatos de um passado recente agitado politicamente, desde a redemocratização passando por governos instáveis nos primeiros anos de regime democrático, quanto pelo passado mais próximo desses estudantes marcados por intensos movimentos de contestação social, a partir de 2013 com as jornadas de junho, passando pelas ocupações das escolas públicas e a reforma do ensino médio em 2016, até a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Em certa maneira a experiência política desses estudantes apresentou poucas mudanças significativas de respostas, mas em algumas questões pontuais isso reforçou o já esperado como no caso da identificação maior entre a relação da sua vida prática com a história do país por parte dos estudantes com alguma participação política. E mesmo apesar disso, há um grande número de marcações em respostas que parecem descaracterizar a política com algo importante na vida em sociedade, resultado possível das recentes discussões sobre a competência na política e o descrédito dos representantes políticos vem sofrendo recentemente, como podemos perceber em manifestações políticas seja à direita quanto a esquerda.

Mas o que não deixa de chamar a atenção é como os elementos do mundo econômico, na personificação do neoliberalismo para interferir nas respostas mais que a própria participação política. O que torna necessária, uma discussão mais densa e aprofundada sobre esse conceito e uma breve reflexão desse impacto em nossos dados analisados, que será realizada no capítulo subsequente.

4. A AÇÃO POLÍTICA FRENTE AO NEOLIBERALISMO

A análise do capítulo anterior deixou algumas pistas da influência desse cenário da cultura histórica brasileira, e como esse afeta diretamente a prática política dos estudantes. Mas para entender esse cenário precisamos mergulhar no tempo, e compreender a fundo essa dinâmica econômica e social que tem se mostrado tão evidente na sociedade contemporânea. Para isso nos apoiaremos nas contribuições da filósofa Marilena Chauí, que conceitua de maneira exemplar esse fenômeno em seus textos como sob o signo do neoliberalismo, Democracia e sociedade autoritária e O totalitarismo neoliberal, que serão apresentados e discutidos a seguir.

Marilena Chauí, tem seus estudos marcados já no início pelo movimento estudantil de maio de 1968, em que estudantes franceses balançaram as estruturas políticas de Paris, e teve também como influência as aulas de Deleuze e Foucault em Paris VIII. (Santiago, 2016). Vindo ao Brasil esteve à frente da resistência à ditadura civil militar brasileira, partindo sempre de situações cotidianas para reflexões mais complexificadas sobre a conjuntura política desse momento. No capítulo que traremos em questão a autora, iniciamos o debate propondo um breve histórico daquilo que conheceremos como neoliberalismo pensado como oposição a social-democracia, dado a queda do muro de Berlim e o final da Guerra Fria. A social-democracia buscava encontrar um caminho de humanização dentro do capitalismo, através do aumento de direitos da classe trabalhadora e em atuações de temas sociais, e também na socialização coletiva dos meios de produção através da economia planificada pelo Estado (Chauí, 2007).

Opondo-se a esse pensamento, o pensamento para um estado neoliberal está fixado na ideia de que a intervenção econômica do Estado fere a liberdade individual e a capacidade de prosperidade dos cidadãos. Irá ganhar força apenas com a crise capitalista na década de 1970. A partir da análise desses autores a responsabilidade da crise era exclusiva do excesso de benefícios trabalhistas e destinados a classe trabalhadora que limitavam a capacidade de lucro das grandes corporações. Se esse elemento é isolado como grande problema da crise, a solução aparece pronta: fortalecer a violência estatal para retirar poder dos sindicatos, retirar os investimentos e benefícios sociais, além disso a manutenção de parte da população sob o desemprego, para não depender da organização sindical e ficar mais suscetível a condições de flexibilização das leis de trabalho. Isso levaria a um programa de

privatizações, permissão da autorregulação do capital pelo próprio mercado, revisão da cobrança de impostos sobre grandes fortunas os direcionando para o consumo e rendas mais baixas, as primeiras demonstrações históricas dessa política se apresentaram no Chile de Pinochet, na Grã-Bretanha de Margaret Thatcher (Chauí, 2007).

Os movimentos e ideias históricas de superação dialogam constantemente com seus predecessores, portanto alguns autores apontam como o neoliberalismo nasce da contradição interna da dinâmica social-democrata, já que tentava administrar o subsídio da manutenção das forças reprodutivas do capital e também na produção, porém o que acabou gerando foi um acúmulo de custos, socializando e tornando parte da responsabilidade do Estado, mas não alcançando a esperada socialização da riqueza. Esse processo gerou um déficit na receita do Estado, aliado a isso, a riqueza custeada nem sempre permanecia no mesmo país onde era produzida, já que esse também é o momento histórico dos oligopólios e fortalecimento do capital internacional (Chauí, 2007).

Portanto, o neoliberalismo aparece como solução, diante de um cenário de força política de setores de esquerda, e de organização popular. Ele poderia levar a cabo a evolução capitalista sem freios, eliminando os obstáculos até então intransponíveis para o capital, dessa maneira, há um avanço evidente do setor privado sobre o setor público, sendo essa uma das primeiras características e definições trazidas pela professora Chauí. Esse é o momento, da acumulação flexível do capital, onde o crescimento vertiginoso da economia, a flexibilização das normas trabalhistas, o desemprego estrutural, causava um novo cenário de identificação para esse trabalhador, com menor solidariedade entre esses mesmos trabalhadores (Chauí, 2007).

Outro elemento é o monetarismo, ou capital flutuante, que nasce da especulação financeira e nem sempre corresponde ao que é realmente produzido, passando sempre pela negociação através das bolsas de valores. Investimentos esses que fazem com que os países em desenvolvimento, disputem entre si um lugar ao sol dos financiamentos advindos desse tipo de investimento. Há também o fortalecimento do setor de serviços, o desvinculando da produção e passando a agir como autônomo e terceirizado, danificando as relações identitárias possíveis de se existirem antes (Chauí, 2007).

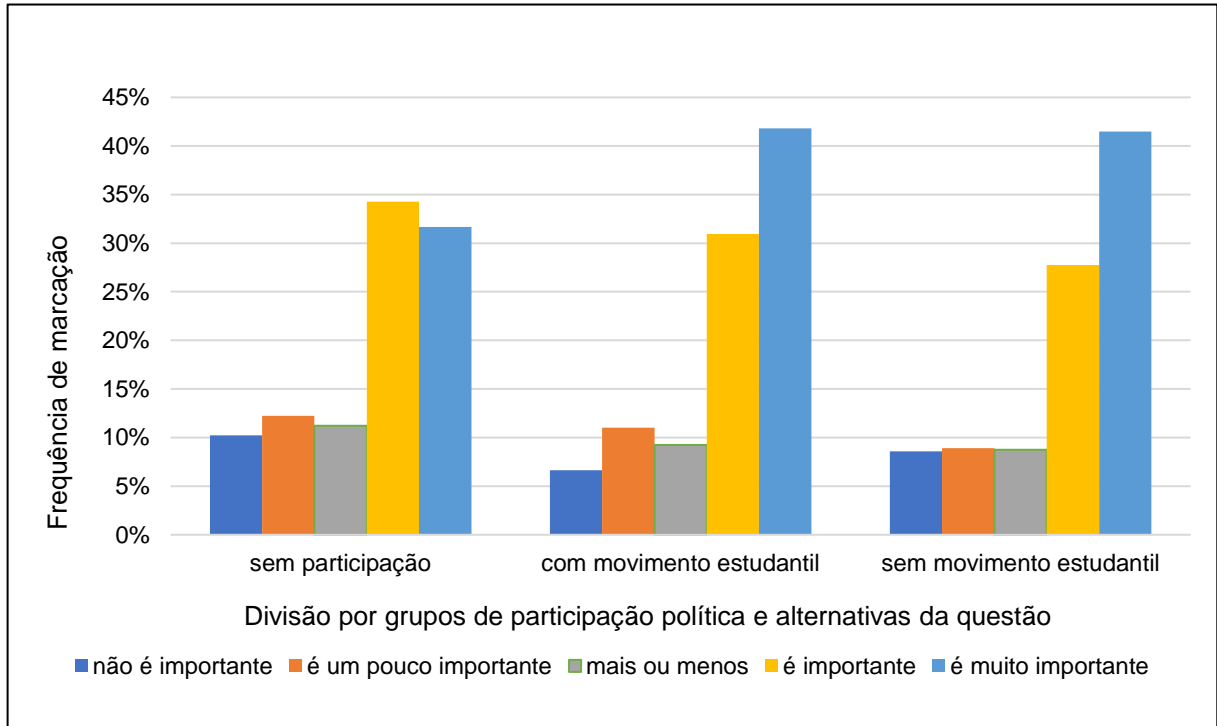
Seguindo nessa linha de transformação, a ciência e a tecnologia se tornam forças produtivas aliadas ao desenvolvimento econômico, uma mercadoria para gerar mais lucro, tornando o apoio e desenvolvimento a educação a partir dessas contribuições filosóficas, um mero desenvolver da mentalidade para o trabalho, principalmente através da busca excessiva pelo desenvolvimento de competências. Assim como as mercadorias, o conhecimento é chamado a obsolescência de maneira muito rápida, reivindicando sempre uma nova explicação para uma sociedade cada vez mais fluída. Outras características desse estado neoliberal é a conversão de direitos em mercadorias, e as transnacionalização do capital, através da atuação das empresas estrangeiras em países periféricos, aumentando ainda mais o abismo entre os países periféricos e os países mais ricos, e ainda dentro de cada país uma diferença gigantesca entre os super ricos daquele lugar e os extremamente pobres, na linha da miséria e pobreza extremas (Chauí, 2007).

Aqui a autora também fará uma pequena reflexão do impacto dessa dinâmica da economia na experiência espaço-temporal dos indivíduos, e as consequências práticas disso no trato com a história e a memória. David Harvey, apontará como o capitalismo aprofundará a falta de coletividade e tornará o a experiência espaço-temporal efêmera e esvaziada, se todos os lugares são aqui e agora e o tempo é rápido demais, passará então por um grande esvaziamento de sentido. Decorre disso algumas situações, a primeira delas seria a insegurança e violência, gerada não só por essa percepção de espaço e tempo fragmentados, mas pelas condições materiais impostas de insegurança e hiper responsabilização de cada indivíduo por seu próprio sustento e sucesso. Além disso, ocorreria o apego a tradicionalismos e apego a imagens autoritárias da religião e da própria política.

Esse é um dos pontos que podemos perceber nos dados analisados. De modo geral a família e a religião têm alto grau de importância segundo a resposta dos alunos, sendo que o grupo sem participação é o que apresenta uma diferença significativa dos demais, para eles essa importância é o menor grau apresentado na frequência de suas respostas. Um ponto a ser levado em consideração, são alguns elementos já destacados no Capítulo 1, que seria a alta frequência de marcação em comum entre movimento estudantil e a marcação “grupos de jovens de igreja”, e como também essa marcação é a mais evidente no grupo sem o movimento estudantil. O que nos leva a relação entre a participação em algum movimento ligado a religião de

alguma maneira, e a importância dada a essa temática aumentando conforme sua participação (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Importância da religião de acordo com os grupos



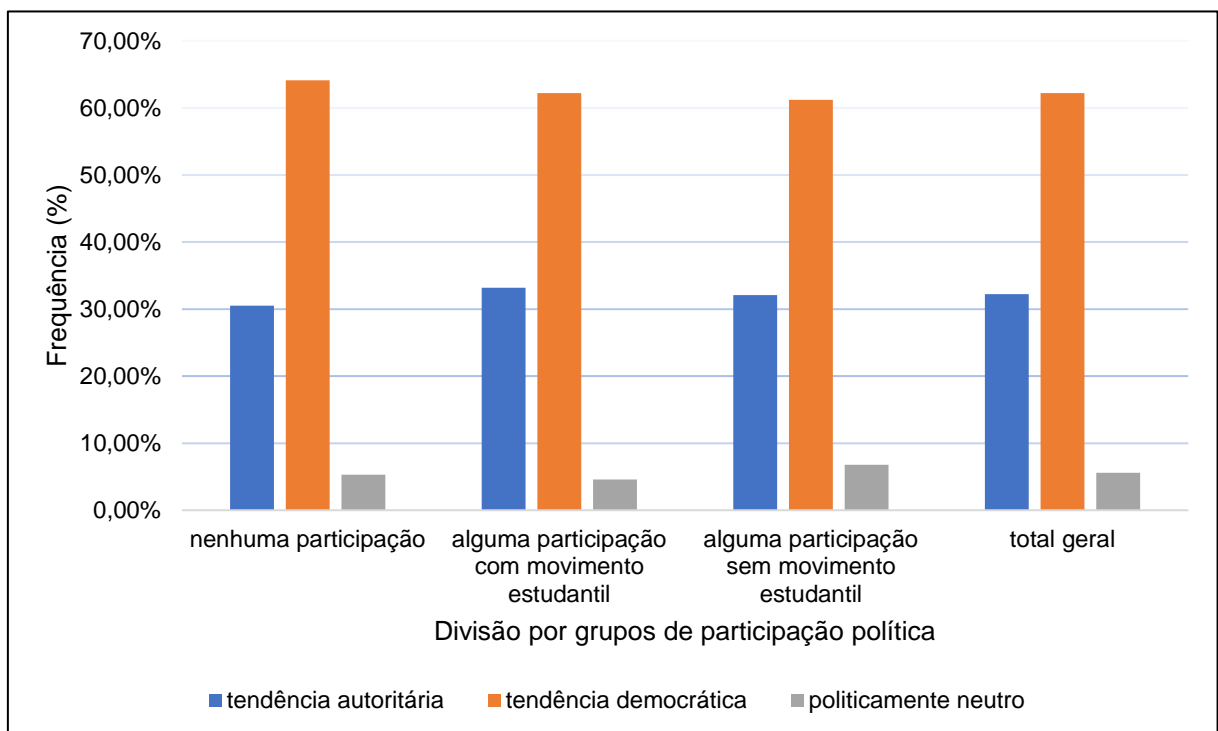
. Fonte: Adaptado do Projeto Residente (2024).

A marcação é muito importante, é a principal diferença aqui, ela apresenta uma concentração muito maior de declaração de importância da religião no grupo que tem algum tipo de participação, comparado ao grupo sem participação. Isso também ficará demonstrado nas marcações “mais ou menos”, “não é importante” e “é pouco importante”, que no primeiro grupo comparado é maior em relação aos demais.

Os dados investigados apresentam, em relação à divisão de grupos, uma pequena tendência do grupo de não participação política, para os posicionamentos mais democráticos, o autoritarismo é característica do grupo com movimento estudantil, e a neutralidade no grupo sem o movimento estudantil. É possível que tais mudanças não representem de fato uma tendência de participação, e podem estar atreladas a uma certa variação aleatória que os dados podem apresentar. Essas tendências são baseadas na bússola política, que seria um compilado de perguntas que tem como objetivo tentar mapear o posicionamento ideológico, organizando a partir das respostas dadas a essas perguntas o posicionamento político em tendências: socialista, neutra, liberal, autoritária e democrática. É possível também

pensar esse posicionamento a partir de eixos, como um plano cartesiano: eixo político e eixo econômico.²⁷ Dentro do projeto residente, houve a inclusão de algumas dessas perguntas para que fosse possível investigar e mapear a cultura política dos jovens investigados. Na análise a seguir (Gráfico 7), se levará em consideração a distribuição nesses eixos econômico e político do posicionamento político dos estudantes investigados.

Gráfico 7 - Posicionamento político social nos grupos.



Fonte: Adaptado do Projeto residente (2024).

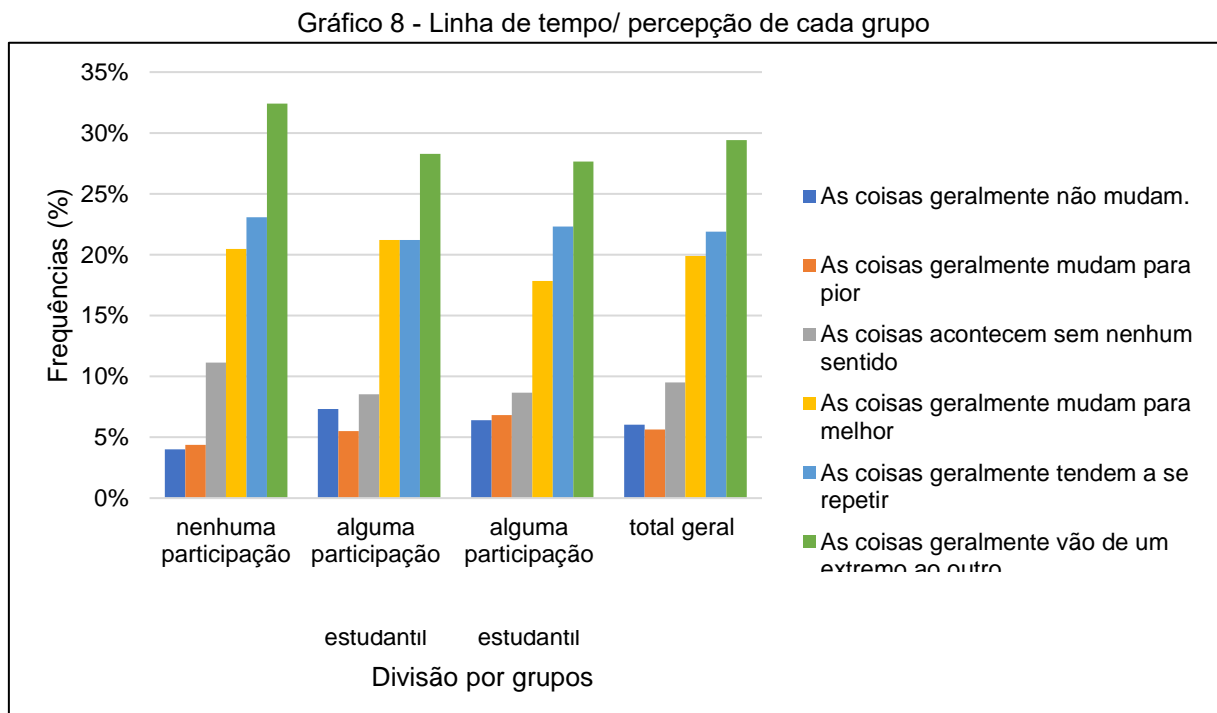
Parte da reflexão de Chauí (2007), se dará no sentido da experiência temporal, e uma consciência gerada a partir dessa experiência. Segundo ela, a compressão da noção do espaço e do tempo, nos levaria a um esvaziamento de sentido do passado, em um eterno presente e de uma falta de perspectiva de ação no futuro, já que teríamos a sensação de um presente muito presente, ou total em nossas vidas. O interessante aqui é aproximar essa noção da qual já adotamos nesse

²⁷ Esse questionário pode ser encontrado no site: <http://www.politicalcompass.org/>. E apesar de não ser possível indicar os nomes ou a organização por detrás dessa pesquisa acredita-se que seja de autoria e responsabilidade de Wayne Brittenden e da organização não governamental *One World Action*.

trabalho, onde a consciência sobre o tempo apresenta essa relação entre a ação no presente, a perspectiva de futuro e a consciência do passado. A questão aqui é que a crítica da autora vai no sentido de apontar como as estruturas sociais e materiais do presente acabam impactando inevitavelmente na compreensão geral desse sentido, e isso impactaria diretamente na ação política dos sujeitos:

Volátil e efêmera, hoje nossa experiência desconhece qualquer sentido de continuidade e se esgota num presente vivido como instante fugaz. Essa situação, longe de suscitar uma interrogação sobre o presente ou porvir, leva ao abandono de qualquer laço com o possível e ao elogio da contingência e de sua incerteza essencial. O contingente não é percebido como uma indeterminação que a ação humana pode determinar, mas como o modo de ser dos homens, das coisas e dos acontecimentos. Há uma adesão à descontinuidade e à contingência bruta, pois, ao perdermos a diferenciação temporal, não só rumamos para o que Virilio chama de "memória imediata", ou ausência da profundidade do passado, mas também perdemos a profundidade do futuro como possibilidade inscrita na ação humana enquanto poder para determinar o indeterminado e para ultrapassar situações dadas, compreendendo e transformando o sentido delas. (Chauí, 2021, p.52).

É possível verificar essa relação através de algumas perspectivas dadas pelas respostas dos alunos investigados em nossa fonte. No Gráfico 8 podemos apontar algumas pequenas diferenças nessa percepção a partir das respostas de cada grupo:



Fonte: Adaptado dados projeto Residente. (2024)

O que fica evidenciado aqui é que existe uma tendência geral de pensamento, que é o de perceber a mudança da realidade e da passagem do tempo de um extremo ao outro. Essa percepção de passagem do tempo, pode estar intimamente ligada a memória resgatada por esses estudantes, de um passado de instabilidade econômica e política, explicada em parte pela própria reflexão já trazida aqui sobre o neoliberalismo e como as condições materiais da vida acabam por interferir na noção e experiência com o próprio passado. As duas maiores marcações seguintes, são opostas entre si, uma carrega a noção de continuidade e permanência, outra ressalta o aspecto positivo da mudança, essa última perspectiva só não é a maior no grupo de atuação com o movimento estudantil.

Diferente do ocorrido em outros momentos de totalitarismo, há a absorção do estado pela sociedade, e já que a sociedade civil é agora a organização empresarial, o Estado é convertido e cobrado como uma empresa. Se falam de metas a serem batidas, demissão e troca de gestores, busca por lucro, controle de gastos, homogeneizando e impedindo a existência do específico e do diferente. A principal consequência disso é a diminuição do sentido de democracia, já que está passa a se tornar apenas a possibilidade da escolha do melhor “gestor” para esse Estado-empresa, esvaziando os sentidos de participação política e social como elementos democráticos.

Voltando ao nosso último gráfico apresentado, podemos perceber sobre como os elementos as coisas vão de um extremo ao outro é a principal tendência, mas é um elemento mais forte em quem não tem participação política. Já os dois próximos, tendem a melhorar e as coisas tendem a se repetir, poderiam estar relacionados com a ideologia política dos estudantes?

A ideia da Chauí, trazendo a contribuição de outros autores, é de que vivemos em uma sociedade comprimida no espaço tempo, tudo é aqui e agora, portanto as noções de história e experiência temporal desses estudantes, teriam um prazo muito curto de impressão. A noção ideológica poderia nesse sentido influenciar um pouco mais nessa resposta, já que o que se espera do futuro, é esperado no hoje.

Pode-se dizer que há uma evidência de tendência de pensamento quando confrontamos a tendência política (do ponto de vista social) e a maneira como se interpreta o tempo. Nesse sentido, há um leve desvio por parte da tendência autoritária em entender o presente como “as coisas geralmente mudam para melhor” e as “as coisas geralmente não mudam”. O que podemos refletir sobre como o passado atualizado no presente na realidade é muito influenciado pela situação política, em um

momento em que a extrema direita estava consolidada no poder, isso nos ajuda a refletir sobre como apesar da palavra “geralmente”, o que nos levaria a uma recorrência desse elemento em outros momentos da história, a ideia que se traz é que possivelmente essa marcação levou em consideração o cenário político daquele momento. É importante demonstrar esse elemento da reflexão em dados, extraídos de algumas combinações e comparações de respostas.

Para entender as próximas tabelas analisadas e o que buscou-se fazer com os dados, faremos analogia simples, uma pequena pausa de temas relacionados a história e política. Se em um determinado grupo de 100 pessoas investigadas, tivéssemos a seguinte divisão em grupos: 60% das pessoas torcem para o Santos (santistas), 30 % torcem para o Flamengo (flamenguistas) e 10% torcem para o Palmeiras (palmeirenses). Agora esse mesmo grupo também podia se dividir em outros 03 grupos, relativos ao sabor de suco favorito: 35% que gostavam de uva, 35% gostavam de morango e 30% gostavam de melão.

Note-se que um grupo a divisão é mais homogênea e em outro com maior quantidade de santistas. Se, por exemplo, a pesquisa dessa investigação procurasse saber se existia a relação entre a torcida por um determinado time e o sabor de suco escolhido, e após o cruzamento de dados encontrasse que 60% das pessoas que gostam de uva torcem para o Santos, não significaria dizer que há relação entre essa torcida e o sabor de suco, mesmo que mais que a maioria das respostas indique torcida a esse time. Isso porque ela respeita a proporção geral dos dados analisados no que se refere ao outro grupo classificatório. Agora por sua vez, se analisando exclusivamente os torcedores flamenguistas, 70% desses torcedores afirmassem gostar de morango como sabor de suco e os 30% divididos igualmente entre os outros dois sabores, aí sim nesse caso poderíamos apontar um padrão diferenciado, isso porque dentro do grupo “flamenguistas” espera-se uma divisão semelhante a divisão geral dos dados.





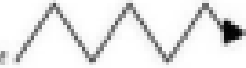

O que esse exemplo nos traz é que, para análise entre dois grupos, é preciso se levar em consideração a porcentagem esperada, sempre analisando a divisão geral em relação a divisão particular. Passando do exemplo, para a análise real dessa pesquisa, a próxima tabela demonstrará a relação entre as opções de escolha da pergunta sobre a linha do tempo e o posicionamento político do ponto de vista social²⁸,

²⁸ Levando em consideração a bússola política.

tentando perceber se determinada tendência de posicionamento político influenciava na maneira como responderia acerca da linha do tempo. Para seguir na metodologia empregada por essa pesquisa até aqui, essa divisão em grupos terá uma terceira divisão, entre a participação política desses estudantes. Como os dados aqui poderiam apresentar números absolutos em proporções diferentes para cada grupo, é oportuno apresentar apenas as porcentagens que evidenciam as relações encontradas aqui.

São questões com alguma especificidade entre si, mas que entendemos interesse realizar a comparação. O texto da questão referente a linhas do tempo tinha como texto: “Muitas vezes se olha a história como uma linha do tempo. Qual das seguintes linhas você pensa que descreve melhor o desenvolvimento da história. Assinale uma opção”. E como opção de resposta, algumas opções de assertivas acompanhadas de uma ilustração (Figura 3) para representar a “linha do tempo”:

Figura 3 - possibilidades de marcação da questão sobre as linhas do tempo

- a. As coisas geralmente mudam para melhor 
- b. As coisas geralmente não mudam. 
- c. As coisas geralmente mudam para pior 
- d. As coisas geralmente tendem a se repetir. 
- e. As coisas geralmente vão de um extremo ao outro. 
- f. As coisas acontecem sem nenhum sentido. 

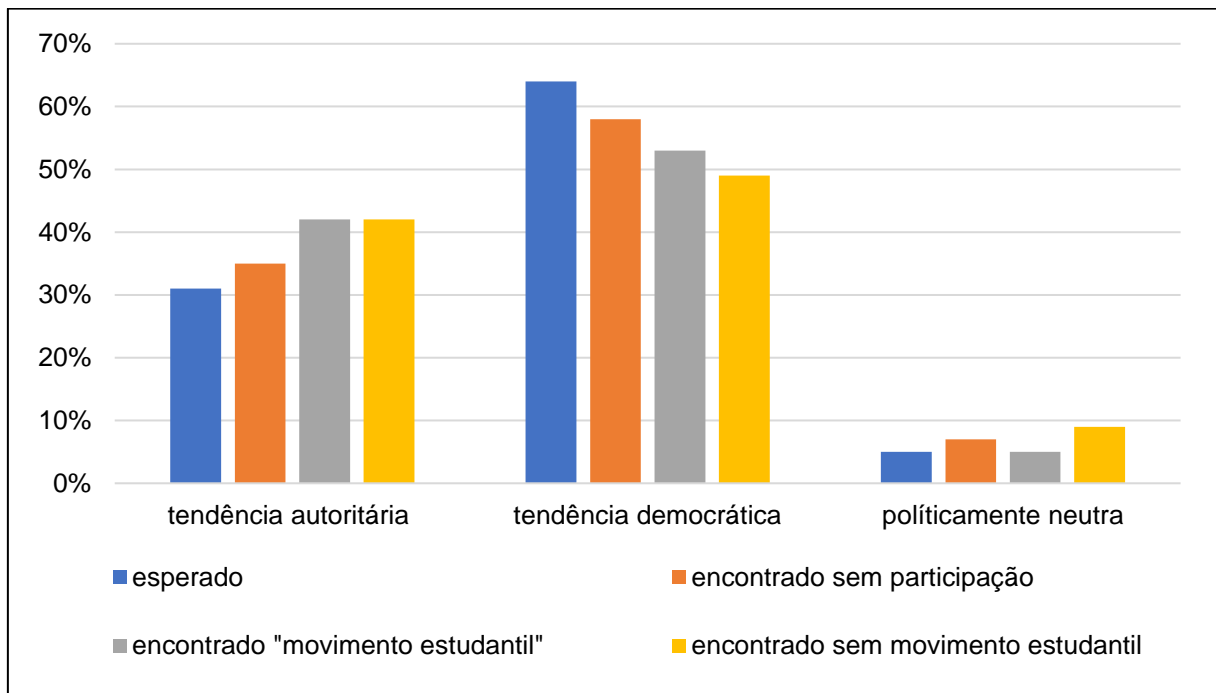
Fonte: Dados do projeto Residente. Organizado pelo autor (2024).

A partir das respostas dadas pelos alunos, é possível enquadrá-los em grupos de escolha distintas. Já para identificar o posicionamento político desses estudantes, optou-se por utilizar a mesma divisão a partir das questões da bússola política, já explicada em momento oportuno nesse trabalho de dissertação. Um terceiro filtro para

as comparações de respostas, foram os já bastante utilizados nesse trabalho, grupos de participação política.

A maneira que será evidenciada as comparações, tentará deixar claro a relação de mudança entre as porcentagens gerais dos grupos de tendência política com as porcentagens específicas geradas para cada grupo de participação social, e então será possível observar se os valores se mantêm em uma mesma proporcionalidade ou se apresentam algum desvio. Para esse trabalho foram separadas apenas as comparações, com as 03 respostas de maior percentual em relação a linha do tempo, o primeiro gráfico (Gráfico 9) a ser apresentado é a distribuição para a resposta “as coisas geralmente mudam para melhor”

Gráfico 9 – Percentual de marcação tendência política x “as coisas geralmente mudam para melhor”.



Fonte: Dados projeto Residente. Organizado pelo autor (2024).

Para explicar, o ícone em azul “esperado”, se refere justamente a um cálculo baseado na distribuição esperada, levando em conta a distribuição geral dos dados em relação ao posicionamento político. Significa dizer que se esperava que 31% das respostas dadas na marcação “as coisas geralmente mudam para melhor” fossem relativos aos alunos enquadrados como tendência autoritária. Mas os dados apresentam que, conforme o nível de participação política, esses valores se distribuem em 35%, 42% e 42% respectivamente. Nesse caso, existem mais

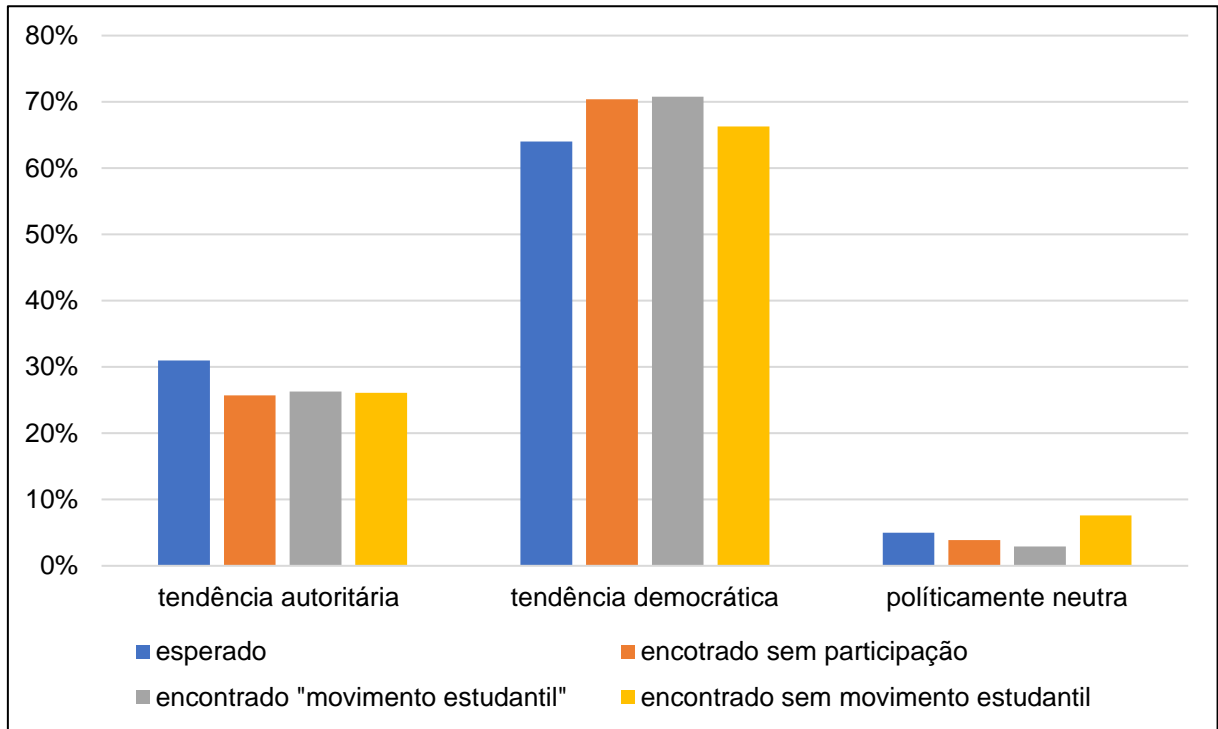
autoritários do que o esperado, esse deslocamento parece ser respondido olhando as colunas ao lado, da tendência democrática, que por sua vez apresentam dados menores que o esperado.

A tendência por mais que sutil, é de que os autoritários (segundo a tendência de classificação estabelecida pela bússola política), optam por escolher mais essa questão do que os democráticos, e que os participantes mais evidenciam essa diferença são os que apresentam algum grau de participação política.

O que nos leva a refletir, baseado nas discussões sobre o tempo comprimido, que a experiência temporal desses estudantes fica limitada ao próprio presente, talvez no exercício do resgate a memórias históricas, a partir da discussão de Rüsen, há pouquíssimo tempo atrás. O presente, em 2019, ano da coleta das respostas, parecia em certo grau no Brasil, favorável a extrema direita, com políticas públicas em sintonia com pensamentos conservadores, muitas vezes baseados na intolerância religiosa e no desrespeito político. Será que é esse presente que faz com que os ditos autoritários entendam, que as coisas geralmente melhoram? Apesar do claro conflito que o advérbio “geralmente” poderia trazer, já que tem a intenção de aproximar o passado, presente e futuro, parece que as respostas aqui emanam de um passado recente, que tem melhorado politicamente falando. Ainda seria possível pensar que a preocupação com o presente seja um dos motivadores e busca por maior participação política, já que a insatisfação podem ser sentimentos capazes de mobilizar a ação política.

É perceptível também que os “democráticos” parecem não responder iguais aos autoritários, e as marcações desse grupo decaem em relação ao esperado, porém analisando da mesma forma outras das opções de linha do tempo, parecemos encontrar o refúgio de melhor opção de resposta, evidenciando um movimento contrário que o apresentado aqui (Gráfico 10).

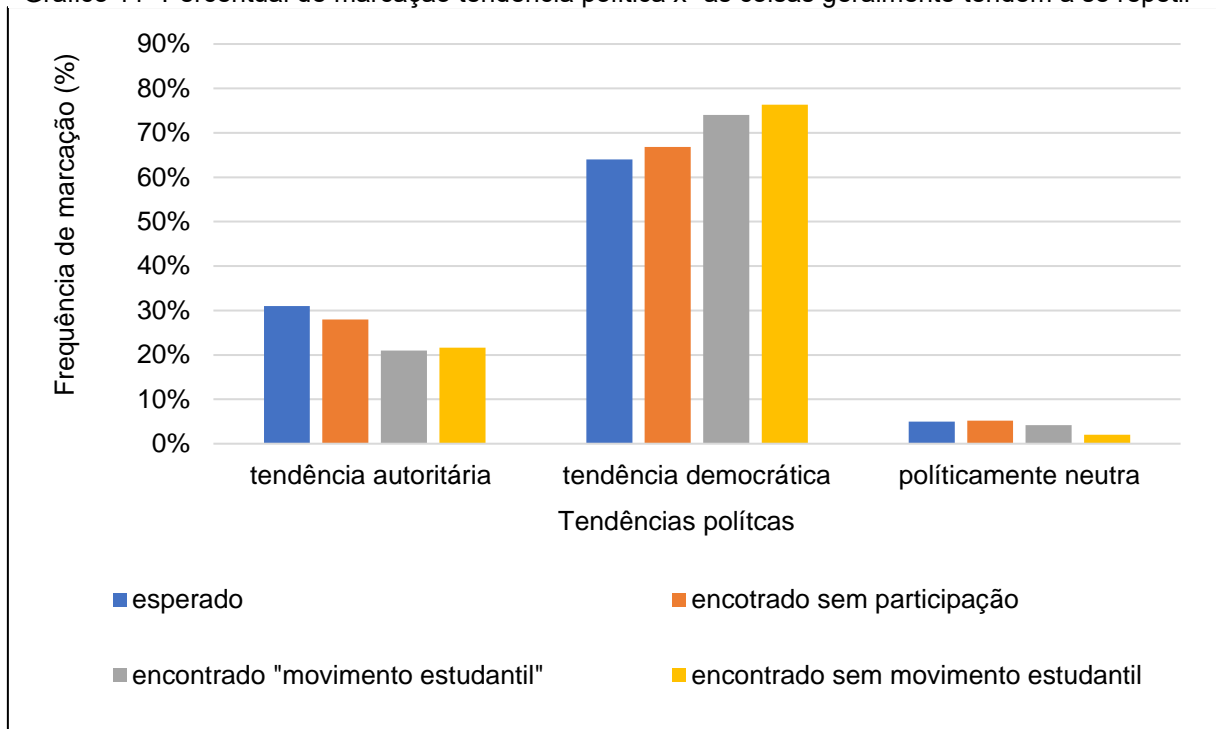
Gráfico 10 – Percentual de marcação tendência política x "as coisas geralmente vão de um extremo a outro"



Fonte: Dados projeto Residente. Organizado pelo autor (2024).

Com exceção dos alunos que tem alguma participação política sem atuarem no movimento estudantil, os demais apresentam um padrão, ambos têm como preferência a marcação pelos democráticos. Essa é a questão que entre as possibilidades de marcação, foi a mais procurada em números absolutos, conforme já evidenciado no Gráfico 8. Ainda, nesse mesmo gráfico podemos perceber que a segunda resposta com maior marcação “as coisas geralmente não mudam”, também apresentará uma dinâmica que foge a distribuição esperada, ou seja, o posicionamento político também interfere na escolha dessa opção.

Gráfico 11- Percentual de marcação tendência política x "as coisas geralmente tendem a se repetir"

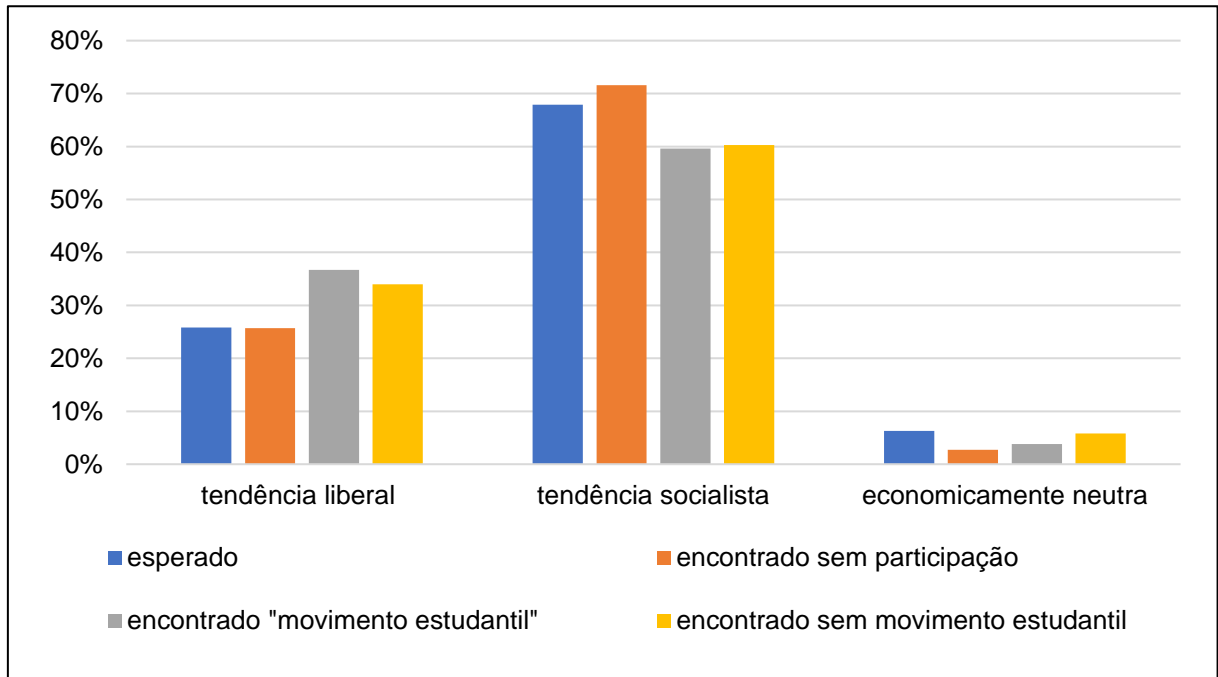


Fonte: Adaptado do Projeto Residente (2024)

Como fica evidenciado pelo Gráfico 11, os “autoritários”, parecem se deslocar dessa resposta, e o maior distanciamento se dá no grupo de participação política com movimento estudantil. Talvez demarcados por um presente, que faça menção a períodos do passado de perseguição e oposição a situação política do país, e talvez essa realidade ficaria mais evidente nos meios de discussão de partidos políticos, movimentos sociais, entre outros. Nesse período também se mantinham os debates sobre o novo ensino médio, a situação da precarização na educação trazendo momentos da história onde essa realidade era buscada de forma diferente. Apesar da evidência dos dados, nos cabe nessa dissertação apenas apontar e buscar algo de reflexão, mas não seria possível afirmar que foram essas as relações estabelecidas por aqueles estudantes na hora da marcação.

Complementando essa discussão, podemos verificar a mesma dinâmica de distribuição entre o percentual esperado e o encontrado também no eixo econômico da bússola política, que apresenta as possibilidades de marcação entre a tendência socialista e tendência liberal.

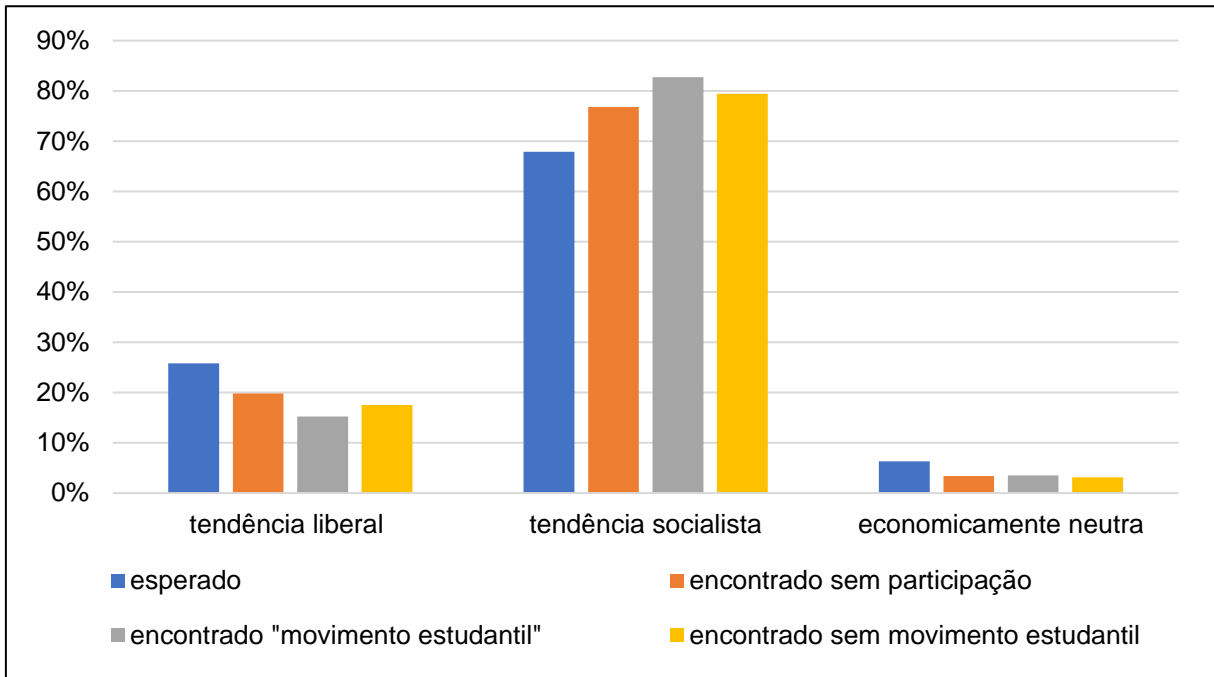
Gráfico 12 – Percentual de marcação tendência econômica x "as coisas geralmente mudam para melhor".



Fonte: Adaptado do projeto residente (2024).

Aqui acontece um movimento sutil (Gráfico 12), mas um pouco diferente do que na mesma questão, mas no eixo político, já que a não participação aparece abaixo do esperado em relação a tendência liberal e acima do esperado na tendência socialista, e a participação um pouco acima dentro do campo liberal e abaixo no campo socialista. Porém é mais um indicativo de que o fenômeno da ideologia neoliberal afeta também na percepção temporal de futuro, e o que acaba minimizando essa percepção otimista é exatamente a participação política.

Gráfico 13 - Percentual de marcação tendência econômica x "as coisas geralmente vão de um extremo a outro".

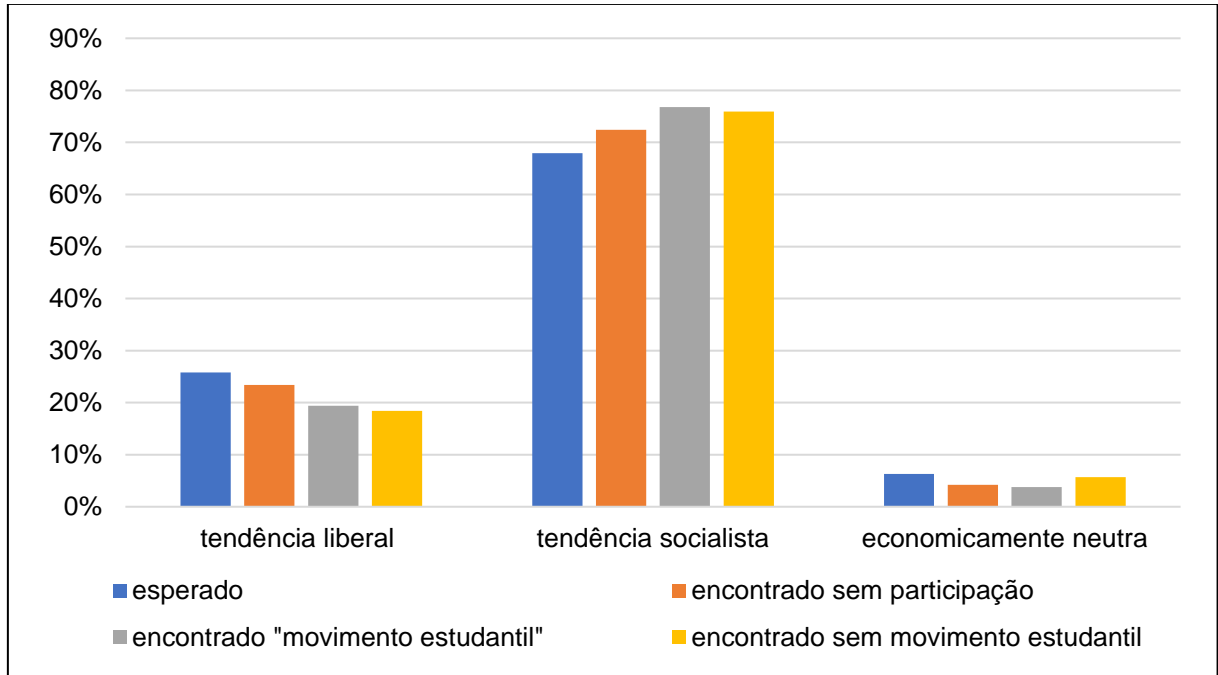


Fonte: Adaptado do projeto residente (2024).

Aqui novamente (Gráfico 13) a participação política acaba sendo um diferencial, onde é possível perceber a movimentação da saída das respostas da tendência liberal, que menor principalmente no movimento estudantil, e que por sua vez é a maior na tendência socialista. Essa relação possivelmente está relacionada a uma memória de lutas recentes, entre vitórias e derrocadas, dentro desse perfil político e econômico a percepção que fica é a de que se vive tempos instáveis e de transformação.

E para concluir essa complementação, trazendo a relação de que mais uma vez há uma tendência maior da percepção liberal de que as coisas estão diferentes, em contra partida, há uma predominância na tendência socialista em entender de que não existem efetivas mudanças na realidade atual, trazendo um tom pessimista para o tempo presente (Gráfico 14).

Gráfico 14 - Percentual de marcação tendência econômica x "as coisas geralmente vão de um extremo ao outro".



Fonte: Adaptado do projeto residente (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do historiador em seu campo de pesquisa, nem sempre é validar suas hipóteses originárias, no caso dessa dissertação, é possível verificar que ela abriu mais questionamentos do que um reforço àquela ideia original. Mas isso, pode ser a preciosidade de um trabalho de pesquisa, já que perguntas e caminhos a serem trilhados geram mais horizonte para novas pesquisa deste e de outros pesquisadores.

O primeiro capítulo demonstra que na confrontação dos dados investigados com a realidade observada, aparece a multiplicidade de participações e experiências de participações políticas. O que gera um ponto de atenção, não é possível apreender todos os sentidos pensados por aqueles estudantes ao escolher determinadas marcações, principalmente no que se referia a opção de participação e não participação política. A criação de grupos entre aqueles que declararam participar e não participar, e mais ainda tendo o movimento estudantil como um elemento agregador, faz refletir sobre o fenômeno dos movimentos sociais e também da não participação política, porque apesar de em algumas questões esse critério de divisão não fazer sentido, apontou como os estudantes estavam organizados com certa coesão dentro de cada grupo.

A consciência política e histórica, ganharam algumas contribuições dentro da reflexão sobre suas possíveis interfaces, principalmente no que se refere ao uso da história e da participação como política como elementos agregadores da identidade, o que nos ajuda a refletir caminhos para o ensino de História, levando em consideração que os estudantes podem, dependendo da sua experiência histórica se enxergar como atuante e um sujeito histórico

Porém a reflexão que finaliza essa dissertação é a que acabou dando o tom das outras já abordadas, refletindo na maneira como a estrutura política e econômica refletem nas respostas de todos os estudantes, mas que dado a participação, a reação a esse impacto acaba se mostrando diferenciado. Continuando na discussão sobre esse impacto, podemos reforçar com a ideia de que o neoliberalismo na sua experiência nacional, enquanto expressão ideológica e formação econômica atual do capitalismo, esconde o mito fundador da “democracia da não violência” de nossa sociedade. A partir da contribuição de Chauí, podemos entender a não violência como um mito fundador, por apresentar, uma narrativa original (contando sobre uma origem que não existiu historicamente), que é real ou se torna real e da sustentação para

ações que o reforçam e renovam em suas expressões históricas (as ideologias). (Chauí, 2012).

Ainda seguindo essa linha, o neoliberalismo expressaria historicamente esse mito da não violência, e por isso, se tornaria um entrave a consolidação da real sociedade democrática: por reduzir a política a competição das eleições, pela supressão do público e crescimento do setor privado. Apesar da violência e da desigualdade ficar escancarada, assumem então as narrativas possíveis para enquadrar o mito na realidade experienciada: eles não fazem parte de nós; foi apenas accidental esse episódio; através das validações jurídicas ou sociológicas: seria característica daquele povo naquele tempo ou “está dentro da lei” então é permitido e por fim a inversão do real afirmando aquela situação não ser violência.

A sociedade democrática, em seu conceito ampliado, onde de fato o poder pertencente ao povo seja entregue a um representante dentro do âmbito eleitoral, mas que também permita a sua potencialidade máxima, expressão que melhor definiria a democracia, a criação de direitos a partir dos conflitos. Essa sociedade seria a única possível para abrigar a possibilidade da mudança histórica, tendo isso como um elemento importante. A partir dessa pontuação de Chauí, podemos pensar uma aproximação com o já discutido no Capítulo 2 dessa dissertação, de como a partir das contribuições de Cerri e Rüsen, algumas expressões da consciência histórica e cultura política se relacionam mais com definição da História enquanto discurso científico. E essa aproximação se dá justamente, por abrigar dentro de si a passagem do tempo e a mudança histórica como elemento principal.

Essas expressões da consciência histórica privilegiariam as participações políticas democráticas, e nesse sentido podemos colocar o neoliberalismo também como um entrave para a própria cultura política democrática, e como consequência disso para o próprio Ensino de História e para a historiografia, que validam esse conhecimento histórico em nossa sociedade, por isso da necessidade constante da luta e da defesa dessa ciência. Do contrário, parafraseando Benjamim em sua sexta tese, eles não cessarão de vencer.

REFERÊNCIAS

- ALMOND, Gabriel y POWELL G. B. **Política comparada**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972.
- ASSIS, Arthur. **A teoria da história de Jorn RÜSEN: uma introdução**. Goiânia: Editora UFG, 2010.
- BAROM, Wilian Carlos Cipriani. **Identidades virtuais, pensamento histórico e vida prática**. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica - CLIO (Recife. Online), vol. 39, Jul-Dez, 2021
- BAROM, Wilian Carlos Cipriani. **Pesquisas na área do ensino da história e o software ibm spss statistics: limites e possibilidades no diagnóstico do conhecimento histórico escolar em grande escala**. História & Ensino, Londrina, v. 25, n. 02, p. 239-268, jul./dez. 2019.
- BORRIES, B. V. **A compreensão histórica dos estudantes: interpretação de um caso singular**. In: SCHMIDT, M. A. M. dos S.; FRONZA, M.; NECHI, L. P. (orgs.). *Jovens e a Consciência Histórica*. 2. ed. Curitiba: W.A. Editores, 2018. p. 55-79.
- BURAK, Solum Donas. **Juventud: una aproximación conceptual. Adolescencia y juventud en América Latina** / Solum Donas Burak, Compilador; Cartago : Libro Universitario Regional, 2001.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- CERRI, L. F. **Dados quantitativos na reflexão didática de estudantes e professores de História**. Revista História Hoje, v. 5, nº 10, p. 138-158 – 2016
- CERRI, L. F. **Tipos de geração de sentido histórico - um ensaio com dados quantitativos**. In: SCHMIDT, M. A. M. dos S.; BARCA, I.; URBAN, A. C. (orgs.). *Passados possíveis: a educação histórica em debate*. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 179-194
- CERRI, Luis F. **“Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história”**. Revista de História Regional 6(2): 93-112, Inverno 2001.
- CERRI, Luis Fernando, CRUZ, Matheus Medanha. **A bncc e o interesse dos jovens pela história: um olhar com dados do projeto Residente**. Revista Transversos. Rio de Janeiro, n. 23, dez. 2021.
- CERRI, Luis Fernando. **Interfaces entre cultura histórica e cultura política**. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, p. 54-76, jan./abr. 2021.
- César Portantiolo Maia1Lilian Maria Pinto Sales. **AÇÃO CATÓLICA E MODERNIDADE RELIGIOSA: UM DEBATE SOBRE A AUTONOMIA DO LEIGO**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 19, n. 34, p. 152-182, ago./dez. 2018
- CHAUÍ, Marilena. **Contra o ódio ao pensamento**. In: LICHA, A. (E.). *Intelectuais e a Univesidade*. Rio de Janeiro: Versus, n.8, agosto, 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Sob o signo do neoliberalismo. In: Cultura e democracia – o discurso competente e outras falas.** 12ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2007

COLE, G.D.H. *Social theory.* Londres: Methuen, 1920.

COSTA, Maria Paula. **PROJETO RESIDENTE: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS AULAS DE HISTÓRIA.** Em: **Seminário Nacional de Didática da História, 12, 2021, Ponta Grossa. Anais eletrônicos...** Ponta Grossa: UEPG; Departamento de História, 2020, p. 00-00. Disponível em <0_ANAIS_XII_SEMINARIO_NACIONAL_DE_DIDATICA_DA_HISTORIA-libre.pdf (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net)>. Acesso em: 08 jan. 2024.

CRIGLER, Ann; MUSSO, Juliet e WEARE, Christopher. **Networks for Civic Engagement? - Neighborhood Councils and Faith Based Organizations in Los Angeles.** American Political Science Association Conference. Washington, D.C. 2005.

GASPAR, Mariana de Sá Gaspar. **Representações e apropriações de livros didáticos de história por estudantes de ensino médio de Guarapuava (2019 - 2021).** 2022. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2022.

GOHN, M. da G. **Conselhos gestores e participação sociopolítica.** 9ª edição. São Paulo: Cortez, 2016

GOHN, Maria da Glória. **TEORIAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO SOCIAL: desafios para a compreensão das desigualdades sociais.** Caderno C R H, Salvador, v. 32, n. 85, p. 63-81, Jan./Abr. 2019

GOMES, Wilson. **Internet e participação política em sociedades democráticas. Revista FAMECOS.** Porto Alegre, nº 27, Agosto 2005, p. 58-78

GROPPO, Luis Antonio. **Juventudes universitárias: participação política e processos educativos em uma universidade do interior de Minas Gerais.** educativa, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 838-859, set./dez. 2016

Jovens católicos brasileiros: presentes e ativos em sua igreja. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 20 n. 2, p. 412-431, dez. 2018 – MARIZ, MESQUITA & ARAÚJO

JANZ , Rubia Caroline. **Relações entre a utilidade do conhecimento histórico e posicionamento de jovens estudantes brasileiros acerca dos governos militares: uma análise quantitativa, a partir dos dados do “Projeto Residente.** Vozes, Pretérito & Devir Ano X, Vol. XVI, Nº I (2023) Dossiê Temático.

KLÜPPEI, Giuvane de Souza. **ENTRE CAMPOS: UMA INVESTIGAÇÃO DE RELAÇÕES ENTRE NACIONALISMO E POSIÇÃO POLÍTICAS NAS CIDADES DE PONTA GROSSA, PRUDENTÓPOLIS E GUARAPUAVA.** Em: **Seminário Nacional de Didática da História, 12, 2021, Ponta Grossa. Anais eletrônicos...** Ponta Grossa: UEPG; Departamento de História, 2020, p. 00-00. Disponível em <0_ANAIS_XII_SEMINARIO_NACIONAL_DE_DIDATICA_DA_HISTORIA-libre.pdf (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net)>. Acesso em: 08 jan. 2024.

KLÜPPEL, Giuvane de Souza. **Raízes de uma "nova nova direita": um estudo sobre a posição política de jovens brasileiros**. Anais eletrônicos do XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, 2020. Disponível em: <1606185210_ARQUIVO_a47d0fcad9d4a41f816711e01db3c467.pdf (abeh.org.br)>. Acesso em: 25 de set. de 2023.

KLÜPPEL, Giuvane de Souza, CRUZ, Matheus Mendanha. **Na contramão dos tempos: jovens brasileiros, visões da história e a política de cotas**. Revista de História Regional 27(2): 748-771, 2022 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>.

LA ROCHE, Fabio López de. **Aproximaciones al Concepto de Cultura Política Convergencia**. Revista de Ciencias Sociales, vol. 7, núm. 22, mayo-agosto, 2000
LASKI, H.J: Trade Unions in the New Society, New York, Viking, 1949. Trad.esp., Los sindicatos en la nueva sociedad(1950), trad. S. Vasconcelos, México, FCE, 1951.

LECHNER, Norbert. **Cultura política y democratización**, Santiago de Chile: CLACSO-FLACSO-ICI. 1987.

LECHNER, Norbert. **Por qué la política ya no es lo que fue?"**, Bogotá: Revista Foro, núm. 29, maio, 1996.

LEVINE, Peter. A Public Voice for Youth: **The Audience Problem in Digital Media and Civic Education. Civic Life Online: Learning How Digital Media Can Engage Youth**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008, p.119-138.

MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo. **Os meios-termos dos mundos: dialética entre sentidos históricos e profissionais de professores-referência dos cursos de história da UECE**. Tese (doutorado acadêmico) – Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da UECE, Fortaleza, 2022. 533 f.

NASCIMENTO , Núbia Costa, ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. **As posturas de estudantes do ensino médio diante de um tema que gera conflito entre ciência e crença: a origem da vida**. REnBio -Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio- ISSN: 1982-1867 -vol. 12, n. 1, p. 95-114, 2019

OLIVEIRA *et al.* **Política e juventude: participação política dos jovens do Sul do Brasil**. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 189-222, set.-dez. 2016
Pinto, Maria Helena Mendes Nabais Faria. **Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente**. Diss. Universidade do Minho (Portugal), 2011.

PRADO, Kelvin Oliveira do, MARQUES, Micheline Alves, NUNES, Gláucia Lilian Portela. In: CERRI, Luis Fernando. **Cultura Histórica, Cultura Política e Ensino em Nuestra América**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2022.

RIBAS, Filipe Pedroso. **História, ensino e juventudes: um estudo de caso sobre a cultura histórica entre os jovens de Piraí do Sul, PR (2017-2019)**. 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020

ROSA, Leandro Amorim. **Ocupações estudantis: um estudo psicopolítico sobre movimentos paulistas em 2015 e 2016**. Tese (doutorado) – Psicologia Social, Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2019, 277f.

ROSA, Leandro Amorim. **Participação Política: diálogos entre consciência política e práxis política**. Psicologia Política. Vol. 15. Nº 33. Pp. 391-403. Maio – Ago. 2015.

RÜSEN, Jorn. **El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral**. Revista Propuesta Educativa, Buenos Aires, Año 4, n.7, p.27-36. oct. 1992. Tradução para o espanhol de Silvia Finocchio. Tradução para o português por Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução: Maria Auxiliadora Schmidt.

RÜSEN, Jörn. **O que é a Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História**. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora, MARTINS, Estevão Rezende. Jörn Rüsen: Contribuições para uma Teoria da Didática da História. Curitiba: W. A. Editores Ltda., 2016

RÜSEN, Jörn. **Os fundamentos do pensamento histórico**, in: Teoria da história: uma teoria da história como ciência. RÜSEN, Jörn; tradução de Estevão C. de Rezende Martins. -Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SADDI, R. **O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada**. Acta Scientiarum. Education , Maringá, jul - dez 2012.

SANTIAGO, H. S., & SILVEIRA, P. H. F.. (2016). **Percursos de Marilena Chaui: filosofia, política e educação**. *Educação E Pesquisa*, 42(1), 259–277. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022016420100201>

ANEXO A – QUESTIONÁRIO DO PROJETO RESIDENTE

ID: _____

Pesquisa – Brasil

1. Sua turma foi escolhida para participar de uma pesquisa envolvendo alunos de vários países da América do Sul.
2. Caso não queira responder o questionário, siga as orientações do seu professor(a).
3. Através deste questionário desejamos saber como os jovens veem a história e conhecer algumas de suas opiniões sobre o presente e o futuro.
4. Durante o preenchimento do questionário, não se preocupe com as respostas dos seus colegas. Concentre-se nas SUAS opiniões e não na maneira como os outros acham que você deveria responder.
5. Algumas perguntas serão mais fáceis para você e mais difíceis para os outros. **Não há resposta certa ou errada**, por isso responda sinceramente. É importante responder a todas as questões, mas se você não souber ou não quiser responder a alguma, deixe em branco e passe às seguintes.
6. Após marcar sua resposta, se notar que se enganou, peça orientação ao coordenador.
7. Se alguma pergunta não estiver clara para você, peça ajuda ao coordenador da atividade, mas de maneira que não atrapalhe seus colegas.
8. O professor não terá conhecimento das suas respostas e suas informações serão tratadas confidencialmente em todas as etapas.

Muito obrigado por sua valiosa participação nesse projeto!

Prof. Dr. L. F. Cerri – UEPG - Coordenador do projeto no Brasil.

<p>1. IDADE</p> <p>O a) menos de 15 anos O b) 15 anos O c) 16 anos O d) 17 anos O e) 18 anos ou mais</p> <p>2. SEXO</p> <p>O a) masculino O b) feminino</p> <p>3. O QUE SIGNIFICA A HISTÓRIA PARA VOCÊ?</p> <p>3.1. Uma matéria da escola e nada mais. <input type="radio"/> discordo totalmente <input type="radio"/> discordo <input type="radio"/> nem concordo nem discordo <input type="radio"/> concordo <input type="radio"/> concordo totalmente</p> <p>3.2. Uma fonte de coisas interessantes que estimula minha imaginação. <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>3.3. Uma possibilidade para aprender com os erros e acertos dos outros <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>3.4. Algo que já morreu e passou e que não tem nada a ver com a minha vida. <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>3.5. Um número de exemplos que ensinam o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau. <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>3.6. Mostra o que está por trás da maneira de viver no presente e explica os problemas atuais. <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>3.7. Um amontoado de crueldades e desgraças. <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>3.8. Uma forma de entender a minha vida como parte das mudanças que se produzem com a passagem do tempo <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4. QUAIS AS FORMAS EM QUE A HISTÓRIA APARECE QUE VOCÊ MAIS GOSTA?</p> <p>4.1. Livros escolares <input type="radio"/> Gosto muito pouco <input type="radio"/> Gosto pouco <input type="radio"/> Mais ou menos <input type="radio"/> Gosto <input type="radio"/> Gosto muito</p> <p>4.2. Documentos e outros vestígios <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.3. Youtubers e vídeos do Youtube <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.4. Filmes <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.5. Novelas e séries. <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.6. Documentários em vídeo <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.7. Falas dos professores. <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.8. Falas de outros adultos (pais, avós) <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.9. Museus e lugares históricos <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.10. Livros não escolares de história ou sobre história <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p>	<p>4.11. Redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram etc.) <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.12. Sites da Internet <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.13. Opinião de historiadores profissionais <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.14. A opinião da maioria <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.15. Memes <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.16. Jogos eletrônicos (games) <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.17. Desenhos animados <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>4.18. Histórias em quadrinhos <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5. QUAIS AS FORMAS EM QUE A HISTÓRIA APARECE QUE VOCÊ MAIS CONFIA?</p> <p>5.1. Livros escolares. <input type="radio"/> Confio muito pouco <input type="radio"/> Confio pouco <input type="radio"/> Mais ou menos <input type="radio"/> Confio <input type="radio"/> Confio muito</p> <p>5.2. Documentos e outros vestígios <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.3. Youtubers e vídeos do Youtube <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.5. Filmes <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.5. Novelas e séries. <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.6. Documentários em vídeo <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.7. Falas dos professores. <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.8. Falas de outros adultos (pais, avós) <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.9. Museus e lugares históricos <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.10. Livros não escolares de história ou sobre história <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.11. Redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram etc.) <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.12. Sites da Internet <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.13. Opinião de historiadores profissionais <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.15. A opinião da maioria <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.15. Memes <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.16. Jogos eletrônicos (games) <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.17. desenhos animados <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p> <p>5.18. Histórias em quadrinhos <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/></p>
---	--

6. O QUE NORMALMENTE ACONTECE NAS SUAS AULAS DE HISTÓRIA?

	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
6.1. Ouvimos as exposições dos professores sobre o passado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.2. Somos informados do que foi bom ou mau, certo ou errado na História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.3. Discutimos diferentes explicações sobre o que aconteceu no passado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.4. Pesquisamos diversas fontes históricas: documentos, fotografias, figuras, mapas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.5. Nós mesmos recordamos e reinterpretemos a História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.6. Ouvimos áudios ou vemos filmes e vídeos sobre História	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.7. Usamos livros escolares, apostilas ou algum outro material (xerox).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.8. Fazemos trabalhos de grupo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.9. Fazemos teatro, visitas a museus, projetos com a comunidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.10. Fazemos buscas e análises de material na internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.11. Produzimos textos, material audiovisual ou digital	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. EM QUE SUAS AULAS DE HISTÓRIA MAIS SE CONCENTRAM?

	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
7.1. Procuramos conhecer os principais fatos da história	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.2. Julgamos os principais acontecimentos da história a partir do ponto de vista dos direitos humanos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.3. Tentamos entender como era a vida no passado levando em conta todos os pontos de vista	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.4. Tentamos compreender o comportamento das pessoas do passado levando em conta o pensamento deles na época em que viveram	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.5. Usamos a História para entender a situação do mundo atual e descobrir as tendências de mudança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.6. Estudamos de forma que seja interessante e incentive nossa imaginação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.7. Aprendemos as tradições, características, valores e a missão da nossa nação e de nossa sociedade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.8. Aprendemos a valorizar os vestígios históricos e as construções antigas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Caso seu professor de História use livro, responda as questões abaixo. Caso contrário, deixe em branco.

8. COMO É USADO O LIVRO DIDÁTICO EM SUAS AULAS E ESTUDOS DE HISTÓRIA?

	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
8.1. Lemos o livro juntos durante a aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.2. O professor usa o livro e alterna com outros materiais e atividades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.3. Estudamos e lemos em casa as partes indicadas pelo professor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.4. O professor explica a matéria e diz o que é mais importante no livro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.5. O professor explica a matéria independente do livro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.6. Usamos apenas alguns capítulos ou partes do livro durante o ano.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.7. Fazemos as atividades e exercícios recomendados no livro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.8. Copiamos partes do livro no caderno.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.9. Usamos vários livros diferentes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.10. Usamos fotocópias de partes de livros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Qual a importância da religião para você?

- a) Não é importante
 b) É um pouco importante
 c) Mais ou menos importante
 d) É importante
 e) É muito importante

10. Qual seu interesse pela política?

- a) Nenhum
 b) Pequeno
 c) Médio
 d) Grande
 e) Muito grande

11. Sobre sua participação social ou política marque as alternativas que se referem ao seu caso. Nesta pergunta você pode marcar mais de uma opção.

- a) Movimento estudantil
 b) Militância político-partidária
 c) Movimentos de reivindicação social (moradia, transporte etc.)
 d) Discuto e compartilho temas políticos nas redes sociais
 e) Grupos de jovens na igreja
 f) Grupos ambientalistas
 g) Movimentos étnicorraciais
 h) Movimentos de identidade de gênero
 i) Movimentos políticos não vinculados a partidos
 j) Não participo de nenhum movimento social ou político

12. Marque a alternativa que traz os acontecimentos da história da América do Sul na ordem correta em que aconteceram:

- a) Época da colonização portuguesa, Tempo em que só havia sociedades indígenas, Período de ditaduras militares, Independências, Impactos da 1a. Guerra Mundial.
 b) Tempo em que só havia sociedades indígenas, Época da colonização portuguesa, Independências, Impactos da 1a. Guerra Mundial, Período de ditaduras militares.
 c) Independências, Período de ditaduras militares, Tempo em que só havia sociedades indígenas, Época da colonização portuguesa, Impactos da 1a. Guerra Mundial.

O d) Época da colonização portuguesa, Independências, Tempo em que só havia sociedades indígenas, Período de ditaduras militares, Impactos da 1a. Guerra Mundial.

O e) Tempo em que só havia sociedades indígenas, Época da colonização portuguesa, Independências, Período de ditaduras militares, Impactos da 1a. Guerra Mundial.

13. QUAL SEU INTERESSE PELO SEGUINTE PERÍODO DA HISTÓRIA:

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Interesse médio	Interesse grande	Interesse total
13.1. Época dos homens primitivos (milhares de anos atrás)	O	O	O	O	O
13.2. Mundo Antigo (da invenção da escrita até o ano 476 d.C.)	O	O	O	O	O
13.3. Idade Média (aproximadamente de 500 a 1500)	O	O	O	O	O
13.4. O período entre 1500 e 1800	O	O	O	O	O
13.5. O período de 1800 a 1945	O	O	O	O	O
13.6. De 1945 até os dias de hoje	O	O	O	O	O

14. QUAL SEU INTERESSE PELOS SEGUINTE TEMAS DA HISTÓRIA:

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Interesse médio	Interesse grande	Interesse total
14.1. A vida cotidiana das pessoas comuns	O	O	O	O	O
14.2. Reis, presidentes e personagens politicamente importantes no poder	O	O	O	O	O
14.3. Aventureiros e grandes descobridores	O	O	O	O	O
14.4. Guerras e ditaduras	O	O	O	O	O
14.5. Culturas de países distantes	O	O	O	O	O
14.6. A formação das nações	O	O	O	O	O
14.7. A conquista do direito de votar e da liberdade de expressão	O	O	O	O	O
14.8. A interferência dos seres humanos no meio-ambiente	O	O	O	O	O
14.9. O desenvolvimento da agricultura, da indústria e do comércio	O	O	O	O	O
14.10. A história de assuntos específicos (por exemplo: a história dos carros, da Igreja, da música, da mulher, da infância, etc.)	O	O	O	O	O
14.11. A história da sua família	O	O	O	O	O

15. QUAL O SEU INTERESSE SOBRE A HISTÓRIA DOS SEGUINTE LUGARES:

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Interesse médio	Interesse grande	Interesse total
15.1. A história da localidade onde vivo	O	O	O	O	O
15.2. A história da minha região	O	O	O	O	O
15.3. A história do Brasil	O	O	O	O	O
15.4. A história de outros países da América Latina	O	O	O	O	O

15.5. A história da Europa e dos Estados Unidos	O	O	O	O	O
15.6. A história da África	O	O	O	O	O
15.7. A história do Oriente (China, Índia etc.)	O	O	O	O	O

16. Que influência você acha que tiveram os seguintes fatores na mudança da vida das pessoas desde 1980 até hoje?

	Nenhuma importância	Pouca importância	Importância média	Muita importância	Importância total
16.1. Invenções técnicas e mecanização	O	O	O	O	O
16.2. Movimentos e conflitos sociais	O	O	O	O	O
16.3. Reis, presidentes e personagens politicamente importantes no poder	O	O	O	O	O
16.4. Reformas políticas	O	O	O	O	O
16.5. Fundadores de religiões e chefes religiosos	O	O	O	O	O
16.6. Desenvolvimento da ciência e do conhecimento	O	O	O	O	O
16.7. Guerras e conflitos	O	O	O	O	O
16.8. Interesses econômicos e concorrência econômica	O	O	O	O	O
16.9. Filósofos, pensadores e pessoas instruídas	O	O	O	O	O
16.10. Revoluções políticas	O	O	O	O	O
16.11. Problemas ambientais	O	O	O	O	O
16.12. Migrações	O	O	O	O	O
16.13. Organização dos trabalhadores	O	O	O	O	O
16.14. Esforço pessoal	O	O	O	O	O
16.15. Cientistas e engenheiros	O	O	O	O	O

17. Que influência você acha que terão os seguintes fatores na mudança da vida das pessoas de agora até 2.060?

	Nenhuma importância	Pouca importância	Importância média	Muita importância	Importância total
17.1. Invenções técnicas e mecanização	O	O	O	O	O
17.2. Movimentos e conflitos sociais	O	O	O	O	O
17.3. Reis, presidentes e personagens politicamente importantes no poder	O	O	O	O	O
17.4. Reformas políticas	O	O	O	O	O
17.5. Fundadores de religiões e chefes religiosos	O	O	O	O	O
17.6. Desenvolvimento da ciência e do conhecimento	O	O	O	O	O
17.7. Guerras e conflitos	O	O	O	O	O
17.8. Interesses econômicos e concorrência econômica	O	O	O	O	O
17.9. Filósofos, pensadores e pessoas instruídas	O	O	O	O	O
17.10. Revoluções políticas	O	O	O	O	O
17.11. Problemas ambientais	O	O	O	O	O
17.12. Migrações	O	O	O	O	O
17.13. Organização dos trabalhadores	O	O	O	O	O
17.14. Esforço pessoal	O	O	O	O	O
17.15. Cientistas e engenheiros	O	O	O	O	O

18. A QUE VOCÊ ASSOCIA A IDADE MÉDIA?

	discordo totalmente	discordo	nem concordo nem discordo	concordo	concordo totalmente
18.1. Uma época obscura e supersticiosa	0	0	0	0	0
18.2. Um tempo de grande influência da Igreja	0	0	0	0	0
18.3. Um período em que os camponeses eram dominados pela nobreza, pela Igreja e pelo Rei	0	0	0	0	0
18.4. Um período romântico de aventura com cavaleiros e donzelas	0	0	0	0	0
18.5. Um tempo de confronto em muitos países europeus entre a Igreja e o Rei	0	0	0	0	0

19. A QUE VOCÊ ASSOCIA O PERÍODO DE COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA?

	discordo totalmente	discordo	nem concordo nem discordo	concordo	concordo totalmente
19.1. Um período de grandes aventureiros (Colombo, Cabral, etc.)	0	0	0	0	0
19.2. Uma missão cristã fora da Europa	0	0	0	0	0
19.3. Grandes impérios de algumas nações europeias	0	0	0	0	0
19.4. O começo de um período de exploração	0	0	0	0	0
19.5. Um esforço europeu para o progresso em outros continentes	0	0	0	0	0
19.6. Desprezo e preconceito com outras culturas (indígenas, negros etc.)	0	0	0	0	0

20. A QUE VOCÊ ASSOCIA A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL?


	discordo totalmente	discordo	nem concordo nem discordo	concordo	concordo totalmente
20.1. O começo da poluição ambiental	0	0	0	0	0
20.2. A origem de melhores condições de vida	0	0	0	0	0
20.3. A invenção de melhores máquinas	0	0	0	0	0
20.4. A acumulação de grandes reservas de capital	0	0	0	0	0
20.5. Cidades superpovoadas e precárias	0	0	0	0	0
20.6. Conflitos entre patrões e empregados	0	0	0	0	0


21. QUE IMPORTÂNCIA TEM PARA VOCÊ O SEGUINTE:


	Nenhuma importância	Pouca importância	Importância média	Muita importância	Importância total
21.1. Família	0	0	0	0	0
21.2. Amigos	0	0	0	0	0
21.3. Lazer / meus interesses pessoais	0	0	0	0	0
21.4. O meu país	0	0	0	0	0
21.5. A minha origem étnica (africana, europeia, indígena ou outra)	0	0	0	0	0


21.6. Dinheiro e riqueza que possa adquirir	0	0	0	0	0
21.7. A minha fé religiosa	0	0	0	0	0
21.8. Democracia	0	0	0	0	0
21.9. Liberdade de opinião para todos	0	0	0	0	0
21.10. Paz a qualquer custo	0	0	0	0	0
21.11. Solidariedade com os pobres do meu país	0	0	0	0	0
21.12. Solidariedade com os pobres de outros países	0	0	0	0	0
21.13. Bem-estar e segurança social	0	0	0	0	0
21.14. Proteção do meio ambiente	0	0	0	0	0
21.15. O número de seguidores na minha rede social digital.	0	0	0	0	0


22. Muitas vezes se olha a história como uma linha do tempo. Qual das seguintes linhas você pensa que descreve melhor o desenvolvimento da história. Assinale uma opção.


O a. As coisas geralmente mudam para melhor 

O b. As coisas geralmente não mudam. 

O c. As coisas geralmente mudam para pior 

O d. As coisas geralmente tendem a se repetir. 

O e. As coisas geralmente vão de um extremo ao outro. 

O f. As coisas acontecem sem nenhum sentido. 

23. COMO VOCÊ PENSA QUE ERA A VIDA NO SEU PAÍS HÁ 40 ANOS?

	Muito dificilmente	dificilmente	talvez	provavelmente	Muito provavelmente
23.1. Pacífica	0	0	0	0	0
23.2. Explorada por um país estrangeiro	0	0	0	0	0
23.3. Próspera e rica	0	0	0	0	0
23.4. Democrática	0	0	0	0	0
23.5. Poluída	0	0	0	0	0
23.6. Agitada por problemas entre ricos e pobres	0	0	0	0	0
23.7. Agitada por conflitos políticos	0	0	0	0	0

24. COMO VOCÊ ACHA QUE SERÁ A VIDA NO SEU PAÍS DAQUI A 40 ANOS?

	Muito dificilmente	dificilmente	talvez	provavelmente	Muito provavelmente
24.1. Pacífica	0	0	0	0	0
24.2. Explorada por um país estrangeiro	0	0	0	0	0
24.3. Próspera e rica	0	0	0	0	0
24.4. Democrática	0	0	0	0	0
24.5. Poluída	0	0	0	0	0
24.6. Agitada por problemas entre ricos e pobres	0	0	0	0	0

24.7. Agitada por conflitos políticos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
24.8. As tecnologias controlarão a raça humana	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
24.9. Facilitada por robôs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. COMO VOCÊ ACHA QUE SERÁ A SUA VIDA DAQUI A 40 ANOS?

	Muito dificilmente	dificilmente	talvez	provavelmente	Muito provavelmente
25.1. Terei um trabalho prazeroso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25.2. Terei uma família feliz e harmoniosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25.3. Terei bons amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25.4. Terei rendimentos elevados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25.5. Terei liberdade política e individual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25.6. Participarei da vida política	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25.7. Terei tempo livre para participar de atividades interessantes de lazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

26. Imagine que você é um homem / mulher do século XVII. Seu pai manda que você se case com a filha / filho de um agricultor mais rico da cidade vizinha. Imagine que você não ama e nem conhece seu futuro esposo / esposa. O que você faria SE ESTIVESSE NESSA ÉPOCA? (Marcar apenas uma alternativa)

- a. Recusaria porque é desumano, imoral e ilegítimo forçar alguém a se casar com quem não se ama de verdade.
- b. Obedeceria, porque o interesse econômico é mais importante do que o amor apaixonado entre mulher e marido.
- c. Iria para um convento ou mosteiro porque a vida religiosa é mais digna do que a vida na sociedade comum.
- d. Aceitaria, porque quase todos os jovens se casam de acordo com a vontade dos pais.
- e. Não aceitaria, porque é um direito natural do indivíduo se casar por amor.
- f. Obedeceria, porque desobedecer aos pais é o mesmo que desobedecer a lei de Deus.

27. ESCREVA O NOME DE 5 PESSOAS DE DESTAQUE PARA A HISTÓRIA DO SEU PAÍS, EM ORDEM DO MAIS IMPORTANTE PARA O MENOS IMPORTANTE

1.
2.
3.
4.
5.

28. Imagine que um dia, no futuro, as populações indígenas e/ ou descendentes de escravos reclamassem uma indenização pelos males que sofreram na construção de nosso país. Quem deverá pagar? (marcar uma alternativa)

- a. O governo com os impostos pagos por todos.
- b. Os mais ricos do país, que se beneficiaram da exploração.
- c. Os países colonizadores que se beneficiaram da exploração.
- d. Ninguém. Não se deve reconhecer o direito a essa indenização.

29. OS TEMAS A SEGUIR SÃO SOBRE ECONOMIA. MARQUE O SEU GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA COM AS AFIRMAÇÕES ABAIXO

	discordo totalmente	discordo	concordo	concordo totalmente
29.1. Se a globalização econômica é inevitável, ela deve servir em primeiro lugar à humanidade, em vez de servir às empresas e bancos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.2. Quanto mais livre é o mercado, mais livres são as pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.3. Controlar a inflação é mais importante do que controlar o desemprego.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.4. Já que as corporações não podem proteger o meio ambiente por iniciativa própria, é necessária uma regulação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.5. Tirar de cada qual segundo sua capacidade, e dar a cada qual segundo suas necessidades é, fundamentalmente, uma boa ideia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.6. A terra não deveria ser uma mercadoria para ser comprada e vendida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.7. É lamentável que tantas fortunas pessoais sejam acumuladas por pessoas que simplesmente manipulam dinheiro e não contribuem em nada para a sociedade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.8. O protecionismo às vezes é necessário no comércio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.9. A única responsabilidade social de uma empresa deveria ser oferecer lucro para seus acionistas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.10. Os ricos pagam muitos impostos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.11. Aqueles que podem pagar mais devem ter o direito de receber tratamento médico melhor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.12. O governo deveria penalizar as empresas que enganam os consumidores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.13. O verdadeiro livre mercado requer restrições à habilidade das multinacionais predadoras em criar monopólios.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.14. O que é bom para a maior parte das corporações bem-sucedidas é sempre, em última instância, bom para todos nós.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.15. Aqueles que são capazes de trabalhar, mas recusam a oportunidade, não devem esperar o apoio da sociedade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.16. Os contribuintes não devem sustentar teatros ou museus que não conseguiriam se manter em uma base comercial.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29.17. Nenhum meio de comunicação deve receber financiamento público.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

30. OS TEMAS A SEGUIR SÃO SOBRE A VIDA SOCIAL. MARQUE O SEU GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA COM AS AFIRMAÇÕES ABAIXO					discordo totalmente	discordo	concordo	concordo totalmente	
30.1. Eu sempre apoiaria o meu país, não importa se estivesse certo ou errado	0	0	0	0					
30.2. Ninguém escolheu nascer em seu país, portanto, é tolice ter orgulho disso	0	0	0	0					
30.3. Toda a autoridade deve ser questionada	0	0	0	0					
30.4. Olho por olho e dente por dente	0	0	0	0					
30.5. Nas escolas, a frequência às aulas não deveria ser obrigatória	0	0	0	0					
30.6. A primeira função da educação escolar deve ser preparar a próxima geração para conseguir empregos.	0	0	0	0					
30.7. Não existem pessoas selvagens e pessoas civilizadas; existem apenas culturas diferentes	0	0	0	0					
30.8. A pena de morte deveria existir para a maioria dos crimes hediondos	0	0	0	0					
30.9. É perda de tempo tentar reabilitar certos criminosos.	0	0	0	0					
31. OS TEMAS A SEGUIR SÃO SOBRE A VIDA INDIVIDUAL. MARQUE O SEU GRAU DE CONCORDÂNCIA OU DISCORDÂNCIA COM AS AFIRMAÇÕES ABAIXO					discordo totalmente	discordo	concordo	concordo totalmente	
31.1. Embora a era eletrônica tenha tornado a vigilância mais fácil, apenas malfetores precisam ficar preocupados	0	0	0	0					
31.2. As mães podem ter carreiras profissionais, mas seu principal dever é o de ser donas de casa	0	0	0	0					
31.3. É impossível ser moral sem ser religioso.	0	0	0	0					
31.4. É importante que a escola de meu filho transmita valores religiosos.	0	0	0	0					
31.5. Um casal do mesmo sexo em uma relação amorosa estável não deveria ser excluído da possibilidade de adotar uma criança.	0	0	0	0					
31.6. Ninguém pode se sentir naturalmente homossexual.	0	0	0	0					
31.7. O aborto, nos casos em que a vida da mulher não está ameaçada, deve ser sempre ilegal.	0	0	0	0					
31.8. A posse de maconha para uso pessoal não deve ser considerada um crime.	0	0	0	0					
32. OS GOVERNOS MILITARES EM NOSSO PAÍS PODEM SER LIGADOS A:					discordo totalmente	discordo	nem concordo nem discordo	concordo	concordo totalmente
32.1. Combate ao terrorismo para manutenção da ordem	0	0	0	0					
32.2. Intenso desenvolvimento econômico	0	0	0	0					
32.3. Tortura e assassinato de opositores	0	0	0	0					
32.4. Não levar em conta a opinião do povo para governar	0	0	0	0					
32.5. Crises econômicas e aumento da dívida externa	0	0	0	0					
32.6. Um período de maior segurança pública	0	0	0	0					
32.7. Um período sem corrupção na política e no governo	0	0	0	0					
33. Quando você toma conhecimento de uma informação nova sobre a História, como você avalia se ela é verdade?									
O a) Não é possível saber se é verdade, porque não existe verdade em História.									
O b) Cada um tem a sua verdade, então tudo pode ser verdade para uns e não ser verdade para outros.									
O c) Verifico se tem base em fontes confiáveis e na opinião dos historiadores e professores de História.									
34. SOBRE OS POVOS INDÍGENAS EM NOSSO PAÍS					discordo totalmente	discordo	Nem concordo nem discordo	concordo	concordo totalmente
34.1. Povos indígenas tem direito à propriedade do território em que viveram seus ancestrais	0	0	0	0					
34.2. Praticamente não há mais índios de verdade, porque a maioria está integrada à sociedade e usa roupas, carros, celulares	0	0	0	0					
34.3. A contribuição das culturas indígenas é equivalente às culturas europeias na formação do nosso país.	0	0	0	0					
34.4. Indígenas foram desfavorecidos na história do nosso país e continuam vítimas de preconceito e discriminação	0	0	0	0					
34.5. Reserva de vagas para índios nas universidades públicas é, em geral, uma boa ideia	0	0	0	0					
35. SOBRE OS POVOS NEGROS EM NOSSO PAÍS					discordo totalmente	discordo	Nem concordo nem discordo	concordo	concordo totalmente
35.1. Comunidades de negros que escaparam da escravidão (quilombos) têm direito à propriedade da terra que tradicionalmente ocupam	0	0	0	0					
35.2. A contribuição das culturas negras é equivalente às culturas europeias na formação do nosso país	0	0	0	0					
35.3. Reserva de vagas para negros nas universidades públicas é, em geral, uma boa ideia	0	0	0	0					
35.4. Negros foram desfavorecidos na história do nosso país e continuam vítimas de preconceito e discriminação	0	0	0	0					
35.5. O período da escravidão em nosso país foi relativamente menos violento que em outros países	0	0	0	0					